





Estranhos
Valores

Antonio Martines Brentan

São Sebastião Pontal - MG

Julho de 2019

Primeira edição | Julho de 2019

Copyright © 2019 *by*
Antonio Martines Brentan

Dados para contato com o autor: Antonio Martines Brentan
Av. São Sebastião, 564 - CEP 38292-000 - São Sebastião Pontal - MG

Copyright © [Todos os Direitos Reservados 2019] Essa obra possui Direitos Autorais reservados ao autor. É expressamente proibida toda e qualquer reprodução [cópia] republicação, transmissão, modificação, adaptação ou qualquer forma de utilização das imagens, textos, documentos, arquivos e fotos, no todo ou em parte, sem autorização prévia [por escrito] do autor ou toda e qualquer utilização considerada abusiva ou indevida deste material será penalizada e sofrerá as sanções previstas em Lei.

Diagramação, Composição e Capa: Marcos Ferreira.

Imagem da Capa: Wilson Granella

Revisão Gramatical: Mariza Ibraim Araújo

...

Impressão e Acabamento:



VIENA GRÁFICA & EDITORA.
Av. Dr. Pedro Camarinha, 31
Santa Cruz do Rio Pardo-SP
T: (14) 3332.1155
www.viena.ind.br

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Estranhos
Valores

Antonio Martines Brentan

São Sebastião Pontal - MG

Fevereiro de 2018

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)
(Realizada pelo autor, São Sebastião Pontal - MG, Brasil)

Martines Brentan, Antonio (Escritor).

Estranhos valores | Antonio Martines Brentan.

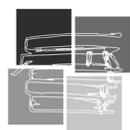
-- São Sebastião Pontal, MG : Edição própria,
1ª ed. julho de 2019.

1. Vida 2. Biografia 3. Valores

4. Experiência de Vida I. Brentan, Antonio
Martines, 1956 II. Título.

Índices para catálogo sistemático:

1. Biografia : Experiência de Vida : Família



Índice

Prefácio.....	9
Minha Eterna Namorada.....	15
Um Poema para Minha Mãe.....	18
Minha Inesquecível Mãe.....	20
Família Rocha	27
Maria Nília Rocha Lima.....	38
Romance Perfeito.....	49
Uma Decisão Acertada	63
A Arte de Ler	68
A Arte de Escrever	78
As Verdadeiras Dificuldades da Vida	83
O “Censo” e o “Bom Senso”	87
Poeta Enrustido	93
Apologia à Morte	114
Para Não Dizer Que Não Falei de Meus Sonhos....	118
Não Vou Mais Trabalhar	125
O Dia em Que Saí de Casa.....	128
Leis Divinas.....	131
Lembranças Indesejáveis.....	136
Uma Fazenda Inesquecível.....	143
Operador de NCR ou Nathional	147
A Rua de Tijolos de Pedra.....	152
Trabalhar é Preciso.....	160
O Catequista.....	165

Um Tio Calabrês.....	171
Confidências do Tio Calabrês.....	176
A Verdade Sempre Aparece.....	185
Quem é o Demônio e Onde se Esconde?	196
Por Que Essa Minha Aversão a Certas Religiões? ..	202
Oscar Julião	208
Uma Longa Noite de Medo	214

Parte II

Outras Pequenas Histórias

Querer e Poder.....	219
A História do Castiçal	223
A Pérola das Pérolas.....	227
Uma Solução Providencial	231
O Poder da Imaginação.....	234
O Inventor do Jogo de Xadrez	239
Deus Escreve Certo, Mesmo por Linhas Tortas	246
Profissões Ingratas.....	252
O Não Que Ensina	256
O Mendigo Indigno	259
Direito de Propriedade	261
Entre a Avareza e o Orgulho.....	264
O Livro da Vida.....	268
Quadrado Triabólico de 900 Casas.....	273

Prefácio

ESCREVER PELO SIMPLES PRAZER de escrever, de revelar acontecimentos, que no momento não saberia dizer o que exatamente, mas com certeza surgirão no decorrer do exercício de esperar assuntos irrelevantes que dormitam em estado de hibernação, e certamente despertarão no momento que se sentirem fustigados pelo agulhão das recordações. Aparecerão como lembranças de acontecimentos que imaginamos mortos e sepultados, mas na verdade não pereceram definitivamente, são brasas sem calor que a ação do vento e o contato do oxigênio da recordação faz incandescer, aflorando com os mesmos ingredientes de outrora, eclodindo na condição de saudosas lembranças de um passado que jamais retornará, restando-nos somente o recurso de relembrar e registrá-los em palavras. Hoje considero que são estranhos valores que compõem o enxoval dos acontecimentos que deram significado a nossa atual existência.

Esses fatos são importantes somente para nós mesmos. Como aconteceram em momentos em que nossa vida era uma sucessão de realizações que não sabíamos como dimensionar o que exatamente significavam, na época não demos a eles a devida importância, mas agora percebemos que foram experiências que gradativamente nos transmitiram lições que nos acompanhariam para sempre. Hoje reconhecemos que somos o produto do ensinamento dessas experiências, digamos insignificantes, que nem todos conseguem avaliar com o mesmo peso o que nos representaram. Agora entendemos que recordar representa reviver de forma especial tudo aquilo que em algum momento foi muito importante.

Alguns desses ensinamentos e experiências procederam de pessoas que consideramos especiais, por serem simples e humildes e muitos até analfabetos, mas dotadas de uma incrível bagagem de sabedoria, assimiladas no decorrer de suas vivências, superando as dificuldades impostas pelos vieses e reveses da vida, sob a influência dos valores temporais inerentes as suas respectivas épocas. Tivemos a felicidade de reencontrar alguns desses espíritos na presente trajetória e a eles nos afeiçoamos naturalmente sem imaginar que eram velhos conhecidos, que em outras oportunidades iniciamos experiências comuns e os desígnios do Alto permitiram que nos aproximássemos para que entendêssemos que os laços das afeições não se rompem com as necessárias separações temporárias, hipótese considerada improvável por aqueles que desconhecem as intrincadas veredas por onde as almas necessitam percorrer para seguir o seu curso em direção a sua evolução.

Outras citações são baseadas em conhecimentos assimilados através de leituras diversas realizadas no decorrer desta mesma trajetória. Desde a adolescência adquirimos o saudável hábito de ler quase tudo que chegava as nossas mãos, impelidos pela necessidade e a vontade de compreender. Outras tantas aprendizagens foram incorporadas através de acontecimentos ocorridos ao longo de nossa juventude, participando ao lado de nosso pai e de outros trabalhadores rurais na labuta do trabalho da roça, auxiliando no limite de nossa capacidade, sem comprometer o desempenho da vida escolar. Como já tivemos oportunidade de registrar, minhas prioridades sempre foram focadas no estudo e no trabalho.

Talvez esse fato seja o diferencial que nos faz portador desta necessidade de escrever, capaz de nos proporcionar essa estranha felicidade, quando rememoramos esses acontecimentos que nunca atribuímos a devida importância, mas agora, quando enxergamos essas ocorrências sob a ótica seletiva da decrepitude que se avizinha, sentimos necessidade de compartilhar e dizer que ainda estão presentes, que essas experiências agregaram em nosso espírito valores sutis, que julgamos imorredouros e compõem o inventário das aquisições mais significativas que realizamos, sentimos que nos acompanharão para onde formos, fazem parte do edifício de nossa personalidade.

Nossos conceitos e valores são particularidades próprias, adquiridas no decorrer de várias existências, como tijolos construídos, amontoados e utilizados um a um

na edificação de um castelo que se encontra inacabado. Hoje somos esse castelo em permanente processo de construção que se sustenta sob a qualidade desses tijolos. E podemos sentir que somos uma fortaleza indestrutível, ou um mausoléu forjado de materiais frágeis, que se desfazem com a simples ação das intempéries.

Considero que a descoberta e a aquisição mais significativa que conseguimos agregar em nosso espírito é a conquista da inabalável fé em Deus, esse escudo particular é inerente a cada um, construído de verdades que nos protegem e nos convencem da imprescindível necessidade de Sua existência, sem essa crença não haveria razão de existirmos. A partir desta conquista lastreamos nossos valores na razão e na coerência de seus ensinamentos, criamos assim as verdades que norteiam nosso modo de pensar. Torna-se mais presente e real, quando Dele fazemos o depositário de todas nossas incertezas, ao reconhecermos que somos seres limitados que precariamente abarcamos o universo de informações que a Ele pertencem, mas um dia com as graças e a magnitude de Seus propósitos o compreenderemos, porque nos fez dotados desse potencial, competindo a nós a missão de desenvolvê-lo.

Outra conquista que realizamos e sentimos que nos fortalece é a confortável convivência com a aceitação da morte, saber que ela é uma realidade inevitável, nos espreguiça, nos sonda e nos acompanha, sem com isso nos intimidar. Ter a consciência de que a cada dia dela nos aproximamos, mas a cada dia ela permite que

continuemos, só exige que não a ignoremos, que a respeitemos e não a esqueçamos. Queiramos ou não, dela não fugiremos. Irrevogavelmente a ela pertencemos. Essa consciência nos faz fortes, indestrutíveis. Mesmo quando, de tempo a tempo, arrebatada a existência física de pessoas próximas que muito amamos, sabemos que apenas cumpre sua função, sendo necessário que uns precedam a outros, mas no futuro nos reencontraremos em outra dimensão, onde já estivemos muitas vezes, estagiando por longos períodos, mas a generosidade das Leis Divinas, que são Sábias e Perfeitas, não permitem que recordemos precisamente. Ao retornarmos sentiremos as emoções do filho que à casa paterna regressa.

Concluimos que somos partículas eternas e indestrutíveis pertencentes a esse contexto cósmico, compete-nos aceitar nossa condição de centelhas, sere-mos eternamente conduzidos por forças imponderáveis cuja potência excede nossa limitada imaginação, e nenhuma outra ação nos extraviará da demorada trajetória rumo ao destino maior que nos espera. Pertencemos a Deus e estamos, queiramos ou não, inseridos em Seus desígnios e propósitos.

Chegará o momento em que todo indivíduo atingirá um estado de consciência e se sentirá cobrado em aprofundar seu entendimento sobre muitos aspectos da vida, é questão de paz interior, são respostas que nos farão mais fortes e melhores. Acreditar no que as outras pessoas dizem acreditar, e querem que também acreditemos, não nos convence, é uma crença alheia sem consistência, frá-

gil e sem vida própria. É necessário que tais crenças sejam por nós mesmos pesquisadas e descobertas, que sejam assimiladas e aprovadas pelo crivo da nossa razão. Isso não significa que atingimos a condição de entendedores, e sim apenas que despertamos para a ingente necessidade de compreender, por nós mesmos, que existem muitas respostas racionais capazes de mostrar a extensão de nossas incompreensões e delas nos convencer, para que possam, pouco a pouco, ser debeladas.

16/10/2018

Minha Eterna Namorada

Sempre tive a sensação
Que te encontraria de repente
Como uma doce lembrança
Como uma estrela cadente

*Você deveria estar por perto
Presentia sua presença
Na multidão te procurava
Mas não te encontrava*

*Era questão de tempo
Em algum lugar, algum dia
Eu te encontraria
Mas você se escondia*

*Te procurei pelas noites
Por veredas e descaminhos
Percorri muitas estradas
Mi feri em espinhos*

*Foi uma longa procura
Foi um longo caminho
Talvez não estivesse perto*

*Em minha busca incessante
Fui procurar bem distante*

*Uma intuição me dizia
Um dia te encontraria
Muitas vezes me enganei*

*Um dia sem esperar
Quando vi alguém passar
Meu coração percebeu
Mas você desapareceu*

*Em uma noite de festa
Te encontrei novamente
Sem perceber nos falamos*

*Como velhos conhecidos
O tempo passou rapidamente
Logo nos despedimos*

*Você olhou nos meus olhos
Aquele olhar me dizia
Agora eu compreendia
Que o grande amor existia*

*A intuição me dizia
Que minha longa procura
Havia chegado ao fim*

*Finalmente eu tinha encontrado
Aquele que seria para sempre
Minha eterna namorada.*

11/11/2018

Um Poema para Minha Mãe

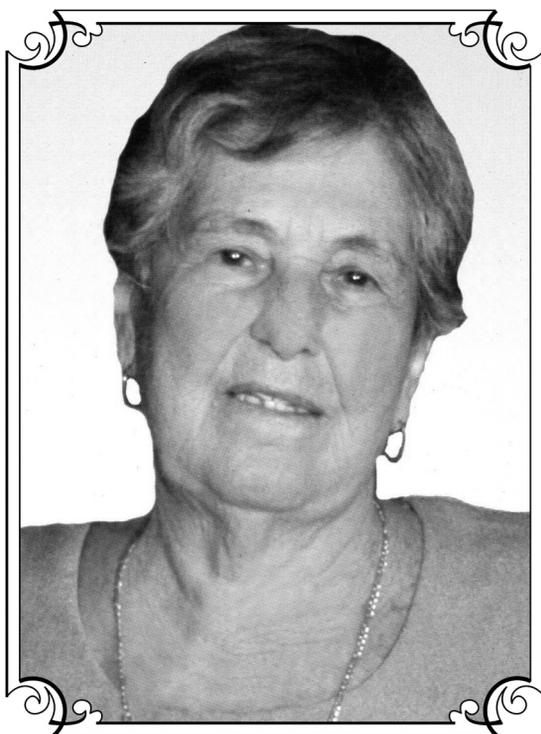
Ontem enquanto ouvia música
Sem entender a razão
Pensava em minha mãe
Sentia que com o passar do tempo
A lembrança de sua imagem
Misteriosamente vinha se apagando
Como uma fotografia envelhecida
Não me recordava precisamente de seu rosto
Nesta madrugada, poucos minutos atrás,
Inexplicavelmente eu a reencontro em um sonho
Senti como se tivesse ouvido meus pensamentos
Então veio ao meu encontro
Percebi que continuava exatamente a mesma
Mesmo jeito de olhar, mesmo sorriso
Estava muito alegre e feliz
Talvez mais rejuvenescida
A melhor e mais linda pessoa que conheci
Sua presença me fez retroceder no tempo
Senti no coração a paz de sua presença
Ao seu lado voltei a ser um menino
Me tratava com o mesmo carinho de sempre
Como se ainda eu fosse sua criança teimosa
Então percebi ser ela
A pessoa mais especial que conheci

*Um turbilhão de boas recordações
Fez aflorar na minha memória
Acontecimentos pertencentes ao passado
Que nunca pensei lembrar
Minha felicidade era tão completa
Comecei a cantar uma canção de que ela gostava
Que reportava justamente ao passado
E ela cantava comigo
A letra dizia dos velhos tempos
Quando nem em sonhos existiam
Pontes sobre rios e asfalto nas estradas
De repente toda nossa família estava presente e cantava
E todos estavam felizes
Quando acordei
Todas aquelas impressões ainda estavam presentes
Lembrei-me de que hoje temos tudo
Quase tudo
Só não a temos ao nosso lado
Mas sei que ainda ela vive
E que um dia nos reencontraremos
Para cantar outras velhas canções
E matar nossa saudade
Minha inesquecível mamãe
Volte quando quiser
No silêncio das noites
Estarei sempre te esperando.*

Madrugada de
29/10/2018

Minha Inesquecível Mãe

HOJE, QUANDO O INVERNO DA vida começa a assoprar a brisa fria, anunciando o início do derradeiro ciclo de nossa atual existência, uma saudade inexplicável nos cobra a necessidade de escrever algumas linhas para exteriorizar o grande amor que sempre senti pela minha mãe. Nesse momento percebo a pobreza de minhas palavras para expressar com legitimidade a grandeza desse amor, que sempre tive dificuldade em lhe confessar, talvez por faltar em mim coragem e humildade. No íntimo, pensava que ela não tinha necessidade de ouvir-me dizendo o quanto eu a amava, pois penso que por afinidade sempre conhecemos a intensidade desse sentimento recíproco. Hoje, quando palavras que sempre foram arredias inexplicavelmente aparecem, quero reve-



Genoefa Alvina Martines

lar através delas que sinto e reconheço que o pouco que sou devo ao seu imenso amor.

Era necessário que eu tivesse uma mãe que fosse forte e determinada como ela. Quando criança tinha dificuldade em interagir com as outras crianças, não aceitava a ideia de que era chegada a hora de ir para a escola, que necessariamente também teria que aprender a ler e escrever como todos. Se não fosse sua determinação e perseverança, poderia ter-se permitido ceder as minhas vontades. Meu pai já havia desistido

de mim, ele estava determinado a me fazer um trabalhador braçal como ele, mas essa ideia era inconcebível para minha mãe. Ela estava decidida a lançar mão de tudo ao seu alcance para que eu me tornasse um homem dotado de mais recursos, capaz de enfrentar os desafios que a vida certamente me apresentaria, mesmo que para isso fosse necessário me trucidar.

Ela perseverou e conseguiu, e eu lhe agradeço a cada castigo por ela perpetrado, não importa se o método usado foi certo ou errado, o importante foi que ela não desistiu de mim, conseguiu a sua maneira me colocar no caminho do entendimento. Agarrei-me como um náufrago naquela vontade materna como se fosse minha própria vontade, a exemplo dela também perseverei, e o mundo aos poucos foi descortinando para mim novos horizontes que fizeram com que pegasse gosto pelo desejo de aprender. O mundo escolar aos poucos foi me socializando, gradativamente foi expulsando o nevoeiro que impedia que compreendesse valores capazes de me transformar para melhor. Impulsionado pelo seu desejo e apoio incondicional continuei perseverando.

Em um segundo momento também difícil para mim, deixei o conforto de nossa casa e de sua imprescindível presença e proteção, aventurei-me por dois anos em casas de tios, casas amigas mas estranhas, com o propósito de dar continuidade àquele nosso objetivo. Depois retornei para nossa casa, junto de minha família, para ficar próximo daquela pessoa maravilhosa que me deu a vida e que agora me ensinava novos valores que facilitariam a minha existência.

Depois de uma longa jornada de lutas e desafios, sempre recebendo seu apoio incondicional, chegou o momento que considerei decisivo para encarar e enfrentar o mundo, movido por uma força íntima que dizia que todo aquele meu esforço não poderia ter sido em vão. O lema de vida de meu pai sempre foi trabalho, e trabalhar duro foi sempre sua razão de viver. Nesse momento ele precisava de meu trabalho, eu sentia que ele não acreditava que pudesse sair e através de outro tipo de trabalho vencer sozinho. Quando estava na iminência de desistir, novamente a personalidade forte de minha mãe se fez presente. Convenceu-me de que deveria ir, de que deveria ao menos tentar; caso fracassasse, aí sim poderia retornar. Aquelas poucas palavras devolveram-me a coragem e a confiança de que necessitava. Fui à luta com a certeza de que não iria decepcioná-la. Como ela acreditou em mim, também perseverei e considero que consegui. Só não imaginava que aquele caminho cada vez me levaria para mais longe e nunca mais retornaria definitivamente. Isso me custou uma perda irreparável, ter vivido a maior parte de minha vida longe de sua presença, somente agora consegui mensurar o vazio que essa ausência significou. Privei-me de conviver com a pessoa mais importante, com a pessoa mais maravilhosa que conheci, aquela que me deu a vida e me fez acreditar que poderia ser um homem forte e triunfar.

Recordo que, nas minhas breves visitas, ela me dizia das noites maldormidas quando perdia o sono e em devaneio me procurava na escuridão de seus pensamentos e no silêncio da noite, imaginando onde eu poderia estar naquele momento. Suas lágrimas abundantes

vertiam dos olhos em incontido pranto de saudades. Sempre soube que fui o filho que lhe proporcionou mais preocupação, pois fiz a difícil opção de aventurar-me pelo mundo como uma ave de arribação em busca de minha realização. Todas as verdadeiras mães instintivamente querem os filhos ao seu redor, mas, quando nos amam muito, permitem que partamos em busca de nossa felicidade, mesmo em detrimento de seu instinto maternal. Saiba que por onde andei, mãezinha, sempre a levei em meu coração e em minha consciência a certeza de que choraria minha ausência, mas suas lágrimas nunca seriam por motivos de desgosto, arrependimento ou decepção, faria tudo ao meu alcance para me tornar o homem que sempre desejou que eu fosse.

Talvez não tenha percebido, mas mesmo à distância recebia os eflúvios desse amor maternal, que me davam força para continuar minha incessante busca, procurando vencer e ser forte. Reconheço não ter retribuído suas preocupações e suas lágrimas, tenho consciência de ter sido também mais um filho relapso. Acho que esse é o sentimento de todo filho, por mais que um filho se esforce jamais conseguirá retribuir à altura a dedicação de uma mãe. Perdoe-me pelas ingratidões cometidas quando minha incompreensão não permitia mensurar o que realmente representava. Minha insensatez não deixava perceber, preocupava-me perceber somente a felicidade que sua presença me proporcionava. Não acreditava que chegaria o dia em que fosse capaz de partir e nos deixar. Mas agora entendo que este acontecimento independe

de nossa vontade, só não imaginava que sua ausência iria doer tanto e me fazer tanta falta.

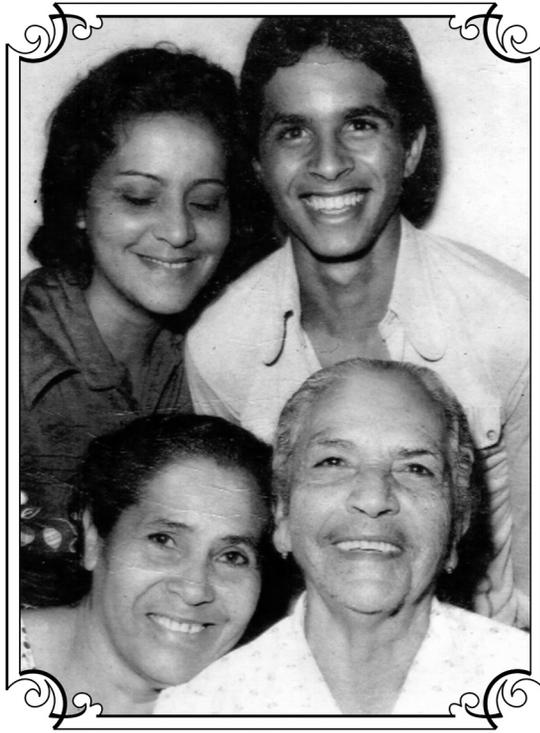
Sei que de onde se encontra pode perceber o que estou sentindo. Saberá que minhas lágrimas são de saudade e arrependimento, que poderia ter feito mais e melhor, pois os filhos só reconhecem o valor dos pais quando eles partem. Hoje posso avaliar que poderia ter sido um filho melhor, mas entendo que essa conduta é própria da ingratidão filial, que tardiamente reconhece que os pais mereciam mais do que receberam.

Muito se fala do amor paternal/maternal e do amor filial, muitos consideram sentimentos semelhantes, análogos em quantidade e qualidade. Hoje entendo que assim deveria ser, mas não é exatamente assim que avaliamos. Falo somente por mim, baseado em minha própria experiência. O amor paternal/maternal é um sentimento presente, não tira férias, não entra em recesso, é constante e permanente, não esmorece nem vacila. O amor filial é descompromissado, inconstante, irresponsável, temperamental. Essa avaliação só é possível fazer quando não temos mais a presença de nossos pais e convivemos com a ausência de nossos filhos. E nessa posição incômoda que hoje nos encontramos, sentimo-nos duplamente desconfortáveis, pois um duplo remorso castiga nossa consciência: a certeza de não ter sido o filho que poderíamos ter sido e a dúvida sobre a qualidade de pais que estamos sendo para nossos filhos. Uma coisa temos certeza absoluta, de que ainda somos seres muito imperfeitos, estamos aprendendo a amar, em lento processo de evolução.

Como nossos filhos hoje já são pais, um dia também passarão por essa experiência, sentirão em suas consciências todo esse drama e entenderão que tentamos fazer o nosso melhor, que nem sempre é o melhor. Temos certeza de que a nossa maneira, em nenhum momento, deixamos de amar nossos pais e nossos filhos. Outra certeza nos conforta: a de que um dia no futuro nos reencontraremos.

Agradeço a Deus pela felicidade de ter me concedido o pai e a mãe que recebi nesta existência, não desejaria nem mereceria pais melhores, a eles sou eternamente agradecido. Como já tive oportunidade de registrar e agora volto a confirmar, eles sempre foram e continuarão sendo meus verdadeiros heróis. Agradeço também a Deus pelos filhos que a mim confiou, não existem filhos melhores. Por tudo isso, considero-me ser uma pessoa privilegiada. Apenas espero estar sendo digno de tantas bênçãos.

30/10/2018



De baixo para cima: Maria Nílvia Rocha Lima, Ana Germana Rocha (mãe), Maria trindade Rocha Lima (filha) e Carlos Alberto Rocha Lima (neto).

Familia Rocha

NA PRIMEIRA METADE DO século passado, na década dos anos trinta, era comum surgir conflitos sociais motivados por diversas razões – agrária, política, coronelismo e até mesmo rivalidades entre famílias tradicionais que por algum motivo se desentendiam, inviabilizando uma convivência pacífica. Chegavam ao extremo do uso de violência na enganosa tentativa de

solucionar essas pendências, prática comum utilizada na época na região norte do estado de Goiás, gerando um clima de insegurança – reflexo de ausência da autoridade do estado, em detrimento da ordem e da paz social.

Uma pequena família, para não se envolver nesses conflitos armados, que sempre resultavam em mortes e mesmo extermínio de famílias inteiras, decidiu abandonar o reduto conhecido como Lontra, na região de Araguaína, e sair sem destino predeterminado para tentar a vida em outra região, onde pudessem trabalhar e levar a vida pacificamente e não houvesse esses conflitos entre vizinhos. A família composta de seis pessoas, o casal e dois casais de filhos, sendo um dos meninos filho adotivo e duas meninas. O patriarca chamado Joaquim André Rocha, ou paizinho para os íntimos, que até então ganhava a vida como caixeiro-viajante, profissão muito comum nas regiões nordestinas naquele recuado tempo. Nos estados da região Sul do Brasil, esta atividade é conhecida como mascate, que consistia em revender diversos tipos de mercadorias, principalmente roupas, aviamentos e utensílios domésticos, que eram transportados no lombo de animais para moradores de pequenas comunidades do interior e propriedades rurais retiradas dos centros comerciais.

A matriarca Ana Germana Rocha, ou mãezinha, o filho mais velho, Nonato Rocha, o filho adotivo, João André Rocha, e as filhas, Maria Nília Rocha e a caçula Rosa Rocha acondicionaram alguns poucos pertences e suprimentos considerados necessários no lombo de alguns

muas e cavalos e iniciaram uma viagem solitária através de trilhas precárias que serpenteavam através dos cerrados e agrestes, vencendo a distância, ora em regiões planas, ora por regiões acidentadas, desviando de morros, pântanos e precipícios, comuns na parte norte da região centro-oeste, sempre avançando na direção sul do estado. O mesmo roteiro percorrido por outro segmento da mesma família Rocha, aproximadamente três anos antes, que segundo informações haviam chegado às terras do estado de Mato Grosso e se fixado numa região conhecida como Tesouro, muito fértil em recursos minerais, onde se concentravam algumas comunidades de garimpeiros que se dedicavam à extração dessas pedras preciosas, o principal meio de subsistência das famílias na época.

Margeando sempre pelo lado esquerdo, em território goiano, lentamente andavam por terra firme seguindo no sentido contrário ao destino das águas do rio Araguaia, que rolam vencendo obstáculos sem conta, recolhendo em seu leito as águas de inúmeros afluentes, até se juntar ao também grande rio Tocantins, que tem sua origem no planalto central do estado de Goiás, e vem zigzagueando na direção norte, rompendo terras no sentido da divisa do estado do Pará com o estado do Maranhão, numa região conhecida como Bico do Papagaio. O volume de água dos dois grandes rios se juntam nesse ponto formando uma única corrente poderosa, sob o nome de rio Tocantins, segue atraído pela topografia ascendente da bacia do ainda maior rio Amazonas, misturando-se assim finalmente às águas do oceano Atlântico.

Os obstáculos em terra firme não eram menores nem menos agressivos, a pequena comitiva cada dia percorria um insignificante trecho da viagem interminável sempre no mesmo sentido, paravam sempre às margens de um ribeirão, sob o abrigo de uma árvore frondosa, enquanto mãezinha preparava o almoço, paizinho dava água aos animais e procurava uma área onde houvesse capim verde para que também se alimentassem. Comiam a ração frugal destinada a cada refeição, depois deitavam em redes ou mesmo sobre o chão batido na sombra acolhedora para descansar os pés maltratados pela longa caminhada, em breve momento estavam em marcha, sob o calor escaldante do sol da volta do dia, ou sob a garoa fina intermitente de um dia chuvoso e frio. Quando a noite se aproximava, escolhiam um lugar seguro, uma clareira às margens de um ribeirão, onde houvesse água em abundância. Enquanto mãezinha preparava o jantar em um fogareiro improvisado sobre pedras, as meninas usavam as enormes pedras que dormitavam no leito dos riachos para bater e lavar as roupas empoeiradas ou enlameadas, paizinho procurava um lugar seguro para os animais pernoitarem. Depois do jantar modesto, a pequena família ficava conversando sobre trivialidades, mãezinha aproveitava esses momentos de descontração para retirar de seu cigarro de palha ou de seu cachimbo uma fumacinha, como ela costumava dizer, enquanto contemplavam a lua e as estrelas que cintilavam no céu da noite iluminada, fazendo planos para quando chegassem ao destino incerto que procuravam.

Antes que a luz do sol iluminasse o dormitório emprestado pela natureza benevolente, os retirantes já haviam feito a primeira refeição do dia, reconstituído os reduzidos petrechos nas devidas cavalgadas e recommençado a caminhada aproveitando a brisa fresca da manhã, sempre em direção à nascente do majestoso rio Araguaia onde deveria ser apenas um pequeno regato, localizada a centenas de léguas daquelas paragens, num divisor de águas onde algumas nascentes influenciadas pelo declive do espigão tomam o sentido sul, em direção à bacia do rio da Prata, daí até o oceano Atlântico, outras o sentido norte, numa região conhecida como Alto Araguaia.

Poucas e pequenas eram as povoações que se encontravam perdidas na imensidão daqueles gerais, ocupados em sua totalidade por matas, campos e cerrados intocados. Apenas pequenas colônias de garimpeiros ousados e aventureiros, usando ferramentas rudimentares, como picareta para retirar o cascalho da rocha, pá para encher e bateia para lavar o material diamantífero no leito dos riachos. Esses homens obstinados, procedentes de várias regiões do território brasileiro, exploravam esses recursos minerais preciosos que a natureza caprichosa oculta nas entranhas das encostas de morros e no leito de pequenos riachos, desafia esse trabalhador astuto a vencer obstáculos de toda sorte, impostos pela mesma natureza e todas as suas intempéries. Quando essas explorações escasseavam e não logravam mais o êxito desejado, parte desses aventureiros se deslocavam sertão adentro em busca de sítios mais promissores, deixando para trás al-

guns perseverantes que por alguma razão ali se fixavam, dando assim início à formação dos povoados que mais tarde se tornaram vilas e hoje são cidades importantes.

Quando nossos retirantes passavam por essas comunidades, interagiam com esses garimpeiros e suas famílias, aproveitavam para descansar e refazer as forças em acomodações mais confortáveis, espécie de estalagem, onde existia pelo menos a proteção de um teto de folha de buriti e uma cama com colchão recheado com capim do campo. Reforçavam os suprimentos de alimentos e munições que escasseavam em entrepostos comerciais de secos e molhados, que existiam para suprir principalmente as famílias dos garimpeiros. Depois das providências e das forças refeitas, davam continuidade à marcha incessante, que estava ainda muito distante de seu término.

A viagem em seu ponto de partida iniciou nessa região do extremo norte do estado de Goiás, conhecida como Lontra, no mês de abril. Depois de oito meses, no mês de dezembro, a família havia percorrido uma distância considerável, encontrava-se estropiada pelas refregas do longo caminho. Depois de superar transtornos, perigos e dificuldades, chegaram a um ponto em que o rio Araguaia recebe a confluência do rio Garças que tem sua origem na região central do estado, no perímetro do espigão do mesmo divisor de águas, onde algumas nascentes tomam a direção sul, outras o sentido norte, denominada Alto Garças, daí vem serpenteando pelos baixios, rasgando as entranhas das terras do estado

de Mato Grosso, até encontrar a calha do rio Araguaia, que por sua vez vem separando as terras dos dois estados. Nesse ponto, na época, existia um princípio de povoação que se ocupava principalmente da exploração dessas pedras preciosas, conhecidas como diamantes ou brilhantes. Local onde hoje existem as cidades de Aragarças, no estado de Goiás, e Barra do Garças, no estado de Mato Grosso. Foi justamente ali que o chefe da pequena comitiva, o Sr. Joaquim André Rocha, deliberou mudar o rumo de sua trajetória, atravessaram para o outro lado do rio Araguaia e se embrenharam na direção oeste do interior do estado de Mato Grosso, procurando pela família de seu cunhado, que segundo informações haviam se fixado em algum ponto dessa enorme região. Depois de mais algumas semanas de caminhada, andando sobre léguas e léguas de terras, ora planas e férteis, ora áridas e acidentadas, a maioria delas devolutas, que a ninguém pertencia legalmente, tiveram a liberdade e o direito de escolher o oásis onde poderiam parar e dizer:

– Aqui fincaremos nossas estacas, demarcaremos nossos limites e construiremos nosso paraíso, onde não haverá atritos nem conflitos. Somente a luta pela sobrevivência, cuja principal arma a ser usada será a disposição de trabalhar duro, construir e prosperar.

Começava desta forma a saga desta comitiva pertencente à família Rocha, em terras do estado de Mato Grosso. Com os recursos abundantes que a natureza pródiga oferecia, a família Rocha, liderada por seu patriarca, Sr. Joaquim André, iniciou a construção de casas

simples para se abrigarem, derrubaram matas para plantar, enfrentando todo tipo de dificuldades que somente os desbravadores pioneiros possuem a coragem e a força necessária para suportar e superar. Por acreditarem e enxergarem que é ali que se encontra a recompensa futura de todo o sacrifício perpetrado no presente. Estimulados pela fé em Deus, a energia da terra, a benevolência do sol e da chuva, que transferem para os braços do homem do campo todo potencial de forças que nada o detém. Então ele luta, produz, persevera e vence.

Não imagina que no decorrer dessas realizações podem ocorrer imprevistos capazes de sustar todos planos e sonhos. Imprevistos que estão aquém do âmbito das previsões e projeções, da imaginação obtusa do homem limitado. A mata que guarda tesouros também esconde perigos que podem impedir que saíamos vencedores.

Quis o destino que a topografia desse oásis escolhido pela família Rocha fosse uma região plana, onde mais tarde seria necessário construir um pequeno campo de aviação que possibilitasse o pouso de pequenas aeronaves, para que o proprietário fosse transportado até hospitais de grandes centros urbanos para receber tratamento médico para aliviar as dores e os sofrimentos causados por uma doença cruel, de difícil tratamento, identificada como pênfigo, que provoca irritação, bolhas e ulcerações na epiderme e derme do corpo humano, conhecida também como fogo selvagem, contraída pelo homem através de seu contato com a vegetação nativa onde se hospeda o agente causador. Somente dessa

forma era possível sua remoção até a cidade de Campo Grande, que na época ainda pertencia ao estado de Mato Grosso, onde existia e até hoje existe um hospital especializado no tratamento dessa moléstia, que, com a graça de Deus, nos dias de hoje se encontra praticamente erradicada.

Por oito longos anos Joaquim André Rocha, o pai-zinho, travou luta ferrenha contra essa enfermidade e assistiu esvaírem pouco a pouco os recursos materiais amealhados pela família Rocha, em anos de trabalho duro. Contam que finalmente tinha conseguido vencer a doença cruel, considerado curado pelos médicos do Hospital do Pênfigo de Campo Grande, depois de permanecer por anos ali internado. Recebeu alta do hospital e se preparava para voltar para casa, resolveu almoçar, nesta refeição ingeriu carne de porco, foi o bastante para fazer ressurgir a doença considerada debelada. Supõe-se que foi por essa razão que a doença retornou muito mais agressiva, de forma letal, não dando nenhuma chance para que voltasse com vida aos seus e revesse o oásis que muitos anos atrás havia escolhido para se estabelecer e garantir o futuro de toda a sua família.

Quando ocorreu o falecimento do patriarca da família Rocha, os filhos já haviam se casado e se encontravam estabelecidos em suas propriedades rurais próximas, trabalhando para criar suas famílias e construir seus futuros, exceto o filho adotivo, João André Rocha. Por razões que a própria família desconhecia, aos dezoito anos de idade deliberou abandonar a famí-

lia e aventurar-se pelo mundo e misteriosamente nunca mais retornou, desvinculando-se definitivamente da família que, segundo informações, muito o considerava e prezava. Com a ausência do marido falecido e do filho solteiro desaparecido, mãezinha, agora viúva e sozinha, foi morar com a família de sua filha Maria, casada com Artur Rodrigues Lima, que morava ausente, trabalhando em garimpos distantes, por considerar esse trabalho mais atrativo e promissor que explorar sua propriedade rural.

Ficou como referência deste segmento da família Rocha, na região, a pessoa do filho mais velho, Nonato Rocha, que, apesar de portador de sequelas da síndrome de poliomielite, conhecida popularmente como paralisia infantil, com o tempo casou-se, constituiu família, conquistou estabilidade econômica e prestígio pessoal, tornando-se um nome importante da política local, sendo eleito para ocupar o cargo de prefeito do município de General Carneiro.

É de conhecimento geral que esta região do estado de Mato Grosso possui considerável população indígena, com várias tribos pertencentes a diversas etnias como: Bororos, Carajás, Tracajás, Xavantes, ocupando de forma geral e desorganizada toda a extensão do vale do rio Araguaia, do lado mato-grossense, até além da Ilha do Bananal. Com a ocupação intensiva de colonizadores provindos da região Sul do Brasil, para desenvolver essas regiões do Centro-Oeste do país, a maior parte composta de campos e cerrados, no final da

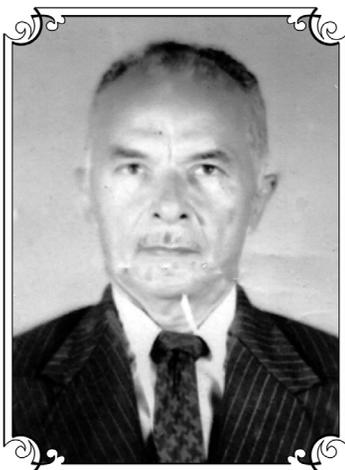
década dos anos sessenta, fomentados por incentivos do próprio Governo Federal, que enxergava nesta biosfera enorme potencial para elevar a produtividade de grãos da nação e expandir as fronteiras da pecuária nacional, para fins de abastecimento interno e o excedente para exportação, criaram várias e enormes reservas territoriais para concentrar e abrigar essas tribos indígenas, justamente para evitar conflitos de natureza agrária.

Quando um pouco mais tarde, já na década dos anos setenta, depois do falecimento de Nonato Rocha, vítima de um acidente de carro, a família seria golpeada financeira e intempestivamente pela desapropriação de todas as suas terras, que foram incorporadas a uma dessas reservas indígenas, sem receberem por isso a devida compensação indenizatória. Em sua memória e pelos bons serviços prestados ao município, Nonato Rocha tem seu nome lembrado em uma das ruas da cidade de General Carneiro.

06/01/2019

Maria Nília Rocha Lima

A MENINA FRÁGIL QUE AO LADO de seus familiares havia realizado aquela odisséia migratória, durante quase um ano, rompendo os gerais sob sol escaldante ou chuva intermitente, trazia em suas pequenas mãos as marcas deixadas pelo fogo em um acidente acontecido no decorrer do tempo e do espaço percorrido. Na memória trazia as lembranças de uma criança que tinha tido uma infância normal, frequentado a escola até o terceiro ano primário, adquirido conhecimento básico elementar que no futuro muito lhe seria útil. Trazia também as lembranças dos sobressaltos gerados pelos conflitos presenciados e a sensação de medo e insegurança que desejava apagar da memória para sempre. Agora naquele novo paraíso, incrustado na imensidão daquele sertão sem limites, sentia que os desafios eram diferentes, era ali que se encontravam



Artur Rodrigues Lima



Maria Nilia Rocha Lima

todos os meios e os obstáculos para construir o seu futuro. Ao lado da mãe, da irmã, do pai e dos irmãos, colaborava doando todo o seu potencial de menina-moça nos intermináveis trabalhos da casa e da fazenda, pensando na possibilidade de, num futuro não muito distante, encontrar um pretendente de seu agrado e constituir também sua família, pois esse é o caminho natural de toda menina da roça, que sempre se casa em tenra idade.

Como era um caminho natural, aos dezesseis anos de idade, Maria, jovem, morena e bonita, já havia encontrado o seu pretendente e se casado. Ao lado de seu marido, Artur Rodrigues Lima, começava uma nova vida. Naquela remota época existiam muitas terras disponíveis e poucos homens decididos a trabalhar duro na terra. Conseguir uma gleba não era difícil, difícil mesmo era sobreviver com o produto da terra naqueles tempos, onde tudo era obtido

com o poder da força dos braços. A nova família, agora Rocha Lima, proliferava rapidamente. Como o Sr. Artur tinha mais vocação e experiência em trabalhos no garimpo de diamante que nas lides da fazenda, que explora basicamente os recursos da agricultura e pecuária, deliberou levar uma vida nômade, trabalhando em diversos garimpos enquanto a família continuaria morando na fazenda, conhecida como Cacimbinha. Ali naquele lugar começava uma segunda odisséia de lutas da agora senhora Maria Nília Rocha Lima. Segundo narrativas dela mesma, as experiências vivenciadas deixaram marcas profundas em seu psiquismo, adquiriu medo terrível de chuvas, aversão completa pela vida na fazenda, considerava tudo muito difícil e perigoso. Por essas e outras não tinha nenhuma saudade dessa época, porque foram muitos os anos sofridos.

Maria Nília Rocha nasceu no dia primeiro de outubro de 1921, casou-se aos dezesseis anos de idade, portanto no ano de 1937. Imaginamos as dificuldades de uma mulher jovem, mãe de algumas crianças ainda pequenas, sozinha em uma casa de taipa de chão batido, cercada pelos cerrados, em uma fazenda perdida na imensidão daquele sertão sem fim, onde havia ausência de toda espécie de recursos e se escondiam todos os tipos de perigos, e ainda tendo como vizinhos uma aldeia de índios, pessoas diferentes em seu estilo de vida, que falavam língua diferente, que de certa forma poderiam despertar comportamentos imprevisíveis, o que não deixava de ser uma preocupação permanente.

Enquanto a Segunda Guerra Mundial se desenrolava em territórios da Europa e se propagava em outros

continentes, os poucos habitantes mais civilizados daquela região do Mato Grosso, como grande parte da população brasileira, seguia sua vida alheia a tudo, travando a dura luta para sobreviver. O rádio, nessa época, um meio de comunicação desconhecido da maioria dos brasileiros, era a única fonte por onde chegavam as notícias da grande guerra fratricida nefasta. O som que Dona Maria ouvia na solidão daquelas noites escuras era o canto agourento das corujas sobrevoando o telhado de folha de buriti e o silvo das cobras, que passeavam pelo terreiro da casa desprotegida, ou os gemidos desesperados, que vinham do banhado próximo, de rãs sendo devoradas nas bocas desses ofídios que existiam em abundância, de toda espécie e tamanho. Nas noites claras de lua, ouvia-se o uivo do lobo-guará próximo à casa, cobiçando as poucas galinhas que se protegiam equilibrando-se no alto dos galhos das árvores do quintal. De vez em quando se ouvia o grito desesperado do leitão, subtraído do pequeno chiqueiro e levado preso nos dentes da onça jaguatirica.

Nas noites tempestuosas de chuvas torrenciais, os relâmpagos rasgavam o céu iluminando o mundo, ofuscando a chama humilde da lamparina a querosene ou da vela de cera, em seguida ouvia-se o estrondo do trovão que ecoava nos paredões das serras mais distantes, sacudindo a terra, fazendo vibrar os poucos utensílios de cozinha guardados na prateleira modesta. Enquanto a torrente de chuva vinha conduzida pela força do vendaval, chegava abundante caindo aos borbotões, lavando o

mundo literalmente. Dona Maria, em orações, abraçava os filhos e instintivamente via ressurgir paralelamente em sua memória os pânicos vivenciados quando menina, dos tiroteios que aconteciam amiúde na rua do vilarejo em frente a sua casa, e rememorava quando mãezinha, sua mãe, envolvia sua pequena prole e se protegiam dos chumbos das cartucheiras e das balas das carabinas que se chocavam e se alojavam nas paredes, nas portas e nas janelas da casa, escondendo-se abraçados atrás de pequenos móveis no interior do quarto de dormir.

Foram mais de vinte longos anos sobrevivendo isolada na faina do dia a dia, recebendo esporadicamente a visita do marido que tinha uma vida errante, envolvido na incansável busca pelos diamantes, vendo os filhos nascerem e crescerem naquele ambiente hostil sem futuro. Ao todo dona Maria teve dez filhos. Os dois mais velhos, Orlando e Carlos Alberto, nasceram em regiões de garimpos quando ela acompanhava o marido em seus locais de trabalho, mas infelizmente não sobreviveram. Os ali nascidos foram oito: Maria Trindade, Albérico, Tereza, Ana Lúcia, Maria Divina, Maria Lúcia, Maristela e Zara Lúcia, todos Rocha Lima. Depois da morte de paizinho, como já relatamos, mãezinha incorporou-se à família de Dona Maria, até o dia em que veio a falecer, no ano de 1980, quando na época Dona Maria residia em Goiânia.

A propriedade rural do Sr. Artur e Dona Maria, conhecida como fazenda Cacimbinha, localizada no município de General Carneiro, ficava próxima à aldeia indígena da etnia Bororo, conhecida como aldeia Me-

ruri, com a qual, segundo Dona Maria, graças a Deus, sempre manteve um relacionamento harmonioso, respeitoso e pacífico. Dona Maria lembrava que ao longo dessa convivência tinha sido madrinha de batizado de algumas crianças indígenas, tornando-se assim comadre dessas mães indígenas. Naquela aldeia, além de uma capela, também existia uma escola mantida e dirigida por padres salesianos, destinada à catequização e alfabetização dos indígenas, onde os filhos dos moradores próximos também podiam frequentar. Foi nessa escola que seus filhos mais velhos foram alfabetizados, com acompanhamento sistemático da mãe, que se preocupava e prezava muito pela educação dos filhos.

Em virtude das dificuldades e da ausência do marido envolvido no trabalho de garimpeiro, Dona Maria entendeu que continuar vivendo naquele local seria um obstáculo para o futuro dos filhos, convenceu o marido a vender a propriedade, com o produto da venda poderia adquirir uma casa em um centro urbano, onde houvesse trabalho e escola para todos. No ano 1964, mudaram-se para Barra do Garças, município promissor, onde as filhas poderiam trabalhar e dar continuidade aos estudos. Como Dona Maria era excelente cozinheira, enxergou nesta nova moradia a possibilidade de montar um refeitório para ajudar no orçamento das despesas da família, que não era pequena. Anos depois construiu alguns cômodos na parte dos fundos da casa, passou a alugar esses quartos a alguns pensionistas. Por quase quinze anos Dona Maria, com mãos e pulsos de ferro, administrou

e conduziu seu pequeno negócio sem depender mais do marido, que trocou definitivamente a família pela busca incessante de encontrar a sorte grande nos garimpos, em detrimento da condição de esposo e pai.

Contam que finalmente Sr. Artur havia encontrado o que procurava. Depois de uma longa jornada de lutas e buscas, conseguira algumas gemas valiosas e tinha a preocupação e o cuidado de levá-las sempre consigo. No mês de agosto do ano 1976, foi surpreendido por um indivíduo que tinha conhecimento de que portava consigo os diamantes. Na tentativa de proteger seu pequeno tesouro e sua vida, inutilmente travou luta corpórea com o meliante que estava armado e determinado, o qual acabou por lhe subtrair os diamantes e por acréscimo de maldade ainda lhe retirou a vida, abandonando seu corpo em um riacho, encontrado dias depois em adiantado estado de decomposição, não permitindo à família condições de lhe proporcionar ao menos um velório e sepultamento digno.

Dona Maria, apesar de estar separada do marido há alguns anos, sentiu-se ainda mais responsável pelo futuro das filhas. No início do ano 1979 arrendou sua pensão e mudou-se para Goiânia, para concluir sua missão, que consistia em formar as filhas solteiras. Montou um pensionato para jovens estudantes que moravam na Barra, em uma enorme casa alugada, localizada no setor universitário, até quando as filhas concluíram o curso superior. Terminada a missão, Dona Maria retorna definitivamente de mudança para Barra do Garças. Depois de realizar uma reestruturação profunda, a velha pensão transformou-se em uma confortá-

vel residência, onde Dona Maria moraria por mais de vinte anos, até falecer, no dia 20 de novembro de 2010, depois de ter completado oitenta e nove anos. Deixou oito filhos, sendo um filho e sete filhas, vinte netos, sendo doze netos e oito netas e muitos bisnetos.

Há de se considerar a luta de uma mulher forte e determinada, que se entregou de corpo e alma para fazer prevalecer a integridade física e moral de sua família, tendo preocupação em direcionar as filhas para o caminho da autorrealização profissional, dando seu próprio exemplo de autonomia, perseverança e responsabilidade.

Avaliamos Dona Maria como uma mulher à frente de seu tempo. No falar e no proceder, dificilmente tecia crítica, julgamento ou comentário desabonador sobre outrem, como já dissemos em outra oportunidade e agora ratificamos. Sobre as pessoas se limitava a comentários de natureza informativa, prezava pela autonomia financeira da mulher, principalmente das filhas, talvez pelo fato de ter sido levada a assumir a responsabilidade de pai e mãe com poucos recursos financeiros, bramindo somente suas armas frágeis de dona de casa. Não se declarava a nenhuma religião especificamente, talvez para não se corromper, preferia estudar e respeitar todas as coisas sagradas e ter sua religião exclusiva, que consistia na adoração a Deus, no amar e respeitar ao próximo e praticar a caridade incondicionalmente como poucos.

Sempre foi autodidata, o tempo lhe deu experiência sobre as pessoas e as coisas da vida, e ela transformou essa experiência em sabedoria, agregando os conhe-

cimentos adquiridos na leitura de uma infinidade de livros que, um de cada vez, por algum tempo, ocupou a cabeceira de sua cama até quando concluiu a leitura, e ela não mais esquecia o que lia. Internalizava esses conceitos que eram utilizados em suas ações e na forma de aceitar as coisas, com consciência e racionalidade. Admirávamos sua lucidez e memória, lembrava-se das datas de nascimento, casamento, falecimento, com precisão absoluta, da maioria dos parentes e pessoas próximas.

Ainda ratificando o que dissemos alhures, Dona Maria dedicou sua vida de corpo e alma a sua família, amava a todos indistintamente, mesmo as indiferenças e ingratidões interpretava como comportamentos normais, de natureza involuntária, motivados por razões justificáveis. Sua filosofia de vida impressionava, exalava simplicidade e sabedoria, conhecedora profunda da natureza humana. Interagia com naturalidade com pessoas de todas as idades, relacionava-se com as pessoas – independente de clero religioso, nível cultural e social – sem nenhum preconceito. Por tudo isso era uma pessoa muito comunicativa, conversava sobre assuntos sérios, agradáveis e coerentes, muito conhecida e querida por todos.

Seus passatempos preferidos, além da leitura habitual diversificada, era cuidar das flores que mantinha nos espaços ociosos de seu quintal e acompanhar religiosamente o desenrolar das histórias das telenovelas, sentada em sua cadeira cativa, em frente à televisão, todas as noites.

Quem não conheceu Dona Maria pode estar se perguntando por que a vida desta mulher aparenta

ser diferente e especial? A resposta talvez se resuma no modo como utilizou sua existência, viveu com simplicidade, em benefício de muitos, sem deixar de lado sua evolução pessoal para melhor, deixando-nos um legado de integridade, sabedoria e exemplos de como devemos proceder para vencer os percalços da vida, frente aos grandes desafios: administrou com sobriedade o rompimento da relação conjugal, absorvendo para si todo ônus da separação; a preocupação de oferecer às filhas solteiras os recursos da educação que as capacitariam profissionalmente para enfrentar a vida dignamente; convivia discretamente com suas dificuldades financeiras, sem reclamar nem solicitar ajuda de terceiros, principalmente dos genros; sua preocupação permanente com a saúde de sua filha Tereza, que sempre recebeu acompanhamento desvelado ininterrupto.

Uma vida de lutas a acompanhou desde a infância, durante toda a existência até seu final. Tornou-se um exemplo a ser seguido por realizar e cumprir com resignação o ciclo de uma existência e obter o reconhecimento unânime de quem a conheceu e acompanhou sua trajetória, de ter simplesmente feito e desejado o melhor para todos.

O motivo que nos levou a rememorar a trajetória de vida de dona Maria, de forma bastante sintetizada, deu-se pelo fato de que, por deliberação de autoridades da administração pública da prefeitura do município de Barra Garças, resolveram eternizar a memória dela, atribuindo seu nome, MARIA NILIA ROCHA LIMA, a um estabelecimento de Ensino Fundamental, que se encontra

em fase de conclusão na cidade, em reconhecimento a sua dedicação e esforço despendido quando se deseja obter e proporcionar conhecimento. É oportuno registrar a atuação em trabalhos correlatos, na área de Educação e Trabalho Social, no âmbito local, ao longo de suas vidas, de vários integrantes da família Rocha, sobrinhos e netos, inclusive seus filhos, Albérico Rocha Lima, Maria Divina Rocha Lima e Maristela Rocha Lima.

13/01/2019

Romance Perfeito

A PRINCÍPIO, QUANDO PENSEI em escrever meu terceiro livro, veio-me à mente escrever um romance que retratasse em detalhes a história de um amor transcendental. Para mim não existe nada neste mundo que nos faça mais felizes que vivenciar um grande amor. Olhando para o passado, não me recordo de ter testemunhado nenhuma relação de amor que chegasse a tanto, chego a pensar que um amor nessa condição está mais para utopia do que para realidade. Embora tenhamos conhecimento da existência de uniões conjugais realizadas entre espíritos afins, também conhecidos como almas gêmeas, sabemos que são casos excepcionais, raríssimos. Sempre tive a impressão de que os casais, apesar do esforço e das concessões mútuas que realizam, desfrutam de relacionamentos conturbados, conseguem revelar no máximo uma relação normal, sem deixar transparecer um clima permanente de felicidade e motivação, sufocado pela dureza das características próprias, inerentes

da posição evolutiva dos espíritos do mundo em que vivemos. Em muitos casos a ausência de compreensão, sinceridade, romantismo e gentilezas de ambas as partes maculam a felicidade dos relacionamentos em suas rotinas, ocasionando desgaste natural perceptível, mas isso não implica que a relação está fadada ao fracasso, pois não existem obstáculos que a força do amor recíproco não consiga superar.

As razões que motivaram esses desajustes adquiridos através de vivências sucessivas, impregnados em nosso psiquismo – como insegurança, ciúme, sentimento de posse, entre outros –, são decorrentes do orgulho e do egoísmo exacerbados cultivados pelo nosso espírito através dessas experiências evolutivas. Inconscientemente encontramos dificuldades imensas para perdoar e superar esses pendores e nos desvencilhar desses sentimentos inferiores que não nos permitem usufruir plenamente desse sentimento benevolente em sua essência, capaz de proporcionar um estado de satisfação e realização que somente alguns privilegiados desfrutam. Dessa forma, vivenciamos nosso amor de forma precária, sem perceber que nos tornamos eternos aprendizes da arte de amar. Entendo que as uniões conjugais ocorrem frequentemente mais com finalidade de equacionar pendências pretéritas que propriamente para satisfazer afinidades recíprocas. Somente o plano espiritual conhece os intrincados caminhos que levaram os espíritos a aceitar e se submeter a esses compromissos desafiadores, com finalidade de sanear equívocos do pas-

sado. Graças à perfeição e benevolência das Leis Divinas que não nos permitem recordar e conhecer os motivos que desencadearam essas razões, mesmo assim nem sempre obtemos êxito, principalmente quando não ocorre engajamento das duas partes em superar esses conflitos, cuja causa geradora pertence aos dois. Nesses casos, a situação tende a complicar-se, tornando-se cada vez mais difícil o resgate.

Talvez uma grande parcela das separações conjugais na atualidade se dá motivada por pendores de natureza comportamental, principalmente da parte masculina. O homem, por considerar-se mais liberal, é inconsequente, vulnerável aos vícios do álcool, das drogas, da jogatina, da infidelidade e da ociosidade improdutiva, que têm o poder de aniquilar sua personalidade levando-o a arrastamentos, comprometendo sua responsabilidade de supridor e chefe. Em detrimento de sua autoridade e a imprescindível condição de ser o esteio da família, se permite fracassar, transferindo sem objeção para a esposa as responsabilidades e o comando, sobrecarregando-a, prejudicando de forma comprometedora todo o contexto familiar e inviabilizando a relação. Nos dias de hoje, dificilmente encontramos uma família em que não haja ao menos um casamento desfeito. Alguém pode considerar que essa conclusão é uma opinião individual precariamente fundamentada. Entendemos que, por força da natureza, a mulher automaticamente assume o comando do lar e o cuidado dos filhos, sendo naturalmente de alçada do homem o gerenciamento

dos negócios e o governo da casa, o que nem sempre consegue cumprir com êxito. Sabemos que todas essas modernidades são consequências da Lei do Progresso mal compreendidas, em que são distorcidas as funções dos cônjuges e alteradas gradativamente, de acordo com as condições e as habilidades de cada um. Os relacionamentos só têm vida longa quando as responsabilidades são reconhecidas e compartilhadas e, acima de tudo, exista comprometimento e amor e o firme propósito de superação de ambas as partes.

Se o homem hodierno tivesse conhecimento das razões que nos levaram a ocupar o lugar que nos localizamos no contexto social e nos diversos aspectos que envolvem nossa existência, principalmente relacionadas as nossas relações mais diretas, dos compromissos que assumimos quanto aos deveres de marido e mulher, de pais e filhos, entre os irmãos de sangue, entre parentes, nossos comprometimentos espirituais seriam evitados ou saneados. Não foi sem um motivo racional que Jesus recomendou que amássemos todos os semelhantes, inclusive os nossos inimigos.

Quando era jovem costumava idealizar mentalmente romances paradisíacos que julgava perfeitos, como os que aconteciam nos filmes e nas telenovelas. Porém, analisando friamente, aquelas histórias fictícias traziam ingredientes decepcionantes e controvertidos. Diante dessa dificuldade, resolvi dar um tempo, quem sabe um dia no futuro escreva um romance, mesmo que seja do tipo convencional, povoado de conflitos e atritos, como

a maioria das histórias hodiernas de amor, que apesar das conturbações quase sempre têm um final feliz.

Olhando para o passado, penso que intimamente todos gostariam de ter vivenciado esse romance ou desfrutado a felicidade de um amor transcendental. Mas chego à conclusão de que isso seria apenas uma pretensão. O ser humano na totalidade é comprovadamente imperfeito, pois traz arraigadas em seu íntimo reminiscências de experiências pretéritas, de relacionamentos que em algum momento tiveram suas trajetórias maculadas por acontecimentos indesejáveis de forma comprometedora, que desaparecerão somente quando esses resquícios forem trabalhados e superados através de processos regeneradores, em reencarnações bem-sucedidas, salvo raríssimas exceções.

A experiência realizada por Deus no jardim do Éden não obteve o resultado que Ele almejava. Os comportamentos de Adão e Eva, guiados pelos seus próprios livres--arbítrios, não aconteceram conforme Deus esperava e de certa forma O decepcionaram. Há de se considerar que as condições da época eram infinitamente favoráveis se comparadas às múltiplas implicações atuais. As tentações existentes naquele paraíso, reveladas de forma alegórica, se resumiam na presença de uma serpente que se intrometia na vida privada do casal e na existência de uma árvore específica que produzia um fruto que sob nenhuma hipótese poderia ser consumido. Sem mencionar que os dois eram espíritos inocentes, que não possuíam um passado a expiar.

Hoje, com a emancipação feminina, na maioria dos países do mundo, a mulher instruída adquiriu, por mérito próprio, valores e direitos que a colocaram em pé de igualdade ao homem, conquistando para si independência econômica, respeito e autonomia nas decisões de sua vida, não aceitando mais a condição de submissão e os desmandos que a autoridade masculina exerceu e a subjugou durante longo período da história da humanidade. Atua em quase todos os campos das atividades, age e procede em posição de igualdade, ocupando cargos e responsabilidades com capacidade e eficiência que não deixa nada a desejar, assumindo todas as responsabilidades de chefe de família, antes uma exclusividade do homem. Acreditamos que esta é uma realidade que tende a se expandir potencialmente. Com esse posicionamento fica bem evidente que não sou machista nem feminista, mas realista, que defendo o ponto de vista de que, se a mulher quiser conquistar essa independência, necessita por seus méritos próprios adquirir competência. Reflexo da Lei do Progresso, que exige da criatura humana, seja homem ou mulher, a imprescindível necessidade de evoluir, que pressupõe adquirir conhecimento em todos os sentidos, cujo caminho é a instrução, não necessariamente a instrução acadêmica, mas sim a orientação moral e espiritual facilmente disponível e tão pouco valorizada e aproveitada.

O Ser mais perfeito que nasceu sobre a Terra foi Jesus Cristo. Os relatos bíblicos revelam que em Sua trajetória terrena amou a todos indistintamente, com

sinceridade e intensidade sem precedentes, mas não consta que em algum momento de Sua breve existência terrena tenha se apaixonado por alguém. Conhecedor da infalibilidade do espírito humano comum, imprevisível e imperfeito, talvez tenha se resguardado de comprometer-se, pondo em risco Sua missão, não obstante relatos que confirmam Seu perfil como sendo o homem mais meigo, apresentável e encantador nascido sobre a Terra. Talvez se tivesse se apaixonado e casado, teria nos dados o melhor e maior exemplo do procedimento dos casais no relacionamento conjugal e na exemplificação da educação dos filhos e se transformado no mais perfeito ícone conjugal que já viveu sobre a Terra, sem prejuízo de Sua gloriosa missão. E isso não O teria feito menor, ou menos perfeito.

A conduta ilibada de Jesus em todos os aspectos inspirou desastrosamente a Igreja Católica a idealizar que seus representantes, exclusivamente do sexo masculino, pudessem desempenhar suas funções atribuindo-lhes uma condição evolutiva que o espírito do homem comum ainda não conquistou. Como a natureza não dá saltos, tal exigência significa querer atribuir ao ser humano comum uma condição de evolução e pureza que somente alguns Espíritos de escol conquistaram, desconhecendo profundamente como se processa a evolução espiritual e deixando patente sua interpretação exclusivista de que o homem que tem sua esposa e seus filhos torna-se indigno de pregar a palavra de Deus. Denigraram dessa maneira o relacionamento entre os sexos,

como se fosse uma perversão ou algo sujo e pecaminoso. Desconsideraram que os continuadores do trabalho de Jesus foram seus Discípulos, pessoas do povo, chefes de família, escolhidos pessoalmente por Ele.

Do mesmo critério se utilizou DEUS, quando escolheu a Noé, depois a Abraão e a Moisés, homens casados, pais de família, para em suas respectivas épocas servirem a DEUS em seus propósitos, orientando parcela da humanidade a seguir em determinadas direções para impedir que toda a sua criação sucumbisse por caminhos tortuosos idealizados pela dissimulação e fraqueza humana, em detrimento de Seus desígnios.

Hoje sabemos que o celibato em si não é sinônimo de pureza e perfeição, mentes viciosas em corpos castos revelam pessoas complexadas e infelizes. Contrariar a ordem da natureza não deixa de ser uma violência que somente os espíritos evoluídos, por opção, têm capacidade de administrar e conviver naturalmente. Principalmente quando essa condição é imposta para atender a interesses pecuniários de outrem, nesse caso, instituições religiosas que não deveriam estar focadas na formação de patrimônios suntuosos, verdadeiros impérios econômicos em detrimento de sua nobre função de orientação espiritual e práticas caridosas em favor de necessitados. Podemos testemunhar a conduta de pastoras e pastores evangélicos, chefes de família, como tantos outros orientadores Espíritas, que desempenham suas funções de cidadãos, trabalham e produzem para a sociedade, recolhem seus impostos, sem prejuízo da nobre

missão de pregar a palavra de Deus, dando testemunho através de seu exemplo de vida, recebendo todo apreço e respeito da sociedade. Em contrapartida, presenciamos através do noticiário policial comportamentos de falsos celibatários, que ocupam diversas posições na hierarquia eclesiástica, protegidos pelo manto conivente da mesma Igreja exclusivista, cometendo desatinos sexuais contra impúberes e outros tantos delitos morais, com o conhecimento de suas esferas superiores, gerando processos judiciais escandalosos, reparados precariamente com o poderio econômico angariado dos próprios fieis da dita Santa Igreja, em detrimento dos comprometimentos morais que permanecerão indefinidamente gravados no psiquismo dessas vítimas inocentes.

Sabemos que perfeito em todos os sentidos somente DEUS. Pelo que sabemos também Se absteve de uma companheira, talvez pelo fato de não pôr em xeque Sua Soberania Suprema. Conhecedor profundo de todas as coisas, saberia, sem dúvida, que ela interferiria em suas decisões, e o mundo certamente não seria o mesmo. Mas em nenhum momento recomendou que fosse assim, ao contrário, ao criar o homem, imediatamente percebeu que ele estava solitário e infeliz, necessitava de uma companheira e dessa forma concluiu a obra mais perfeita de Sua vasta criação. Tudo além são convenções do homem terreno, que pensa que tem autonomia e poder para legislar e contrariar as Leis Divinas, Perfeitas, Eternas e Imutáveis. Essas convenções estão estribadas em práticas que asseguram seus interesses e escondem intenções

tendenciosas, capazes de ludibriar e explorar pessoas incautas.

Quando nos casamos, por força das convenções sociais, somos levados até a presença do padre, diante de muitas testemunhas, fazemos vários juramentos a Deus, assumimos compromissos com chancela de veracidade, que sabemos por antecipação que tudo aquilo se trata de uma formalidade social, que em algum momento da longa história da humanidade foi criada pela igreja com a finalidade de tornar-se mais uma de suas fontes de renda, atribuindo-lhe o status de compromisso sagrado, mas que poderá ser facilmente rompido por qualquer uma das partes caso ocorra um fato relevante, ou por algum motivo que justifique a decisão. Entendemos que um compromisso dessa natureza não deveria ser exatamente nesses termos. Ninguém deveria ser induzido a envolver Deus numa relação que não oferece nenhuma garantia de estabilidade devido ao seu elevado grau de imprevisibilidade, inerente à própria natureza humana. O casamento religioso na atualidade é um acontecimento social pomposo que tem como prioridade revelar ostentação das famílias, recheado de quesitos e paramentos, envolvendo um exagero de artifícios com a finalidade de angariar benesses, em detrimento do sagrado sentido de comunhão espiritual. Geralmente consumado entre jovens que acreditam se amar profundamente, mas desconhecem o significado de um compromisso de longo prazo, onde assumem responsabilidades e desafios que em muitos casos estão aquém de suas capacidades em superar. Além disso, o tempo pode

transformar as pessoas, convivências conturbadas geram desarmonias e incompatibilidades que transformam a relação em verdadeiro martírio de viver e se desfazem automaticamente. Isso quando, em muitos casos, não termina tragicamente em ocorrências passionais que levam, através de procedimentos violentos, a um deles dar fim à vida do outro.

Entendemos que todos os compromissos conjugais deveriam ser felizes e indissolúveis, mas não é o que presenciamos, pois as separações acontecem amiúde por razões nem sempre justificáveis, tornando-se assim o ato cada vez mais um acontecimento banalizado, que de certa forma contribui para desestabilizar a estrutura familiar, abrindo um precedente perigoso para as futuras gerações, que poderão interpretar e adotar como sendo solução fácil, que se conserta uma relação mal sucedida com outra relação qualquer, e assim sucessivamente. O casamento tornou-se um compromisso frágil, tal como os esclarecimentos que recebemos através de prepostos, representantes de suas instituições religiosas. Desconhecem os agravantes cármicos que permanecerão registrados de forma indelével na matriz espiritual, podendo se transformar em ressentimentos indestrutíveis que futuramente carecerão de ser saneados através de experiências reparadoras, perpetuando assim relações conflitantes e sofredoras, situação de expressiva parcela dos casamentos na atualidade.

O casamento é um acontecimento decisivo na vida de toda pessoa, um divisor de água determinante, que

tem o poder de solucionar dívidas espirituais, ao mesmo tempo nos conduzir pacificamente a um mundo de experiências consoladoras, ou nos precipitar em abismos comprometedores. Quando isso ocorre terá de ser equacionado em outras existências, o que emperra sistematicamente a marcha evolutiva, impedindo-nos de usufruir plenamente desse compromisso sagrado natural de origem Divina, instituído com o objetivo de proporcionar felicidade aos cônjuges e aos filhos, possibilitar a perpetuação da espécie, permitindo fluir automaticamente o processo de reencarnação, para nossa longa e necessária missão de ascensão espiritual. Deveria ser consumado após um período de reconhecimento recíproco, desenvolver um amor de verdade, capaz de proporcionar harmonia e felicidade para ambos. Justamente o que Deus esperava quando uniu as figuras hipotéticas de Adão e Eva.

O controle de natalidade não deixa de ser preocupante, principalmente pelos casais estruturados e abastados. Cada vez mais casais limitam a quantidade de filhos, em um, no máximo dois, em muitos casos decidem não procriar, desconhecem as implicações que encontrarão para retornarem ao plano físico, quando estiverem na condição de Espíritos. Sem dizer que esse é um posicionamento ultraegoísta, não fazem ideia da alegria que os filhos nos podem proporcionar e da indescritível felicidade que experimentamos com a presença de netos que garantirão de certa forma a nossa continuidade.

Deus deu-nos o exemplo dos animais irracionais, em sua maioria formada por casais perenes, que são exemplos vivos de harmonia conjugal, compartilham suas responsabilidades perante seus compromissos na preservação da relação e na proteção da prole, às vezes pondo em risco suas próprias vidas.

Quando nos casamos imaginamos que aquela união possui todos os ingredientes capazes de oferecer garantia de felicidade e longevidade. Não obstante estarmos cientes de que deveremos ter muita paciência e fazer muitas concessões, conhecermos a difícil missão de compartilhar até o que não possuímos, inclusive a necessidade de realizar mudanças profundas em nossas convicções, a ponto de influenciar até nosso livre-arbítrio. Mas nos esquecemos de que todas essas experiências nos proporcionam crescimento espiritual e são capazes de gerar a maior felicidade que podemos encontrar nesse mundo.

O período mais difícil do casamento talvez seja o início. Imaginamos que conhecemos nosso consorte, a vida a dois nos leva a descobrir que não conhecemos nem a nós, devido a nossa insegurança e por agirmos de forma possessiva e egoísta. No princípio tudo é incerto e duvidoso, queremos transformar nosso cônjuge; no entanto, a mudança deve iniciar-se por nós mesmos.

Ao longo de nossa vida tomamos decisões, em todas temos a intenção de acertar, nunca fazemos as coisas pensando em errar. Mas quem não comete equívocos?! Muitas vezes agimos isoladamente por entender que conhecemos melhor o problema, mas, quando não acer-

tamos, toda a família sofre as consequências. Considero que comecei a sofrer menos quando decidi compartilhar os problemas e considerar a opinião de minha esposa, pelo menos deixei de me sentir responsabilizado sozinho. Com o tempo descobri que a vida conjugal é um ato muito sagrado e independe de formalidades, é o compromisso espiritual de seres que se amam e compartilham o mesmo projeto de vida, uma sociedade ilimitada solidária, movida por respeito e interesses comuns, capaz de gerar uma série de benefícios a ambos quando descobrimos que a vida se torna mais agradável sendo compartilhada com responsabilidade e comungando os mesmos ideais de vida, sem abandonar a incessante busca pela felicidade.

29/09/2018

Uma Decisão Acertada

QUANDO ME APOSENTEI, VIEMOS morar em São Sebastião do Pontal-MG, mais precisamente em nossa propriedade rural, no Córrego da Formiguinha. No princípio tinha a intenção de entrar para a política, nossa região tem uma deficiência cármica histórica, politicamente falando. Nossos representantes desde longa data foram pessoas literalmente políticas, na concepção da palavra, descompromissadas com os interesses da população e da nossa pequena cidade, mas exímios conhecedores de seus interesses pessoais. Tanto isso é verdade que, quando tivemos oportunidade de ser elevados à categoria de município, faltou engajamento político das lideranças locais para conquistar nossa emancipação, então ficamos literalmente deserdados, na desconfortável condição de distrito do município de Carneirinhos. Há mais de três

décadas somos vilipendiados, surrupiados em nossos direitos elementares. Não possuímos nada de nosso, somos dependentes **ad aeternum** de administrações indiferentes as nossas necessidades, e a mesma inércia e conformismo insiste em se eternizar indefinidamente. Nosso único consolo é lamentar nossa condição de reféns e vítimas de um sistema demagógico, que se autossustenta apoiado pela conviência de nossas lideranças incompetentes e subservientes, preocupadas apenas com seus próprios interesses, em detrimento de nosso desenvolvimento e independência administrativa.

Essa era minha intenção no início, bater de frente e fazer a diferença, mas, depois de ponderar os prós e contras, considerando também a opinião de minha esposa, reconheci minha impotência e incompetência pessoal para peitar e alterar uma situação que hoje reconheço estabelecida e solidificada, sem perspectiva de alteração. Não obstante reconhecer que houve covardia e indisposição de minha parte, concluí que não valeria a pena sacrificar os últimos anos de minha vida, criar desafetos, num projeto que não dependia somente de mim. Dependia de ser eleito pela população, utilizando de método que se encontra em desuso na política, me eleger sem utilizar do poder do dinheiro para conseguir esse objetivo, das pessoas acreditarem em mim, de esferas superiores do poder e de uma série de barreiras burocráticas criadas pelo sistema, para dificultar a promoção de um distrito para a posição de município. Concluí que era muita pretensão de minha parte, não

valeria a pena decepcionar-me, estou velho e considero que realizei com dignidade tudo que me propus fazer até hoje, estou cansado, na hora de preparar meu espírito para o retorno à pátria original. Já que não posso mudar o meu mundo, tento agora mudar a mim mesmo. Um projeto difícil, que independe de outrem, somente de meu próprio esforço, portanto mais viável.

Parei para pensar, fiz um balanço geral dos pendores que dificultam nosso melhoramento. Percebi a necessidade de incrementar mudanças profundas na maneira de levar a vida. Depois de muito ponderar, cheguei à conclusão de que a gama desses pendores é mais expressiva do que imaginávamos, uma tarefa gigantesca para a existência que se finda. Entender as razões de nossa limitada existência. Por que estamos aqui? Até quando estaremos? O que estamos fazendo? São perguntas que somente nós mesmos podemos encontrar as respostas. E as respostas só nos convencem quando nos fornecem informações racionais, das quais não podemos em nenhum momento duvidar. A dúvida não convence ninguém.

Então sentimos que necessitamos dessas respostas, descobrimos a custo que as respostas não estão no mundo material, onde tudo é perecível, transitório e passageiro. É necessário mergulhar em informações que pertencem ao mundo transcendental, onde são descortinadas informações sobre nós e nossa misteriosa existência. Descobrimos que pouco nos conhecemos e pouco nos compreendemos. Não aceitamos naturalmente nossas limitações, nossa ignorância e incompetência.

Vivemos preocupados com a vida material e de outras pessoas, esquecemo-nos de corrigir nossas múltiplas deficiências, começamos a nos analisar e descobrimos que somos seres inacabados, em lento processo de transformação, que a evolução espiritual que efetivamos até agora resultou insignificante, nos faltou esforço e vontade, uma sucessão de oportunidades mal aproveitadas, envolvidos em preocupações efêmeras. De repente percebemos que valorizamos demasiadamente tudo, menos a nós mesmos. Principalmente nosso crescimento moral, intelectual, espiritual, e a vida se esvaindo todos os dias... mais uma existência se findando. Olhamos para o passado, vemos apenas nossas pequenas obras, aí entendemos que são obras sem nenhuma importância.

Considero que a decisão mais acertada no curso desta minha existência foi conhecer a Doutrina Espírita. Sem conhecer o universo dessas informações, essa minha pretensão seria uma missão praticamente impossível. Essas informações possibilitaram os entendimentos mais significativos com relação a nossa razão de viver, como também o que representa uma existência onde temos a consciência de ter agregado valores imorredouros que nos acompanharão para onde formos. As outras conquistas que realizamos perecerão juntamente com nosso corpo físico, poucos valores nos acrescentaram. Tardamente reconheço que perdi muito tempo preocupado com o trabalho e a formação de um patrimônio material, talvez até tenham nos atrapalhado, porque a eles dedicamos o maior tempo da existência. Essas impressões ficarão

mais perceptíveis e transparentes quando realizarmos a grande travessia, mas aí será muito tarde para reconsiderações, estaremos sob outras condições e outra realidade, perceberemos que mais uma vez falhamos e teremos que esperar muito tempo para nova oportunidade. Dessa forma nos tornamos eternamente réprobos reincidentes.

Justifico por que considero que acertei em minha decisão, a política nacional encontra-se corrompida em todos os seus níveis – municipal, estadual e federal. O ambiente político não é o melhor lugar para a pessoa que descobriu a necessidade de elevar-se moralmente. Qualquer pessoa, por mais preparada que se julgue, estará vulnerável aos respingos deletérios que esse ambiente proporciona. A influência da possibilidade de facilidades e benesses pessoais é endêmico/epidêmico e contamina indistintamente, o antídoto é manter-se distante. Não é nossa intenção generalizar, infelizmente a classe política conquistou esse rótulo, todos são suspeitos mesmo aqueles que ainda não prevaricaram, talvez não tenha surgido aquela oportunidade que todo infrator considera perfeita. A simples intenção também compromete. Não queiramos enganar-nos, a ocasião faz o ladrão. Ser previdente também significa não procurar afrontar as tentações. Ser conivente também é uma forma de delito. Perfeito somente Deus e Suas Leis infalíveis. Não queiramos ludibriá-las, seremos julgados pelo tribunal da nossa própria consciência, aí haverá choros e ranger de dentes.

18/10/2018

A Arte de Ler

PARA QUEM NUNCA LEU UM LIVRO, a saga da leitura significa uma empreitada muito difícil, mas, para quem já leu milhares, essa atividade representa tarefa muito simples. Podemos comparar nossa memória a um nevoeiro espesso, à medida que vamos iluminando nossa inteligência com o conhecimento, novos horizontes vão se descorrinando. É como uma noite escura em que, através da leitura, timidamente começa a aparecer a luz do luar. À medida que vamos intensificando nosso conhecimento, vamos percebendo o surgimento de uma luz mais forte. Quando dominamos e interpretamos devidamente as palavras, percebemos uma claridade iluminando todo o nosso caminho. O hábito de ler torna-se uma atividade muito natural, que não mais representa nenhum sacrifício, viajamos nas histórias, e tudo se torna muito divertido e prazeroso.

Conversando com pessoas que conseguiram ler meu primeiro livro, *O tempo não apagou*, senti como

se elas tivessem realizado uma tarefa muito difícil. Para essas pessoas representaram horas de dedicação exaustiva. Quando concluíram a empreitada estavam cansadas, mas felizes e realizadas, como se tivessem executado um feito memorável – era a leitura de seu primeiro livro. Penso que fizeram mais por consideração a mim, pois ganharam o livro. Em contrapartida, assumiram o compromisso e o desafio de ler, uma prova de perseverança e persistência, capacidade e reciprocidade. Certamente pensaram: se ele teve capacidade e paciência para escrever, farei o sacrifício de ler. Para esse grupo reduzido de pessoas, conhecidos e amigos, que não adquiriram ao longo da vida o hábito de ler, representou apenas acender uma tímida lamparina na escuridão da noite. O mais interessante é quando descobrimos, através de seus comentários, que cada pessoa consegue interpretar as coisas de uma forma diferente, de acordo com seu entendimento.

Até então, em nossa concepção, achávamos e entendíamos que todo mundo interpretaria da mesma maneira quando lessem. Mas mediante os comentários descobrimos um vasto universo interpretativo. Possibilitou-me concluir o motivo que leva cada pessoa a agir e se comportar de forma diferente. Daí a necessidade de respeitarmos todas as pessoas e o seu proceder. É dessa forma que elas conseguem enxergar o mundo através de seu entendimento, às vezes um pouco confuso e embaçado, outros mais transparentes, sem dificuldade, com precisão e nitidez. Estou fazendo este comentário não

como crítica, mas como constatação de que até então não havia percebido, pois alguns percebem detalhes intrínsecos que não era exatamente nossa intenção revelar, mas no seu entendimento se revelaram claramente.

Lembro-me, quando criança, de possuímos em nossa casa, que na época era de pau a pique, lá no Córrego do Schimidt, um livro da capa preta, com aproximadamente quatrocentas páginas, muito parecido com a bíblia sagrada. Não tenho a menor ideia de como esse livro apareceu em uma gaveta, deve ter sido trazido pelo meu avô paterno e deixado por esquecimento, pois meu pai não compraria aquela preciosidade, nem mesmo a bíblia possuíamos. Esse livro permaneceu guardado por muito tempo. Depois que aprendi a ler, de vez em quando gostava de pegar aquele livro misterioso e ficava analisando, não havia nenhuma ilustração para dar pista de seu conteúdo, eram muitas as palavras, aquele livro era um enigma a ser interpretado, ficava pensando que informações revelariam aquele universo de palavras. Então como um desbravador, de frente para uma mata fechada, com apenas uma foice nas mãos, me embrenharia por aquele matagal de palavras e descobriria o que escondia aquela intensidade de folhas escritas, sem ter a menor ideia do que poderia encontrar. Um dia decidi abrir o livro e começar a leitura pela primeira página, já imaginando o longo tempo que levaria para chegar até a última. Durante uma hora permaneci absorvido naquela leitura, tinha conseguido ler duas páginas, infelizmente para minha decepção não tinha entendido nada, e o mis-

tério continuava. Vencido pelo cansaço resolvi fechar o livro e guardá-lo em seu lugar costumeiro e ir brincar.

A presença daquele livro de certa forma me incomodava. Caso tivesse de escolher um objeto de dentro de nossa casa certamente escolheria aquele livro, ele me desafiava, deveria conter informações importantes. Quem teria se dado ao trabalho de escrever tantas palavras? Só poderia expressar um conteúdo sério e muito interessante, aquela capa preta lhe imputava respeito e admiração. Passavam-se os dias, a curiosidade levou-me novamente a procurar o objeto misterioso, peguei-o, lia as próximas páginas ou reiniciaria a leitura? Decidi começar novamente. Agora considerava ter em mãos não mais uma foice, e sim um machado bem afiado, entraria naquele matagal de palavras, prestaria atenção em cada uma delas e as interpretaria de verdade. Depois de uma hora concentrado na leitura estava exausto, a pequena clareira que havia feito não me revelara nenhuma informação que pudesse desvendar o que escondia aquele livro misterioso. Muitas foram as tentativas, acabei desistindo dele, descobri que aquelas palavras para mim não faziam o menor sentido, não entravam em minha cabeça, estavam acima de minha capacidade de entendimento.

Depois do episódio fracassado do livro preto, decidi dedicar-me à leitura de meu livro escolar, era um livro da segunda série primária, trazia muitas historinhas simples e curtas, usado em sala de aula para fazer cópias e leituras. Lembro-me de que, quando o usamos pela primeira vez, cada aluno leu um parágrafo da história com difi-

culdade. Acima de cada uma dessas histórias, estampava uma ilustração que refletia com fidelidade os acontecimentos que a história revelava. Como as palavras eram mais fáceis, e com ajuda do vocabulário das palavras mais difíceis, impresso no final de cada lição, o entendimento se revelava mais satisfatório. Então em pouco tempo já conhecia todas as histórias do pequeno livro.

Quando fui morar na casa de meu tio Pedro e minha tia Dolores para cursar a quarta série primária, percebi que era uma pessoa muito desorganizada. Fiquei impressionado com a organização de minha prima Rose, pois todos os seus cadernos, cartilhas, livros e boletins escolares ficavam guardados debaixo de um sofá-cama, desde o seu primeiro ano primário, todos conservados. Percebi que aquele enxoval escolar era seu mundo, seu patrimônio particular, deixou-me expressamente bem entendido que estava proibido de acessá-lo, não tinha credibilidade para compartilhar daquele tesouro. Por ser filha única, sempre teve domínio absoluto sobre suas coisas. Muito diferente da situação lá em nossa casa, éramos cinco irmãos, compartilhávamos nossos pertences sem restrição, o respeito à privacidade não era relevante.

Lembro-me de que em algumas noites, quando não tínhamos aula, como naquele tempo ainda não existia televisão, meu tio e minha tia como entretenimento pedia para Rose ler as historinhas de seus livros escolares. Então ela levantava o assento do sofá, e todo aquele acervo cultural se revelava devidamente guardado e protegido. Todos os seus livros eram diferentes dos que eu havia usa-

do, e suas histórias pareciam mais interessantes. Ela havia estudado na escola rural do Córrego do Sertãozinho, enquanto eu havia estudado na escola rural do Córrego do Schimidt. Acredito que as professoras tinham liberdade em adotar o livro que desejassem. Minha vontade era conhecer o universo de todas aquelas histórias, mas tinha que me contentar em ouvir uma de cada vez, conforme sua vontade. Como minha tia Dolores era espanhola e tinha alguma dificuldade em entender corretamente o português, meu tio, com um carinho especial que lhe era peculiar, explicava em detalhes o conteúdo das historinhas, e todos apreciávamos emocionados. Particularmente eu acreditava que aqueles acontecimentos relatados naquelas histórias tinham realmente acontecido, agora acredito que somente alguns eram verídicos.

Muitas daquelas singelas historinhas traziam inseridas em sua essência ensinamentos verdadeiros, que ficaram gravados para sempre em minha memória, filosofias de vida que de certa forma contribuíram em minhas decisões futuras. Eu gostava de ouvir minha prima lendo em voz alta as histórias, e os comentários elucidativos que meu tio Pedro fazia imputavam importância e seriedade à narração, deixavam transparecer com fidelidade suas opiniões, refletiam seu caráter e sua personalidade de homem sensato, íntegro e responsável, que eu tinha em elevado grau de apreciação. É oportuno registrar que a admiração que tinha pelo meu pai era ainda maior, talvez por considerá-lo mais determinado e arrojado.

O conteúdo das historinhas trazia sempre uma mensagem verdadeira, encerrava sempre com um ensinamento cristão, um provérbio conhecido, um ditado popular, que arrematava o fecho da história. Lembro-me ainda de alguns, como: “As aparências enganam”, “Nem tudo que reluz é ouro”, “Não deixar para amanhã o que se pode fazer hoje”, “Na casa do preguiçoso, sempre há falta de pão, todos choram, todos gritam, porém ninguém tem razão”, “Mais vale um pássaro na mão que dois voando”, “Quem tudo quer, tudo perde”, “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura”, “Deus escreve certo, mesmo por linhas tortas”, etc.

Nessa ocasião conheci o imenso universo das histórias em quadrinhos. Essa era, sem sombra de dúvida, a literatura mais lida e apreciada pela meninada, apesar de ser proibida pelos professores. Eu tinha colegas que eram colecionadores compulsivos dessas revistas e não se furtavam em emprestar-me para ler, mas tudo às escondidas. Caso o professor percebesse a presença de um gibi na sala de aula, era sumariamente confiscado, e seu proprietário ainda sofreria represálias, como fazer várias cópias de uma lição do livro escolar. As de que mais gostava eram: Tio Patinhas, Pato Donald, Pateta, Os três Patetas, A turma da Mônica e outras da mesma categoria, por serem coloridas e engraçadas. Também gostava de ler aquelas em preto e branco, revistas de super-heróis, sempre atuando do lado da justiça, combatendo o crime e os infratores, histórias de aventuras e ações, através de violência, retratando a vida urbana, como: Batman, Zorro, Mandrake, Super-

-Homem, Irmãos Metralhas e outros. Mas não lembro de ter comprado ou possuído nenhum gibí, sei apenas que li uma infinidade deles. Foi justamente nessa época que conheci essas revistas, pois até então, lá no sítio, nunca tinha visto nenhuma.

Gostava quando chegava carta da Espanha, pois a pequena família se reunia à noite para saber as notícias dos parentes de minha tia, que moravam em Barcelona, que de certa forma também eram nossos parentes. Minha tia Dolores era prima em primeiro grau de meu tio Pedro e também de meu pai. Então minha prima Rose abria o envelope emoldurado com tarja vermelha, retirava a carta e em bom espanhol lia compassadamente e em voz alta o teor da mensagem. De quando em quando meu tio fazia um sinal, ela interrompia a leitura, ele fazia alguns comentários ou traduzia alguma palavra que julgava que não conhecíamos o significado. Eu ficava observando minha tia que, de tempo em tempo, enxugava com um lenço uma lágrima que desprendia de seus olhos. Tudo isso parece insignificante, mas ficou marcado indelevelmente em minha memória como uma grata lembrança que me faz sentir saudade de uma época em que meu pequeno mundo começava a se expandir.

Não me recordo desses colóquios culturais noturnos em nossa casa, lá no sítio, no Córrego do Schimidt, talvez pelo fato de ter morado ausente por dois anos para estudar, depois quando retornei continuei estudando à noite. Mas me recordo de que, quando comecei a cursar a segunda série ginásial, meu pai adquiriu de

um vendedor ambulante de livros uma enciclopédia composta de seis volumes. Esses dicionários me acompanharam por toda a vida escolar, era um universo de informações que nos momentos de dificuldades a eles recorria e muito me ajudaram. Inclusive para fazer trabalhos escolares e pesquisas.

Quando meu avô paterno faleceu, nessa época ele morava em São José do Rio Preto (SP), meu pai trouxe de sua casa uma escrivaninha construída de imbuia maciça, era um móvel estilo colonial de boa qualidade e muito bem projetado. Na parte inferior tinha um armário com prateleira para guardar livros, fechada por duas portinhas; na parte superior, outro espaço para guardar cadernos e livros, fechado com uma portinhola que, quando aberta, transformava-se em confortável mesa para estudar e escrever. Dela me apossei com exclusividade, talvez por influência da organização de minha prima Rose, percebi que estava na hora de possuir alguma coisa de meu para guardar meus livros e dispensar a eles o cuidado que mereciam.

Depois, ao me tornar adulto, quando comecei a trabalhar e ter meu próprio dinheiro, passei a adquirir coleções de livros de vários autores nacionais e também traduções de muitas obras da literatura universal. Assim, formei em minha casa pequena biblioteca, em uma estante grande, exposta na sala, que servia também como suporte para televisão. Talvez pelo fato de gostar muito de livros e gostar muito de ler, minha intenção era também que meus filhos adquirissem esse salutar hábito,

por entender que é através da leitura que a pessoa adquire capacidade de interpretação e comunicação e tem a oportunidade de expandir os horizontes dos conhecimentos da vida.

27/08/2018

A Arte de Escrever

PARA DIZER A VERDADE, NUNCA encontrei facilidade com as palavras, mas sempre as admirei. Um texto bem escrito nos dá a sensação de que o autor possui um entendimento cristalino sobre aquele assunto, o que possibilita nosso entendimento. Na escola primária preferia sempre as aulas de aritmética, no ginásio, matemática, que também era conhecida como álgebra. Com os números desfrutava certa intimidade, compreendia-os com facilidade, percebia sem esforço como o universo das quantidades e dos valores se complementam, tudo é exato e inquestionável. Depois apareceram as fórmulas matemáticas, regras inteligentes que, seguidas corretamente, nos fornecem os meios para obter as respostas de que necessitamos. Uma mesma fórmula matemática capaz de solucionar uma infinidade de questões diferentes. Foi aí que comecei a ter dificulda-

de, demorei a entender que a letra “x” sempre representa uma incógnita, que é o objeto que desejamos descobrir. Que a letra “a” sempre se refere ao primeiro valor, e a letra “b”, ao valor sequente. A essa modalidade de cálculo deram o nome de matemática moderna, que hoje não é mais nenhuma novidade, mas de certa forma ainda confunde muitas inteligências.

No curso primário da época, quando começamos a estudar gramática da língua portuguesa, primeiramente aprendemos a fazer cópias de histórias de livros e muitos ditados, depois composição, dissertação, narração, descrição, redação. Eu tinha dificuldade em diferenciar umas das outras. Então escrevia deliberadamente sobre o tema proposto sem me atentar para a modalidade da petição. Mais de uma vez o professor arrancou a folha de meu caderno espiral, alegando que minha produção não correspondia à modalidade solicitada. Então, ao retornar para minha carteira, dava uma paradinha providencial na carteira do colega Maurício Rodrigues, exímio aluno em português, considerado o melhor escritor da sala, e descobria como deveria fazer. Como era muito rápido para escrever, terminava primeiro que muitos colegas. Em meu primeiro livro, O tempo não apagou, descrevo o episódio ocorrido em meu primeiro dia de aula na quarta série primária, intitulado Um lamentável recorde, em que escrevi uma redação com quinze linhas, em menos de três minutos, e não usei nem um ponto, vírgula ou acento. Essa foi primeira folha arrancada de meu primeiro caderno espiral, porque até então só tinha usado cadernos do

tipo brochura. Não obstante as proezas reveladas nessa redação, todas verídicas, meu professor considerou verdadeiros recordes, que hoje considero meu maior fiasco literário. Ou será que não?!

No segundo ano do curso colegial, passei por uma fase poética, influenciado pela leitura de alguns romances e pelo estudo da vida de alguns poetas consagrados e a análise de seus trabalhos. Sentia necessidade de extravasar através das palavras escritas toda aquela emoção e sentimentos que me incomodavam, mas o que consegui produzir não agradou nem a mim mesmo.

Quando comecei a trabalhar no Banco, em Barra do Garças (MT), morava em uma república. Às vezes à noite, quando estava sozinho, costumava escrever cartas de amor para algumas namoradas distantes, nestas cartas procurava expressar e revelar através de palavras um romantismo que sentia, mas tinha dificuldade de confessar pessoalmente. Comecei também a escrever pequenas histórias e poesias. Um dia levei alguns desses trabalhos até a redação do jornal local, pedi para lerem e, se considerassem interessantes, poderiam publicar no jornal. Alguns desses trabalhos foram publicados. Lembro-me de que recebi mais críticas que elogios, principalmente de colegas de trabalho, que foram suficientes para desestimular minha criatividade nascente, pois devido a meus complexos e melindres era facilmente influenciável.

Hoje escrevo deliberadamente sobre minhas lembranças e acontecimentos que considero dignos de registro. Faço questão de usar todos os recursos literá-

rios que possuo, pois não seria coerente deixar de usar tudo que aprendi, afinal leio desde os dez anos de idade, já li milhares de livros. Entendo que para muitos a leitura desses registros é uma tarefa deveras maçante, por pouco interessar e acrescentar. Decidi não mais ter a preocupação em agradar ninguém. Reconheço não ser um escritor, considero que sempre tive menos dificuldade com a matemática, tanto que minha formação superior é nessa área. Escrevo para passar o tempo, pretendo deixar alguma coisa de mim para as pessoas que amo, parentes e amigos, para minha esposa, Zara; meus filhos, Maurício, Clarissa e Fernando; minhas noras, Marcela e Jackeline; meu genro, João Carlos; e principalmente para minhas netas, que por enquanto são três: Alícia, Luna e Lívia. Um dia, quando não mais estiver presente, poderão ler e se lembrar de mim, e não se envergonharem. Saber que o avô, quando criança, não queria aprender a ler nem escrever, mas depois que aprendeu pegou gosto pela leitura e agora sente prazer em escrever suas recordações e registrar as experiências e os conhecimentos que modificaram minha maneira de ver as coisas.

Em meu segundo livro, *Veredas da alma*, logo no início existe um comunicado que explica minha intenção em vender os exemplares para ajudar nas despesas da Casa Espírita Allan Kardec, de São Sebastião do Pontal-MG. Agora reconheço que foi uma decisão infeliz, confesso que consegui vender alguns, mas me arrependi profundamente. As despesas da Casa Espírita não comprometem nossa situação financeira. Então está

decidido que doravante a distribuição de meus livros, independente de quantos forem, será gratuita. A única coisa que espero é que todos que receberem um livro meu façam a caridade de ler. Minha intenção é simplesmente induzi-los à leitura, mesmo que seja para acender uma minúscula chama na escuridão das mentes.

06/08/2018

As Verdadeiras Dificuldades da Vida

QUANDO LECIONAVA EM UMA escolinha rural, no ano de 1975, minha rotina era bem movimentada, lecionava de manhã e à tarde para crianças e à noite para adultos. Próximo à casa onde residia o proprietário da fazenda com sua família, existia um enorme salão usado como depósito para guardar insumos a serem utilizados. Anexo a esse depósito, havia um cômodo de alvenaria espaçoso, que era onde eu morava. Tinha trazido de nossa casa uma cama de solteiro e minha escrivaninha, onde guardava o material escolar, uns poucos livros e cadernos que compunham meu material para preparação das aulas. Dividia esse espaço com a presença de ratos, morcegos e barbeiros, e um monte de sacas de arroz, destinado ao suprimento das necessidades da fazenda. O consumo desse alimento era expressivo, a fazenda

empregava muitos trabalhadores temporários que eram alimentados pela despesa da casa, geralmente homens jovens e de meia idade, procedentes dos estados do Nordeste, que se aventuravam pelo mundo em busca de trabalho braçal. Esses trabalhadores, em número variado de oito ou dez, dividiam outro cômodo anexo ao mesmo depósito pelo lado do fundo, que funcionava exclusivamente como alojamento. A maioria desses trabalhadores eram pessoas humildes, muito simples, que não tiveram oportunidade em suas vidas de aprender a ler e escrever. Nenhuma excepcionalidade, pois nesta mesma fazenda e nas vizinhas moravam vários adultos nessa mesma condição, o que nos motivou a criar um curso noturno para essa finalidade, a pedido desses mesmos moradores.

Uma tarde depois da aula me encontrava no quarto fazendo plano de aula para o dia seguinte, quando apareceu na porta um senhor, trazia um envelope nas mãos, percebi que desejava dizer-me alguma coisa. Pedi que entrasse, ofereci minha cadeira para que se sentasse e me sentei na cama. Muito constrangido, sentou-se e falou com dificuldade:

— Recebi pelo correio uma carta de minha família, que mora na Bahia. Gostaria que o senhor lesse para mim, nenhum de meus companheiros sabe ler. O senhor me faria esse favor?

— Claro, sem problema.

Passou-me o envelope que já se encontrava aberto, retirei a carta e comecei a ler o conteúdo. Quem escrevia a carta era seu filho de dez anos, que frequentava a esco-

la. A carta era praticamente um bilhete, umas dez ou doze linhas. O filho comunicava ao pai o nascimento da irmã, dizia que tinha ocorrido tudo bem no parto e que o nome da criança seria Esmeralda, como era seu desejo, caso fosse menina. Quando terminei a leitura, percebi que o homem tinha os olhos umedecidos pelas emoções sentidas. Agradeceu-me muitas vezes antes de sair, me ofereci para responder a carta, caso desejasse. Disse que gostaria imensamente de dizer que estava feliz pelo nascimento da filha, mas não tinha pressa não, poderia ser em um dia em que eu estivesse desocupado. Então respondi:

— Na hora que o senhor quiser.

Passados três dias, numa tarde depois que cheguei da escola, estava deitado, ouvindo música em meu rádio de pilha, percebi a presença de alguns deles na porta de meu quarto. Queriam que escrevesse cartas, uns para a esposa, outros para a mãe e outros para a namorada. Traziam um bloco de papel de correspondência e um calhamaço de envelopes. Disse que poderia ser naquele momento mesmo, que entrasse um por vez e fosse me dizendo tudo que gostaria que escrevesse. Escrevia como se fosse ele mesmo, acrescentava alguma informação para que a mensagem ficasse mais descontraída. Depois de concluído, lia todo o teor para que aprovasse e entregava sua carta no envelope, já endereçado. Daí a um mês chegava uma avalanche de cartas, com as respectivas respostas. Aos poucos ia conhecendo através dessas particularidades as dificuldades e os dramas pessoais daquelas pessoas simples e humildes, com pro-

blemas íntimos complexos, que estavam distantes, mas não deixavam de preocupá-los. Mesmo assim demonstravam permanente alegria de levar a vida.

Essa experiência me fez enxergar o quanto ignoramos as verdadeiras dificuldades da vida. Às vezes me ofereciam até dinheiro para pagar pelo que consideravam um difícil trabalho. Dizia que não era nenhum trabalho, era um prazer, que minha vontade seria ensiná-los a ler e escrever. Uma conquista que equivocadamente consideravam acima de suas capacidades de realizar.

Felizmente, na maioria dos países do mundo, a nódoa do analfabetismo já foi erradicada, um direito elementar do cidadão, uma das muitas responsabilidades que nosso Estado ainda negligencia, e o analfabetismo permeia em todos os estados da Federação, sendo considerada calamitosa a incidência nas regiões Norte e Nordeste, podendo ser comparada à situação dos países do continente africano. Uma condição injustificável e vergonhosa para uma nação reconhecida mundialmente como potência econômica, como é o nosso Brasil.

12/10/2018

O “Censo” e o “Bom Senso”

O ANO ERA O MESMO FATÍDICO 1972, digo fatídico devido ao fato de que nesse ano aconteceram diversas ocorrências que de certa forma ficaram gravadas em minha memória como recordações que me acompanharão para sempre. Estudávamos no segundo ano colegial, o professor de sociologia, estilo liberal, gostava de inovar. Não sei como consegui um mapa da cidade, que revelava a composição física da área urbana, toda dividida pelas ruas, formando os quarteirões, inclusive das periferias. Apurou o número de quadras habitadas, dividiu pelo número de alunos da sala. E apresentou-nos seu projeto: faríamos uma estatística socioeconômica da população da cidade. Depois de realizado todo o trabalho, os dados obtidos seriam manipulados para traçarmos o perfil do nível social e cultural dos habitantes urbanos de Santa Albertina.

O questionário foi formulado pelos alunos com sua supervisão, envolvia todos os aspectos da vida social

das famílias, informações genéricas do tipo IBGE, não comprometia as particularidades nem a privacidade das pessoas. Concluído o trabalho em sala de aula, foram mimeografadas as perguntas em um formulário. Foram definidas as quadras para cada aluno de forma equitativa e sigilosa, através de sorteio, municidados os alunos com o material da pesquisa. Orientou-nos sobre a forma de abordagem, explanou a finalidade da pesquisa, dizendo que se tratava de um simples trabalho de escola. Caso o dono da casa se recusasse a responder às perguntas, a orientação era não insistir, apenas identificar a residência com a observação recusou-se e dar sequência na próxima casa. O trabalho deveria ser feito de preferência em dia não útil, tipo domingo pela manhã, para não atrapalhar a rotina das famílias.

Nessa época era comum nas pequenas cidades existir a zona do meretrício, uma ou mais quadras destinadas exclusivamente a esse tipo de prestação de serviço, então era praxe nessas quadras não existir casa de família. Santa Albertina não era uma exceção, a zona se localizava em uma região afastada, pouco habitada, próximo ao estádio de futebol. Iniciou-se intensiva especulação entre os alunos para se descobrir quem teria sido o felizardo ou a azarada sorteada para executar a pesquisa em lugar, digamos, impróprio. Como cada aluno recebeu seu roteiro, era uma informação privativa, só se revelaria se a pessoa assim quisesse.

Quando identifiquei minhas quadras no grande mapa, como conhecia a cidade como as palmas das mãos, imedia-

tamente localizei o local onde realizaria minhas pesquisas. Quatro quadras contíguas às margens da última rua, conhecida popularmente como rua Boiadeiro, na região do Buracão. Sabia através de comentários escusos que nessa região também havia um pequeno cabaré clandestino. Eram três casas, sendo duas de frente para a rua Boiadeiro e uma nos fundos. Eram ocupadas por umas dez mulheres, procedentes dos estados do Nordeste, mais precisamente de Sergipe, que sabidamente exerciam com exclusividade essa função. Como era um bordel de segunda categoria, parte da população local e de meus colegas ignorava a sua existência, por isso não houve curiosidade em se descobrir quem seria o encarregado sorteado para a pesquisa dessa região.

Discretamente comecei a realizar meu trabalho em um domingo de manhã. No princípio, devido a minha insegurança, era recebido pelos chefes de famílias com certa indiferença. Como explicava minuciosamente a finalidade do trabalho, no decorrer da entrevista já nos sentíamos mais à vontade, quando terminava já éramos como velhos conhecidos. E assim prossegui meu trabalho, em nenhuma casa fui impedido de fazer a pesquisa, inclusive considero que em todas fui muito bem recebido, até cafezinho me ofereciam, propositadamente deixei para o final as três casas, que poderiam ser classificadas como casas de má reputação, ou na categoria de casas de tolerância.

Mais de uma vez cogitei a possibilidade de usar a prerrogativa que poderia lançar mão, a observação recusou-se, mas um misto de desafio e curiosidade me

instigava a conhecer a intimidade daquele ambiente proibido para pessoas como eu, que na época contava com dezesseis anos. Era a oportunidade de conhecer a intimidade de um ambiente que só me seria permitido aos dezoito ou vinte e um. Não saberia dizer exatamente quando esse acesso me seria outorgado por direito. Como era um trabalho de escola não podia omitir em cumpri-lo, decididamente eu tentaria fazer meu dever.

Em um domingo pela manhã, depois de ter ensaiado e me preparado emocionadamente a semana toda, estava batendo à porta da primeira das casas. Os moradores ainda estavam todos dormindo, o expediente do sábado à noite deveria ter sido puxado. Estava quase desistindo quando ouvi um movimento dentro da casa, alguém girou a chave na fechadura, um homem de cor, só de cueca, abriu meia porta, e disse:

— O que você quer?

— Quero falar com a dona da casa.

Nesse instante ouvi uma voz de mulher, perguntando:

— Quem é, meu bem?

— Um rapazinho querendo falar com você.

— Deixe entrar, que já vou.

Abriu a porta e as janelas da sala e, juntamente com a luz daquela manhã de sol, penetramos no ambiente, que se revelou normal, porém desarrumado, com roupas, garrafas e pontas de cigarros espalhados pelo chão. Sentei em uma cadeira próxima de uma mesa e fiquei aguardando, perscrutando o ambiente. Como o rapaz desapareceu, imagino que voltou para a cama. Aos

poucos percebi que o ar daquele ambiente estava impregnado de um cheiro que misturava perfume barato, fumaça de cigarro e odor de bebidas diversas, que não saberia identificar. De repente uma senhora morena, de uns quarenta anos, aparentando envelhecimento precoce, vestida com uma camisola azul-clara transparente, apareceu em uma porta que dava acesso à sala, e disse:

— Bom dia!

— Bom dia! A senhora me desculpe, não deveria ter vindo tão cedo.

— Que horas são?

Olhei o relógio e disse:

— Mais de dez horas.

— Não é cedo não, já passou da hora de levantar. O que você gostaria mesmo?

Comecei a explicar o motivo de minha presença. Concordou em responder às perguntas balançando a cabeça, sentou-se em outra cadeira, começou a responder as minhas perguntas com naturalidade.

Através de suas respostas foi se descortinando o universo de informações que envolvia a vida das moradoras daquela casa. Aquela senhora era a chefe da casa, com ela moravam duas filhas. Quando perguntei suas profissões, respondeu-me:

— Aqui funciona um prostíbulo meio irregular, mas coloca aí que somos empregadas domésticas.

Logo apareceram mais duas moças, a mais velha, que deveria ter uns vinte anos, aparentava sinais de adiantado estado de gestação, a mais nova talvez não

tivesse ainda dezoito anos. Ambas vestiam camisolas iguais às da mãe, se aproximaram da senhora por trás, abraçando-a carinhosamente, e uma delas perguntou:

— O que ele quer, mãezinha?

— Está fazendo um trabalho de escola. Vai coar o café para a gente tomar.

Continuei com as perguntas e anotando as respostas. Em poucos minutos terminei a entrevista. Naquele momento já tinha descoberto o perfil econômico-social das pessoas daquela casa. Despedi-me da senhora agradecendo-lhe a gentileza e me desculpendo pelo transtorno da visita. Saí daquela casa e fui embora, não tive ânimo nem coragem para entrevistar as moradoras das outras duas residências, utilizei-me da prerrogativa, a expressão recusou-se.

A impressão que tive era muito diferente da que imaginei a princípio. Sob aqueles tetos se desenrolavam dramas existenciais de pessoas que se sentiam e eram realmente discriminadas pela sociedade por terem feito a difícil opção de ganhar a vida da maneira que todos imaginam fácil e prazerosa, mas o que percebi foi que aquelas mulheres, mãe e filhas, eram uma pequena amostra do universo de mulheres infortunadas que são conduzidas pelas dificuldades da vida, submetendo-se a humilhações aviltantes e degradantes, impostas por uma profissão ultrajante, em que são levadas a vender seus corpos e sua dignidade em troca simplesmente da reles subsistência.

11/10/2018

Poeta Enrustido

REPORTANDO-ME PARA O INÍCIO da década dos anos setenta, quando morávamos em uma chácara, próximo a Santa Albertina, no estado de São Paulo, eu era um jovem de quinze anos, me vestia e me apresentava igual aos outros jovens como eu. Apesar das implicações de meu pai, gostava também de usar os cabelos cobrindo as orelhas. Intimamente atravessava momentos de muitas incertezas, ao mesmo tempo começaram a surgir muitas preocupações. Projetava para meu futuro situações de muitas realizações, conquistas improváveis, que de certa forma estavam aquém de minhas possibilidades. A realidade em que vivia apresentava muitas dificuldades, minha vida presente em relação ao futuro oferecia situações e desafios que julgava acima de minha capacidade em superá-los. Um jovem adolescente, estatura mediana, corpo magro e maltratado, queimado pelo sol, mãos calejadas pelo cabo da enxada e do enxadão, ferramentas de trabalho usadas todos os dias, me ocupava

com os intermináveis trabalhos que surgiam em nossas duas propriedades rurais, sempre na companhia de meu pai e de meu irmão mais novo. Na época da colheita de algodão e amendoim, juntamente com esse meu irmão, o Carlito, eventualmente saíamos a pé ou de charrete para trabalhar nesses serviços para vizinhos próximos ou para outros relativamente distantes, sobrecarregados com os trabalhos de colheita, mediante pagamento pelos serviços prestados, que era calculado conforme nossa produtividade.

Durante a noite exercíamos a condição de estudantes, ele cursava o ginásio, enquanto eu cursava o segundo grau. Não tinha certeza se aqueles conhecimentos que adquiria teriam alguma serventia. Para meu futuro de aspirações, não visualizava em que poderia auxiliar-me na vida prática, considerava ser uma pessoa limitada e insatisfeita comigo mesmo. A ansiedade prematura me fazia sofrer por antecipação, de certa forma limitava minhas iniciativas.

Minha mente enfrentava frequentes conflitos sentimentais e existenciais, o imenso desejo de transformar em realidade uma infinidade de sonhos e pretensões esbarrava em um universo de obstáculos que deixavam a sensação de incapacidade e impotência. O resultado dessas frustrações me imputava um sentimento de ostracismo que dificultava meus relacionamentos, tinha poucas amizades. Fora do ambiente familiar formado pelos meus irmãos e primos, meu círculo de colegas de escola era bastante reduzido, amigo de verdade consi-

derava apenas um. No íntimo alimentava complexos de inferioridade e incapacidade, considerava que todas aquelas pretensões que almejava eram utopias irrealizáveis. Pressentia que depois de concluído o estudo na escola pública, o curso colegial, dificilmente daria continuidade aos estudos, obrigatoriamente teria que passar pelo crivo do vestibular, na época um gargalo que dificultava o acesso à universidade, imaginava que dificilmente meu pai estaria disposto a arcar com o ônus dessa pretensão. O acesso à universidade pública, nessa época uma realidade muito distante, fora de cogitação, poucas eram as universidades federais ou estaduais e muito disputadas eram as poucas vagas.

Nessa época meu pai deixava a entender através de suas conversas que também tinha suas preocupações com referência ao nosso futuro. Mas essas preocupações não se referiam em proporcionar os meios para que continuássemos os estudos, pensava transferir nossas atividades rurais para uma região que oferecesse mais expectativas de crescimento material, cogitava vender os sítios em Santa Albertina, no estado de São Paulo, adquirir quantidade maior de terras no estado de Minas Gerais, pensando justamente mais em nosso futuro que propriamente no seu. Talvez pelo fato de não acreditar que poderíamos trilhar por caminhos diferentes daqueles que sempre trilhou, ensinou-nos pessoalmente a realizar todos os trabalhos afetos a uma propriedade rural, que consistia no manejo de um pequeno rebanho de vacas de leite e em todo trabalho em diversos tipos de

lavouras, como na manutenção e conservação de uma propriedade rural. O trabalho no campo, forjado no esforço pessoal, na força dos braços, na labuta incansável do dia a dia do homem da roça. Penso que era esse o futuro que imaginava para os filhos, pois meu pai sempre foi um autêntico trabalhador rural.

Diante dessas incertezas e dificuldades, apesar de gostar de estudar, não queria imputar nenhum sacrifício a minha família. Minhas irmãs haviam concluído apenas o primeiro grau, acataria as decisões de meu pai, o que ele decidisse para mim estaria tudo bem. Se não fosse para continuar estudando, me agradava a ideia de mudar para Minas Gerais e continuar trabalhando no campo, mais especificamente, na criação de gado, pois nunca gostei de plantar roças, não pelo fato de ter que trabalhar muito, mas por ter presenciado experiências negativas de pessoas que trabalharam duro, investiram suas economias na formação de lavouras e, na hora que mais necessitavam, a chuva não veio e tiveram enormes prejuízos, a ponto de serem obrigados a se desfazer de bens ou propriedades para saldar dívidas. Considerava uma atividade que oferecia muito risco devido à instabilidade do clima. Meu pai era um exemplo de agricultor malsucedido, pois no decorrer de sua vida sofreu muitos prejuízos, com perdas de colheitas ocasionadas pela falta de chuvas. Enquanto nada acontecia, continuaria trabalhando e estudando.

No colegial começamos a estudar literatura. Ao ter contato com obras literárias, que faziam parte da dis-

ciplina de português, senti que aqueles romances me levavam a conhecer mundos e situações diferentes da realidade em que vivia, minha imaginação viajava por outras regiões. Meu mundo real, que era bastante limitado, começava a se expandir, conduzido pelas viagens imaginárias que realizava através das leituras. A vida de personagens daqueles romances era um universo de situações novas que diferiam do meu insignificante modo de viver e do pequeno mundo das pessoas que conhecia, com quem estava familiarizado. Meu horizonte particular se dilatava e ganhava cores e luzes antes não percebidas, principalmente quando começamos a estudar o romantismo, literatura poética pós-renascentista. Comecei a entender que aqueles sentimentos que vivenciava de certa forma estavam presentes nas obras daqueles poetas consagrados, os quais em remota época deveriam ter experimentado sensações semelhantes e, devido a sua capacidade de expressar, conseguiram exteriorizar para a poesia todos aqueles sentimentos, que no fundo revelavam ser pessoas normais, mais especiais, que carregavam em seu íntimo conflitos e sofrimentos inerentes às pessoas românticas e sensíveis, que possuem carga emotiva que não conseguem ocultar. O sentimentalismo necessita ser extravasado, senão o peito explode, e a emoção faz enlouquecer.

Naquela remota época, no auge dos poetas românticos, quando os meios de comunicação como o rádio, o cinema e a televisão não existiam para projetar os artistas, as pessoas de talento se dedicavam ao teatro, à literatura de

romances e outros, à poesia, deixando transparecer o universo conflitante em que viviam aqueles seres especiais. Quando estudávamos superficialmente suas histórias de vida, ficavam patentes seus dramas interiores, alguns deles eram pessoas que administravam sentimentos contraditórios, carregavam em seu íntimo sentimentos atípicos, revelavam-se tristes, infelizes e até mesmo revoltados, muitos se entregavam a vidas desregradas, vícios e condutas inadequadas, motivados por sentimentos confusos, paixões não correspondidas por razões nem sempre reveladas. Na minha modesta opinião, penso que funcionava como combustível para justificar o modo extravagante e diferente de ser, que acabava explodindo em avalanches de inspirações que eclodiam naturalmente. Locupletavam nesse mundo nebuloso, negligenciando uma vida de normalidade, culminando em existências tumultuadas de pouca longevidade, em consequência dos sofrimentos e dos excessos praticados. Há exemplo de muitos artistas modernos que não conseguem administrar com naturalidade o sucesso em que a atividade artística os projeta, entregando-se a vícios e comportamentos condenáveis, levando-os a encerrar suas existências precocemente, muitas vezes de forma trágica e lamentável.

Naquele momento, devido à inexperiência, aprendi a admirar e idolatrar esses seres. O conteúdo e a beleza de suas obras deixavam impregnado em mim um sentimento especial, que induzia a identificar-me com esse modo de ser, talvez pelo motivo de possuir em meu íntimo um universo de sentimentos semelhantes que

suplicavam por emancipação, mas devido a minha inabilidade poética e incapacidade de expressar, represava essas emoções, tornando-me uma pessoa reservada e introvertida. Idealizava ser um dia um poeta de verdade, que conseguisse extravasar através da poesia aquela enxurrada de sensações que não saberia bem como definir, mas reconhecia que ainda não tinha adquirido capacidade para expressar através das palavras, seja escrita ou falada, como me sentia assim. Aquele turbilhão de desejos e emoções, cada vez mais, passou a ocupar meus pensamentos. Considerava ser uma espécie de poeta enrustido. Infelizmente, por mais que tentasse, conseguia a custo alguns poemas insignificantes que não agradavam nem a mim nem a outrem, pois não refletiam com autenticidade o que realmente sentia.

Nessa ocasião também me interessei pela música, mais especificamente pelas mensagens de suas letras, que de certa forma para mim eram poesias. Quando estava de folga, e mesmo enquanto estudava, tinha o hábito de ouvir música no rádio, observar o que as letras das músicas traziam inseridas, mensagens que mexiam com minha imaginação, então viajava em pensamentos. Percebia dentro do peito um coração que se emocionava com facilidade, fantasiava para mim uma vida diferente, imaginava ser outra pessoa, dotada de recursos que pudessem superar a timidez e aquela condição de inaptidão, com capacidade de fazer acontecer e conquistar. Mentalmente idealizava compor letras de músicas, escrever romances improváveis, neles projetava situações que

faziam de mim um ser romântico e sonhador, a aventurar-me pelo mundo à procura de um grande amor. Então fantasiava amores fictícios, em realidades adversas de meu mundo, comportamento típico de jovens nessa fase existencial, que sonham mudar a vida, o mundo e tudo, mas não sabem como fazê-lo.

Quando esses romances fictícios adquiriam corpo em minha imaginação e me proporcionavam sentimento de prazer e felicidade, não me convenciam, não poderiam ser dessa forma. Um romance verdadeiro teria de ser muito bem fundamentado, com muitas variáveis, capaz de causar alegrias e sofrimentos, amar também significa sofrer, só assim seria um grande amor. Não me sentia digno de uma felicidade conseguida gratuitamente, teria que gerar desencontros e lágrimas. Então idealizava empecilhos, obstáculos e subterfúgios, imaginava acontecimentos improváveis para desestabilizar a harmonia do relacionamento que a princípio se revelava perfeito, destruía temporariamente aquela suposta felicidade. Mergulhava em profundo abatimento e melancolia, suficiente para me sentir um verdadeiro protagonista. Somente assim experimentaria o sofrimento vivenciado pelos grandes poetas. Era dessa forma que sempre ocorria nos romances que lia, nas poesias que estudava e nas músicas que ouvia no rádio.

Na minha imaginação me transformava em um deles, infeliz, com razões para ser inconsequente, rebelde, mentalmente também me entregava aos desatinos e desregramentos, tentava passar essa impressão através

das letras de algumas músicas e poesias que compunha em parceria com esse amigo e colega de classe. Nos raros momentos em que nos refugiávamos para essas produções, esses trabalhos refletiam superficialmente a necessidade de busca pelo novo e o inconformismo de nossos espíritos, que prematuramente enfrentavam conflitos sentimentais, por entendermos que, apesar de nossa insignificância, éramos pessoas conscientes e sonhávamos em vencer na vida, tínhamos nossas aspirações e não nos sentíamos capazes de triunfar. Nossos conflitos e aspirações tinham muito em comum, talvez essa fosse a razão da duradoura e inabalável amizade que compartilhávamos.

Entendíamos que todo poeta de verdade teria necessidade de possuir seu espírito dilacerado e vilipendiado pelos reveses da vida. Somente através de muito sofrimento, desilusões e decepções atingiria o ápice sentimental e emocional, que forçosamente teria de eclodir. E as palavras corretas e apropriadas surgiriam automaticamente em avalanches. E os versos fluiriam abundantes, refletiriam com fidelidade todos aqueles sentimentos verdadeiros, capazes de transmitir com autenticidade tudo que sentíamos.

Como todo poeta necessita de uma grande paixão, de um amor verdadeiro que transcenda a normalidade, de um sentimento intenso, mas que seja ao mesmo tempo confuso e complicado, motivado por um impedimento legítimo, meu amigo há algum tempo remoía uma paixão não correspondida, fonte de infelicidade e

refúgio de suas também limitadas inspirações. Na verdade, ambos convivíamos com as mesmas dificuldades e deficiências. Ele havia encontrado essa pessoa, que o ignorava, e até então só lhe proporcionara decepções e sofrimentos. Por me considerar seu melhor amigo, desabafava comigo todas as suas decepções e desventuras. Por mais que eu procurasse por essa personagem real que justificasse a razão dos meus padecimentos, não a encontrava. Todas que idealizava revelavam-se incompatíveis e artificiais. Concluía que definitivamente teria dificuldade para reunir as condições que me dotariam desses recursos sentimentais, capazes de fazer aflorar em mim o suposto potencial poético que imaginava possuir. Necessitava encontrar uma musa inspiradora, somente ela proporcionaria os meios e as emoções para dar vazão àqueles sentimentos. A esse ser real e ao mesmo tempo fictício dedicaria e entregaria todo aquele intenso desejo de amar que fluía e transbordava.

Sem explicação lógica, intimamente decidi eleger para esse fim uma menina que estudava na sétima série, que se chamava Conceição. Deveria ter quatorze anos, em minha opinião era especial e reunia os quesitos que atendia às necessidades: muito bonita, misteriosa, inacessível. Por demonstrar, através de suas atitudes, ser muito reservada, talvez tenha sido esse o detalhe que mais me cativou. Costumava ornamentar seus lindos cabelos negros com longas tranças, só a via na escola e me tratava com relativa indiferença, tudo condizente com minhas pretensões. Minha intenção era apenas en-

contrar uma personagem inspiradora e, a partir daí, a ela dedicaria meus versos e a inseriria em meus romances imaginários na qualidade de consorte coadjuvante. Quando resolvi encontrar essa musa inspiradora, não tinha a intenção de transformar esse acontecimento em realidade, tinha apenas dezesseis anos, pretendia ter controle da situação de meus sentimentos, esquecê-la ou substituí-la quando bem quisesse, mas o que idealizava não aconteceu. Com o passar do tempo, aquela convivência imaginária tornou-nos íntimos, ela passou a ocupar diuturnamente meus pensamentos e se apropriar dos meus mais recônditos segredos. Quando me dei conta, estava impregnada em minhas entranhas como uma doença incurável, passei a ser refém desse amor fictício. Comecei a experimentar plenamente o sofrimento vivenciado pelos grandes poetas e sentir na própria pele o que meu amigo sentia, com um agravante: não conseguia compartilhar aquele segredo, talvez por medo de pôr tudo a perder e ser ridicularizado. No íntimo tinha esperança de que um dia ela perceberia meus sentimentos e sentiria o mesmo por mim. Alimentava esperanças e pensava na possibilidade de transformar em realidade todas aquelas aspirações, mas, quando ponderava os prós e os contras, sentia-me incapaz e despreparado, não teria a menor chance, considerava-me um nada, eu me sentia menos que nada, melhor seria arrancá-la de meu coração, do meu pensamento, já que a almejada inspiração não eclodia na proporção do sofrimento que adquiri, conquistei somente desilusão e

tristeza, que passaram a ser meus companheiros inseparáveis. Quanto mais a amava, mais ela me ignorava. Quanto mais me ignorava, mais eu a amava.

Aquela paixão que idealizara inspiradora e inofensiva, em pouco tempo se tornou real e dilacerante. Minha timidez era um obstáculo que, aliado à minha covardia, tornava-se um impedimento intransponível. A vida que para mim outrora fora uma praia, banhada pelas marés agitadas dos oceanos tempestuosos das possibilidades poéticas, aos poucos foi se transmutando em um árido deserto abandonado e sem vida, fustigado pelo sol causticante e as constantes tempestades de areias, exterminando gradativamente os resquícios de inspiração que julgava possuir. As luzes e as cores do arco-íris a que tanto aspirava foram ofuscadas, fui envolvido por um nevoeiro de conflitos íntimos num mundo sombrio. Os versos e as estrofes, objeto das minhas pretensões, desapareceram por completo, agora apenas tristeza, silêncio e desolação. A impossibilidade de tornar realidade aquele amor a que de repente tanto aspirava me transformou em uma pessoa ainda mais triste, mal-

humorada e infeliz.

Foi justamente quando surgiu no colégio um concurso de poesias. Uma oportunidade ímpar para exteriorizar todos aqueles sentimentos que num passado não muito distante estiveram presentes e aflorados. Intimamente percebi que o momento era inoportuno. Não obstante a participação ser obrigatória, o trabalho substituiria uma prova e valeria como nota. Minha alma de

aprendiz de poeta nesse momento encontrava-se mergulhada em profundo ostracismo existencial e poético. A indiferença de minha musa inspiradora não lograva nenhum alento inspirador. Lembrei-me de que os grandes poetas encontravam na morte o lenitivo para suas desilusões. Decididamente não morreria, por considerar ser ainda indigno de morrer, mas a morte seria minha fonte de inspiração, através da poesia exteriorizaria aquele sentimento puro que há muito acalentava e de repente transmudou-se em sofrimento funesto.

Decidi que faria um poema, a morte seria minha musa inspiradora, a ela chamaria de minha querida donzela, me envolveria em seus braços de amante, em seu colo sedutor repousaria meu corpo cansado das desilusões que o mundo cruel me oferecia. Em seu regaço adormeceria minha cabeça dorida pelas incompreensões humanas. Somente ela, a morte, seria merecedora de meu amor, amor de um aprendiz de poeta, puro e verdadeiro, a esse amor seria fiel eternamente, renunciaria às paixões humanas e terrenas, mergulharia definitivamente nessa aventura sem volta, para libertar-me dos sarcasmos do mundo ingrato. Tinha certeza de que ela me acolheria especialmente, era assim que prematuramente recebia a todos os poetas, juntos desfrutaríamos o mais lúdico e eterno caso de amor. Senti encontrar na morte consolo e uma espécie de satisfação que me proporcionava uma felicidade desconhecida e me fazia sentir melhor.

Penso que minha alma nesse momento era um vulcão que necessitava urgentemente entrar em erupção. A

avalanche de versos incandescentes haveria de fluir através de meu poema, extravasando todo aquele manancial de angústia e despeito que carregava comigo. Acometido de intensa nostalgia, refugiei-me na intimidade daqueles sentimentos que me martirizavam, viajei em pensamento através de um mundo obscuro e encontrei na morte toda a inspiração de que necessitava. Ela olhou-me nos olhos como uma amante apaixonada, flertou-me docemente através desse olhar e sorriso, num transe transcendental me conquistou de vez, fez aflorar em meus versos a mais sincera e comprometedora declaração de amor.

Os avaliadores, considerados aptos e imparciais, por serem professores da área, entenderam que aquela obra literária extrapolava os limites do aceitável, aquela mensagem era demasiadamente inadequada, não poderia ser daquela forma revelada, teria de ser censurada, estrangulada no ninho. Uma declaração de amor feita com tanta sinceridade, que trazia em sua essência o poder de aliciar, influenciar negativamente jovens, adultos e todos que se sentissem rejeitados e infelizes, uma sugestão nefasta para os destinos das pessoas que amam e não são correspondidas, uma solução não recomendável. Definitivamente aquele trabalho, apesar de bem elaborado, digo isso, porque recebeu excelente nota (nove), mas infelizmente não poderia ser considerado um poema normal, parecia ser mais um sacrilégio, uma profanação, um atentado explícito ao romantismo, uma apologia à morte inaceitável. Aquela declaração de entrega ao autocídio não poderia ser

valorizada nem apreciada, tampouco aplaudida, por isso não poderia ser divulgada.

Quando recebi a notícia da desclassificação de meu poema, deduzi que só poderia ter sido pela essência nefasta e comprometedora de seu conteúdo autodestrutivo. No momento não me decepcionei nem fiquei revoltado, pelo contrário, deixou-me orgulhoso, por ter conseguido extravasar, através de palavras escritas, todo aquele desconforto que estava sentindo. Fiquei convencido de possuir em estado nascente os atributos de um poeta de verdade e já ser digno da censura literária, muito em voga na época.

A preocupação daquelas autoridades, que detinham entendimentos dilatados, certamente procedia, avaliaram e julgaram corretamente, pois aqueles meus versos continham um manancial de ideias que poderiam persuadir negativamente o psiquismo das pessoas. Aquele poema representava um perigo para a sociedade, principalmente para os jovens, uma obra literária nociva, com elevado grau de periculosidade, por isso necessitava ser amordaçada, ferida de morte e sepultada definitivamente. Amar com tanta intensidade, sendo capaz de imputar tanto sofrimento, tanta decepção, a ponto de renunciar às paixões terrenas, se entregar para a morte, o corpo e a alma, com tanta convicção e determinação, era deveras inconcebível.

Concluí que aqueles avaliadores eram pessoas previdentes e sensatas. Mas certamente não conheciam como eu a intimidade dos grandes e consagrados po-

etas e a mensagem de suas obras, como as de Fagundes Varela, Augusto dos Anjos, Castro Alves, Olavo Bilac e uma infinidade deles, que, em seus momentos mais angustiantes, se refugiavam nesse universo nebuloso desconhecido, a que chamamos morte. Nela encontravam o consolo e a inspiração tão ausente neste mundo de viventes insensíveis. Não imaginavam que nesse outro mundo é possível viajar em pensamento com plena liberdade, transitar por esferas esterilizadas dos miasmas e das incompreensões e realizarmos todas as nossas mais desejadas aspirações. Não entendiam que o mundo físico real para o poeta às vezes se revela pobre, inóspito e cerceador, deprimente e ridicularizador. Era justamente assim que me sentia, imaginava desta forma o sentimento dos verdadeiros poetas. Refletia com fidelidade meu estado de espírito, encontrava-me desiludido com o mundo em que vivia devido à impossibilidade de levar a efeito um amor tão inocente e verdadeiro, fadado a fracassar, logo em sua concepção.

Penso que, se aquele poema tivesse sido escrito e publicado por um poeta consagrado, certamente todos reconheceriam que aquelas palavras eram sinceras, perceberiam que aquele espírito romântico estava passando por um sofrimento asfixiante extremo, que seu coração sensível se encontrava dilacerado por um amor não correspondido. Mas quem havia escrito era um simples jovem sem expressão, um reles aprendiz de poeta, cujo coração não era capaz nem poderia estar sentindo todas aquelas angústias, incapaz de amar com aquela intensidade. Julga-

ram que aquelas minhas palavras não eram autênticas, eu e meu amor éramos uma grande mentira. E o meu poema um lixo sem valor, que deveria ser sumariamente descartado. Somente os poetas reconhecidos tinham o direito de se entregar à morte por amor, somente eles poderiam declarar que amavam a morte. Quando eles diziam, eram poesias românticas, mas eu dizendo soava como uma profanação, uma apologia à morte inconcebível.

Então, para me refugiar deste mundo que massacra, contamina e entedia, antes do início das aulas e na hora do intervalo isolava-me, sentava em um banco de pedra que existia ao lado do corredor de acesso ao interior do colégio e ficava ali sozinho pensando, ouvindo a música de John Lennon, que vinha das caixas de som fixadas na estrutura metálica que sustentava as telhas da cobertura do pátio do colégio. Ficava a imaginar, como na música, um mundo diferente, onde as pessoas se sentissem aceitas, inseridas e amadas, capazes de interagir sem dificuldade uns com os outros, onde seria possível realizar os sonhos aparentemente improváveis. Acreditava que somente um milagre conseguiria tirar de meu coração aquela tristeza que me oprimia, aquele sentimento de rejeição e isolamento. Olhava aqueles pequenos grupos de jovens descontraídos, sorridentes e descompromissados, alheios às incompreensões e irreverências do mundo, comparava-me aos colegas e considerava-me diferente, certamente eu era diferente, não tinha nem ao menos o direito de amar e me entregar à própria morte. Por que sentia que a morte me aceitaria a qualquer momento?

Todas aquelas impressões eram concepções minhas, me comportava como uma pessoa altruísta incorporando a suposta filosofia de vida dos poetas românticos, acreditava que o mundo humano era parcial e injusto, e a felicidade plena somente encontraria na morte, onde encontrei a fonte das minhas fatídicas inspirações. Mas se, em hipótese, propositadamente consumasse minha morte, será que alguém se lembraria que meu poema fazia apologia à morte? Que meu sofrimento era real e verdadeiro? Havia mandado um recado, mas ninguém tinha entendido nem acreditado.

Mas, Conceição, a menina que trazia suas tranças amarradas com pequenos laços, ora amarelos, ora vermelhos, estava presente, infelizmente ela era real e existia, parece que gostava de passar por mim, cada vez eu a via ainda mais linda. Sentia que meu peito agora tinha se transformado definitivamente em um árido deserto abandonado e sem vida, fustigado por esse sentimento de rejeição. Por alguns momentos presentia que me olhava e sentia um resto de esperança renascer, e apesar de tudo meu coração continuava pulsando, tendo se esquecido de parar. Apesar de ela morar dentro de mim, passava por mim e não me olhava, penso que fazia propositadamente para retirar aquele resquício de vida que não mais me pertencia. Essa sua atitude cada vez mais me arrasava. Ah, se soubesse o quanto a amava, que estava sempre presente em meus sonhos, levantava comigo de manhã e continuava o dia todo, me acompanhava por onde estivesse, trabalhando no meio do cafezal,

colhendo milho no meio do carrapicho, capinando o mandiocal, sempre representando a personagem principal de meus romances, juntos compartilhávamos os momentos mais lídimos que minha imaginação concebia! Como gostaria de tê-la ao meu lado, somente assim poderia me transformar em um poeta de verdade, escrever lindos versos de amor, transmitir esperança, transbordar felicidade, fazer-me forte e feliz! Certamente eu seria a outra pessoa que tanto idealizava e desejava.

Então, como consolo, na tentativa de arrefecer aquele sofrimento que me martirizava, imaginava que talvez sentisse o mesmo por mim e fôssemos iguais em tudo, apaixonados, tímidos e covardes, sofríamos solitariamente, cada um a sua maneira, nenhum com coragem e a humildade de se revelar. Se soubesse que eu necessitava apenas de um olhar e um sorriso seu seria suficiente para expulsar de meu coração a dúvida e dar lugar à certeza, e com ela a coragem. Apesar de nunca antes ter tido uma namorada, sentia ser minha obrigação tomar a iniciativa, mas diante de sua indiferença a prudência me aconselhava a infortável condição de manter a existência das possibilidades. Seria melhor que conhecer uma realidade cruel, que me ridicularizasse e rompesse definitivamente, destruindo aquele sonho que imaginava possível, pois eu necessitava ao menos dessa ilusão para continuar existindo.

Esse sentimento era um segredo pessoal, nunca tive coragem de compartilhar com ninguém, mas a maneira como eu a olhava revelava explicitamente tudo que sentia, em alguns momentos penso que somente ela poderia ter essa

certeza absoluta. Por que me ignorava daquela forma? Não poderia ser assim tão desprezível, me considerava até uma pessoa apresentável, um rapaz de boa índole, trabalhador e honesto, um bom filho, bom aluno. Apesar de intimamente me considerar menos que nada. Acho que intencionava enlouquecer-me, nada alterava seu procedimento, ridicularizou tanto meu orgulho com sua insensatez, aquela paixão não correspondida foi matando pouco a pouco todo o romantismo que existia em meu coração. Por questão de sobrevivência teria que renunciar àquele amor para sempre. Decidi que a esqueceria, também abandonaria o sonho de ser poeta. Definitivamente concluí que sofrer não era nada bom, morrer por um amor era meritório somente para os poetas consagrados, somente eles gozavam desta prerrogativa. Entendi que morrer por um amor ingrato era um ato de insensatez, uma atitude não inteligente e ridícula. Aque-la garota deveria ser mais um submarino, bonita por fora e vazia por dentro, como eu mesmo costumava qualificar a idolatrada de meu melhor amigo.

Quando retornamos das férias de final do ano, tinha mil planos em mente, o longo período que passei sem vê-la fez crescer em meu coração um sentimento de aversão que acreditava ter atingido o extremo de agora odiá-la, estava decidido a ignorá-la e arrancá-la definitivamente de mim.

Foi desta forma que fiquei sabendo que ela havia se mudado, senti no peito um misto de saudade e alívio como se ela tivesse levado consigo todo aquele meu primeiro amor, meus sonhos e meu romantismo, também levou meus sofrimentos de aprendiz de poeta.

Senti-me ainda mais pobre, como um órfão desprotegido, meu coração agora se encontrava como anestesiado, estranhamente estava mais feliz, sentia uma estranha e desconhecida vontade de rir e chorar ao mesmo tempo. Depois dessa fase que a poesia e essa paixão fictícia bagunçaram a minha vida, mas deixaram um legado de ensinamentos, definitivamente estava determinado, decididamente a partir daquele momento eu seria uma outra pessoa, não faria mais versos nem me apaixonaria.

Essa experiência equivocada, inexplicavelmente, fez nascer em mim uma personalidade previdente. Sentia-me imunizado de emoções transcendentais, olhava para as meninas como um investigador, procurando identificar em cada uma delas algum detalhe onde se escondia seu potencial de peçonha e crueldade. Não obstante parecerem anjos inocentes e inofensivos, tinha a impressão de que todas eram cruéis e portavam em algum escaninho do corpo ou da alma, camuflado no olhar, no sorriso, ou no modo de andar, dardos venenosos ávidos de serem projetados para contagiar um coração descuidado e imprevidente, para depois vilipendiá-lo e desprezá-lo. Toda aquela inocência e romantismo cultivado e idealizado até então, eu havia despojado. Decididamente tinha me transformado em um ser insensível, aquele aprendiz de poeta enrustido não existia mais, das cinzas daquela hecatombe surgiria, a partir daquele momento, um aprendiz de Don Juan.

15/08/2018

Apologia à Morte

EM UMA ÉPOCA PERDIDA EM UM passado distante, um jovem estudante do segundo grau, na plenitude de sua juventude, possuía todas as possibilidades de desfrutar seus sonhos e fantasias, quando a vida lhe oferecia um universo de facilidades para ser feliz, esse mesmo jovem sem uma causa aparente se encontrava fustigado por uma inexplicável situação de insatisfação pessoal, acometido por um pressentimento de fracasso, por se sentir derrotado e considerar não possuir os recursos intelectuais necessários para vencer. De repente começou a se interessar por poesia e a imaginar que, se caso conseguisse revelar através dela todos aqueles sentimentos asfixiantes que o oprimiam, com certeza se desvencilhariam dele, assim poderia se transformar em outra pessoa. Uma pessoa alegre, descompromissada com o futuro inconsequente, mais confiante. Como pode um jovem de dezesseis anos ser acometido e torturado por sentimentos angustiantes e deprimentes a ponto de achar que a

vida é um fardo muito pesado para se conduzir por não possuir aquilo que se deseja e se considerar impotente para conseguir?!

Esse mesmo jovem começa a idealizar para si conquistas mirabolantes, sonhar alto, deseja ser um poeta de verdade, colocar no papel tudo que sente, compor letras para músicas, mas caprichosamente esta possibilidade estava aquém de sua capacidade. Não consegue exteriorizar nenhum sentimento verdadeiro, tudo que consegue se apresenta aos seus olhos insignificante e ridículo. Começa a armazenar dentro de si ressentimentos que só fazem aumentar a insatisfação consigo mesmo. Torna-se cada vez mais casmurro, introvertido, mal-humorado, individualista. Intempestivamente se apaixona pela primeira vez por uma menina imatura que ignora seus supostos sentimentos, tem medo de se declarar por se sentir não correspondido, não consegue lutar nem revelar esse amor a ninguém, acumulando assim mais um ressentimento. Esses conflitos íntimos tornaram-se tão angustiantes a ponto de a vida perder o sentido por influência de alguns poetas que enalteciam o desejo de morrer, considerando que na morte encontraria a solução para suas angústias e insatisfações. Começou a pensar na morte como uma ideia fixa, invocava a morte em seus poemas como se fosse a única alternativa para o futuro de sua existência. Morrer, findar-se, evaporar, deixar esse mundo sem nenhum atrativo. Era dessa forma que poetas consagrados encontravam saída para suas angústias e frustrações. Quanto mais mergulhava nesses

pensamentos, mais solução encontrava para suas insatisfações. Encontrou na morte um manancial de razões e pensamentos reconfortantes que de certa forma faziam aliviar o sofrimento que o ato de viver lhe impunha, então passa a idolatrá-la, como se fosse uma amante perfeita que o ama e o deseja intensamente. A sensação de se sentir amado e desejado lhe causa uma espécie de felicidade consoladora.

Experimenta ao mesmo tempo duas sensações diferentes. Uma real, que consistia em amar uma pessoa real e não ser correspondido, motivo de suas angústias e frustrações. A outra irreal, amar a morte com a mesma intensidade, apesar de ser um amor impossível, porém sentia que era correspondido, por sentir que poderia transformá-lo em realidade, bastaria morrer, morrendo cairia diretamente nos braços de sua amada irreal que o esperava.

Participou de um concurso de poesias, escreveu um poema onde conseguiu, a sua maneira, exteriorizar os dois sentimentos que lhe ofereciam sensações diferentes: maldizendo o desamor real e enaltecendo o amor irreal. Concluía o poema tentando deixar um recado: caso não conseguisse a felicidade real, irrevogavelmente se entregaria ao outro amor, que certamente lá encontraria sua felicidade.

Conclusão: o poema era um grito de desespero, um pedido de ajuda, que dizia explicitamente: caso não conseguisse aquele amor real que o fizesse feliz, certamente se entregaria à morte. No entanto, ninguém compreendeu seu recado. Aquele aprendiz de poeta de

dezesesseis anos trazia enrustido em si o desejo de escrever romances e poesias, mas conseguiu revelar apenas que confundia mais do que esclarecia.

O fracasso de seu poema permitiu entender que na morte não encontraria a felicidade que procurava. Que a morte era um pretexto, um argumento usado pelos poetas para sensibilizar, para demonstrar a grandiosidade e a inconsequência de um sentimento capaz de extrapolar os limites da racionalidade. Mas um matuto morrer por amor não era nada romântico nem poético, e sim uma atitude de burrice explícita.

12/01/2019

Para Não Dizer Que Não Falei de Meus Sonhos

POR MAIS DE DUAS DÉCADAS convivi com sonhos muito estranhos, que tinham um grau de realismo impressionante, sempre ocorriam nas noites subsequentes a crises de natureza cerebral, uma espécie de convulsão que ocorria enquanto dormia. Apesar de não ver nada, pela manhã percebia que havia ocorrido devido a uma dor intensa na cabeça, perguntava e minha esposa confirmava. Ultimamente, graças a Deus, quase não tenho tido essas crises, meus sonhos deixaram de impressionar como acontecia antigamente, talvez meu espírito preguiçoso tenha se cansado de perambular pela imensidão do espaço infinito e por mundos que se encontram esquecidos na noite dos tempos, na época em que meu espírito habitava outros corpos, em eras muito diferen-

tes de hoje, revivendo acontecimentos e aventuras que não se perderam na noite do esquecimento, mas se encontram armazenados nos escaninhos do inconsciente, e eu tenha me acostumado com eles, ou não tenha mais dado a eles a atenção necessária para que os lembre com a precisão necessária para que sejam considerados interessantes. A verdade é que não mais me incomodam nem me perturbam, mas continuam sendo para mim um enigma não decifrado.

Agora pretendo falar sobre outro tipo de sonho. Os sonhos que todo mundo precisa ter, aqueles em que sonhamos acordados, planejando um futuro melhor para nossa vida. Entendo que todo ser racional necessita sonhar. Quando sentimos que um sonho é impossível, devemos eleger outro mais verossímil, mas nunca deixar de sonhar com dias melhores e de realizar conquistas. Mesmo que seja uma pequena realização, mas que dê força para tentar outra e a vida vai oferecendo as oportunidades. Através dessas realizações nos sentimos úteis e inseridos.

Quando criança já me preocupava com o futuro, pensava em trabalhar duro, ganhar dinheiro, ambicionava adquirir para mim um cinema, imaginava que seria a forma mais fácil de ganhar a vida. Para dizer a verdade, trabalhar duro sob o sol quente como eu fazia não era nada divertido. O cinema era uma excelente fonte de renda, faziam filas para poder entrar, estava sempre cheio e ainda havia a conveniência de poder assistir a todos os filmes sem precisar pagar. Não imaginava que a televisão, em pouco tempo, inviabilizaria essa atividade de entrete-

nimento e secretaria a falência da maioria dos pequenos cinemas. Depois vieram locadoras com os videocassetes e os DVDs, a televisão por assinatura e nas últimas décadas a Internet, dando o golpe de misericórdia. E o cinema desapareceu literalmente das pequenas e médias cidades.

Quando adolescente, pensava em estudar e me tornar um médico, uma profissão de muito prestígio, em que poderia ganhar muito dinheiro, além de aliviar o sofrimento das pessoas, receitando os remédios corretos, sem ser necessário operar ninguém, pois decididamente não teria coragem de abrir a barriga de uma pessoa. Não imaginava que para ser um bom médico basicamente é necessário ter vocação, ser muito inteligente e ter boas condições financeiras para bancar o curso e os livros, exigências aquém de minhas condições e das intenções de meu pai, que não concordaria em investir uma parte significativa de suas economias amealhadas com tanto sacrifício na profissionalização de um único filho.

Quando me tornei mais adulto comecei a aceitar minha dura realidade, tinha superado a fase dos sonhos e das fantasias mirabolantes, reconhecia possuir minhas limitações, era um reles trabalhador rural, ajudava meu pai nos intermináveis trabalhos de uma propriedade rural, agora no estado de Minas Gerais, trabalhava duro de sol a sol, sem vislumbrar nenhum futuro promissor. Mesmo assim era necessário continuar sonhando. Meu sonho era deixar aquela vida de roceiro, de trabalhador braçal que eu estava definitivamente me tornando. Então tive a felicidade de trocar o trabalho fatigante da roça pelo ofício de ensinar

crianças. Gostei da nova profissão, penso que realizei um bom progresso por me sentir mais útil, fui um bom professor. Como não tinha experiência, minha preocupação era obter resultados rápidos, levava o trabalho a sério, era muito exigente. Apesar de não ganhar muito bem, com muita economia poderia conseguir um mínimo para realizar meus novos sonhos: fazer um curso superior com meus próprios recursos, assumir definitivamente uma nova profissão e me libertar para sempre da possibilidade de retornar ao trabalho da roça.

Continuei sonhando, tive conhecimento de que através de concurso público poderia ter acesso a outras profissões que ofereciam remuneração atraente e estabilidade. Para isso teria que me preparar, sem prejudicar minhas obrigações. Era perfeitamente possível conciliar meu trabalho com o estudo nas horas ociosas, principalmente à noite. O concurso público não é nenhum bicho de sete cabeças, só exige uma preparação de longo prazo, ser perseverante e focar sempre nesse objetivo, pois quem muito batalha uma hora consegue. Felizmente fui aprovado no primeiro concurso que prestei para o Banco do Brasil, que na época se tratava de um excelente emprego, em termos de estabilidade empregatícia e remuneração. Mais um sonho realizado.

Senti que era uma ótima oportunidade para economizar e conquistar minha independência financeira, um sonho antigo e distante que de repente se tornou possível. Quem já passou por dificuldade reconhece o momento de uma oportunidade, investir em uma área que conhe-

cia e gostava muito, comprar uma pequena área de terra e algumas cabeças de gado, uma atividade séria não pode dar errado, digo isso baseado na experiência de meu próprio pai. Percebi que começou a progredir financeiramente quando abandonou a agricultura e se dedicou exclusivamente à criação e engorda de gado.

Investir e trabalhar a terra não se trata de nenhuma diversão, é um trabalho sério que exige conhecimento e perseverança, talvez o segredo consista em acreditar sempre, não desanimar nunca. Investir na aquisição de terras talvez seja a aplicação mais sólida e segura que existe, mas exige conhecimento e critérios corretos.

Entendo que o homem necessita sonhar, perseguir um objetivo. A lei do progresso é uma realidade incontestável, temos necessidade de progredir em todos os sentidos. Essa é a razão de existirmos; evoluir material, intelectual, moral e espiritualmente. São aquisições pessoais que nos fazem crescer. O crescimento nos realiza, adquirimos autoconfiança, talvez seja o caminho que nos leva a encontrar a tão desejada felicidade.

Compreendi que como bancário poderia ser também um pecuarista, investi minhas economias em terra e gado e não me arrependo. Hoje sou um bancário aposentado e um pecuarista em atividade. Penso que materialmente cheguei aonde pretendia.

Intelectualmente, desde criança, sentia certa necessidade de compreender as coisas. No decorrer da vida de estudante reconheço que a escola me proporcionou os meios para, com esforço próprio, adquirir conhecimen-

to relativo e entender melhor a vida. Através da profissão de professor compreendi que nunca se aprende tanto e tão bem como quando se ensina. Talvez o que mais gratifica um professor é sentir a felicidade de ter sido capaz de alfabetizar uma criança. Alfabetizei muitas crianças e vários adultos, uma conquista que somente quem realiza sabe seu significado.

Na profissão de professor ensinei e aprendi noções de zoologia, geologia, botânica, anatomia, física, química e matemática. Na profissão de bancário aprendi na prática todos os segredos da contabilidade, da realização de cálculos, de uma simples escrituração contábil à confecção de um balancete diário, mensal ou semestral. O significado de um Ativo e um Passivo, o que representa o lançamento de um crédito ou um débito no resultado de uma contabilidade.

Todas essas aprendizagens podem ser consideradas por muitos como coisas sem importância, aquisições pessoais inerentes a todas as pessoas, mas sabemos que são noções de conhecimentos que sempre nos acompanharão e nos orientarão nas dificuldades do dia a dia. Todos os conhecimentos e experiências que realizamos fazem parte do desenvolvimento de nosso intelecto e compõem o potencial de nossa capacidade de raciocinar. Então concluímos que somos o produto de tudo aquilo que aprendemos e realizamos.

Moralmente, é melhor que deixemos que outras pessoas nos avaliem, temos a consciência da imperfeição humana, somos seres em constante processo de melhoramento moral, sabemos que somos falhos e temos

conhecimento dos pendores que mais comprometem nossa aceitação. Faz-se necessário que saibamos que temos direitos, mas também obrigações, e nosso limite é o ponto onde se inicia o direito e o dever de nossos semelhantes. Vivemos em sociedade, uma sociedade de valores materiais e morais, por isso é necessário conhecer e respeitar esses valores para vivermos pacificamente com nossos semelhantes e principalmente com nossa consciência.

Espiritualmente, é consolador termos o conhecimento e a consciência de que somos seres espirituais, que nossa vida não termina com a morte do corpo, que existe um mundo espiritual onde reencontraremos nossos entes e amigos queridos que nos precederam. No futuro retornaremos para dar continuidade ao nosso processo evolutivo. É consolador acreditar na existência de um DEUS bom e justo, que seremos submetidos igualmente ao julgo de Leis Perfeitas e Justas, responderemos por tudo de errado que praticamos, teremos oportunidade de reparar nossos erros e um dia atingiremos um estágio onde nossas virtudes determinarão nosso livre-arbítrio, condizentes com a retidão dessas Leis Divinas. DEUS nos deu inteligência, por isso toda aquisição que realizamos licitamente, conquistada com nossa força de vontade, com nosso esforço pessoal, com nossa economia, sem prejudicar nosso semelhante, nada disso pode ser condenável. A partir do momento que passamos a viver em conformidade com as Leis Divinas, nada devemos temer.

11/02/2019

Não Vou Mais Trabalhar

A O LONGO DE MEUS SESSENTA E dois anos de vida, considero que sempre fui um trabalhador, para dizer a verdade, um trabalhador forçado, forçado a trabalhar para atender às necessidades de sobrevivência e realizar projetos que me assegurassem independência para o futuro incerto, porque não sabemos a duração desse futuro. Laborei em diversas atividades, sempre sob o agulhão da necessidade e do dever. Por dever e necessidade, teria realizado outros tipos de labores. Até aos dezoito trabalhei na roça, aprendi a plantar, zelar e colher arroz, feijão, milho, algodão, amendoim, café, etc. Aprendi a psicologia dos animais, trabalhei com cavalo, gado, porcos, ovelhas, etc. Aprendi a manejar a enxada, o enxadão, machado, foice, cavadeira, etc. Ajudei meu pai a fazer curral, cercas, telhado, cisterna, etc. Depois dos dezoito anos, fui professor primário durante cinco anos, ensinei do primeiro ano primário à oitava série. Fui bancário por vinte e seis anos, traba-

lhei em todos os setores de uma agência bancária. A Lei do Trabalho é sagrada, nos proporciona os meios de sobrevivência e nos concede dignidade. Entendo que todo trabalho honesto é digno, mas obrigatoriamente tem de proporcionar alguma recompensa. Trabalhar por trabalhar é não valorizar o próprio esforço, como também não dar o devido valor no produto desse esforço.

Ganhar muito e gastar muito é opção, equivale a ganhar pouco e ser obrigado a gastar tudo por necessidade. Devemos ter sempre a preocupação de fazer sobrar alguma coisa. Ser sovina e avarento é diferente de ser econômico e previdente. Ser pródigo e perdulário é sinônimo de inconsequência para com o futuro próprio e do seus. Nunca temos a certeza se amanhã teremos oportunidade ou condições de ganhar. Esses conceitos básicos não são nada extraordinários, são regras simples que a própria natureza e os animais que não raciocinam praticam e nos servem como exemplos. As estações do ano orientam épocas de fartura, suprem fases de escassez. As abelhas estocam alimentos para os períodos em que as flores dão lugar aos frutos.

Hoje não tenho mais a preocupação em guardar, isso não significa abrir mão do que com esforço juntei. Existe o momento de fazer e o momento de deixar que outras pessoas façam. Entendo que nossa vida é composta de fases. Na infância e na adolescência temos de ter preocupação em brincar, nos divertir, estudar e aprender a fazer algumas coisas úteis. Quando jovem, continuar estudando, começar a namorar e procurar uma profissão para se

ocupar no futuro. Adulto, constituir família com a mulher a quem amamos, trabalhar para ganhar dinheiro, investir as economias em bens duráveis para ajudar-nos no futuro. Na idade madura, aposentar, descansar, fazer alguma coisa que nos proporciona prazer e esperar a morte chegar. É praticamente esse o resumo de nossa vida, uma vida bem vivida, sem extravagâncias e excessos.

A vida não teria muito sentido se durante a curta existência não descobríssemos algo mais que justificasse a razão de viver. Existem muitas perguntas que não saberíamos responder, perguntas inerentes a nossa própria existência, isto significa que ignoramos a nós mesmos. Existe um provérbio de um sábio da Antiguidade que dizia: “Conheça-te a ti mesmo”.

Passamos nossa existência copiando as outras pessoas, fazemos o que as pessoas fazem, gostamos do que as pessoas gostam. Abrimos mão de coisas que gostaríamos pelo fato de não estarem coniventes com as convenções de nossa sociedade.

Aprendi com meu pai que teria que ser um trabalhador, não importava o que iria fazer, teria que fazer alguma coisa, ocupar meu tempo trabalhando. Cresci discordando desse posicionamento, pois entendo que todos devem trabalhar e ser devidamente recompensados. Como já disse, e estou convicto nesse entendimento, trabalhar por trabalhar é não reconhecer o valor do próprio esforço, é preferível deitar em uma rede e ler um livro instrutivo.

27/10/2018

O Dia em Que Sai de Casa

E RA MÊS DE FEVEREIRO, O ANO 1975, nossa lavoura de algodão, uns cinco alqueires paulistas, pouco mais de dez hectares, as plantas bem cuidadas e desenvolvidas tinham aproximadamente um metro de altura, os galhos inferiores envergavam com o peso das primeiras maçãs, enquanto os galhos superiores eretos exibiam um enxoval de flores amarelas e vermelhas. Eu e meu irmão, o Carlito, passávamos meia-lua, espécie de carpideira puxada por animal, entre as linhas das plantas. Quando estávamos retornando, percebi uma pessoa conversando com meu pai, que capinava próximo de onde estávamos trabalhando. Neste momento chegou minha irmã Cleuza trazendo a matula do almoço. Paramos os animais no final da linha e nos dirigimos para almoçar. A pessoa se despediu de meu pai e foi embora. Quando cheguei, meu pai entregou-me um pequeno papel, era um bilhete escrito pelo Secre-

tário de Educação da Prefeitura de Iturama - MG. O Sr. José Marras, em poucas palavras manualmente escritas, me oferecia o cargo de professor para assumir imediatamente a vaga de uma escola rural, na fazenda do Sr. Joaquim Vilela, no Córrego da Olaria, localizada entre os distritos de Estrela da Barra e Carneirinhos. Li o bilhete e fui almoçar, enquanto almoçava observava a fisionomia fechada de meu pai que denunciava contrariedade. Nesse momento meu espírito enfrentava um conflito íntimo. Deixar minha família sobrecarregada de serviços, ou aventurar-me em uma tarefa que não tinha certeza de que pudesse executar com eficiência, era o futuro de muitas crianças em minhas mãos. Almocei, sentei-me em um tronco de árvore e fiquei pensando na decisão a tomar. Enquanto meditava o pessoal voltou ao trabalho, depois de alguns minutos, como não encontrava a solução para meu drama, meu pai interferiu furioso, dizendo:

— Tem mais três minutos, vai embora ou volta a trabalhar, o cavalo está te esperando.

Diante daquela incompreensão de meu pai, não tive mais dúvida, iria embora e seria como Deus quisesse.

Quando cheguei em casa, expliquei a situação para minha mãe. A dúvida

ressurgiu e não pude conter um acesso de lágrimas que fluíam de meus olhos. Pacientemente, ela também em lágrimas, passou as mãos em minha cabeça, e disse:

— Vai e tenta. Caso não consiga, volte, o trabalho estará te esperando, seu pai encontrará uma solução.

Enquanto caminhava com uma mochila nas costas, em direção à estrada, para conseguir uma carona, minha mente recordava as palavras de minha mãe. Uma coragem e confiança desconhecida aos poucos foi me envolvendo, expulsando de meu coração qualquer desejo de retornar, uma espécie de certeza me dizia que iria conseguir.

Não imaginava que aqueles passos me levariam para tão longe e, apesar da saudade, não mais encontraria razões para retornar. Apesar das dificuldades, sentia que estava evoluindo. Como o filhote de águia que se desprende do ninho e se precipita no vazio do espaço e antes de tocar o solo descobre que pode voar e, de repente, começa a planar e do alto percebe que o mundo é maior e mais complexo do que imaginava. Em cada obstáculo vencido se sente mais forte e confiante e descobre que valeu a pena arriscar.

Depois de muito tempo, de ter experimentado todo tipo de adversidades, de vencer e fracassar em um sem-número de desafios, se sente realizado e recompensado, consegue compreender os verdadeiros valores da vida, que são estranhos e não fazem parte dos efêmeros valores materiais e temporais, transitórios e perecíveis. São valores imorredouros conquistados pelo Espírito, que não enferrujam, as traças não devoram nem o ladrão consegue subtrair. Descobre através desse esmerilamento que o mundo é um celeiro desses estranhos valores que precisamos encontrar, explorar e absorver, ou continuaremos indefinidamente na busca incessante, procurando inutilmente em plena escuridão.

23/04/2019

Leis Divinas

DEUS CRIOU O UNIVERSO E TUDO que nele existe. Para governar este universo criou Leis, a que chamamos Leis Divinas ou Naturais. A Lei de Deus é a única verdadeira para a felicidade do homem. Indica-lhe o que deve ou não deve fazer, e ele é proporcionalmente feliz ou infeliz à medida que vive em conformidade com essas Leis ou quando delas se afasta.

Entre as Leis Divinas, umas regulam o movimento e as relações da matéria bruta, são as Leis da Física (Leis da Matéria), cujo estudo e entendimento estão a cargo da ciência. As outras dizem respeito especialmente ao Homem, considerado em si mesmo e nas relações com Deus e com os seus semelhantes. Contêm as regras da vida do corpo, bem como a vida da Alma; são as Leis Morais, espirituais, cujo estudo deveria estar a cargo de todas as religiões.

A Lei de Deus é Eterna, Perfeita, Justa, Imutável, Imperecível, Infalível, Incorruptível, como o Próprio DEUS. Conhecê-la e respeitá-la é necessário para o homem.

LEI DE ADORAÇÃO: Consiste na elevação do pensamento a DEUS. Pelo pensamento a alma se aproxima Dele. É um sentimento inato no homem, nunca houve nem haverá povos ateus. A verdadeira Adoração está no coração, em nossas boas ações. A Adoração contemplativa tem pouco mérito, não faz o mal, também não faz o bem. A Prece é sempre agradável a DEUS.

LEI DO TRABALHO: Lei Divina para suprir as necessidades do homem, toda ocupação é útil, tudo trabalha na natureza, através do trabalho desenvolve a inteligência. O limite do trabalho é relativo ao limite de nossas forças e disposição. O repouso é uma necessidade do corpo, todos têm direito ao descanso na doença e na velhice. Renegar o trabalho implica sobrecarregar nosso semelhante.

LEI DO PROGRESSO: Lei Divina Natural que o homem não pode omitir nem interromper, pois tudo evolui na natureza. Se olharmos atentamente, comprovaremos que tudo pode melhorar as condições físicas de nosso orbe terrestre, as condições de vida das pessoas, a legitimidade dos direitos e deveres, a consciência e a conduta dos seres humanos. Emperrar o progresso corresponde a atrasar o processo evolutivo.

LEI DE IGUALDADE: Todos os seres humanos são iguais perante DEUS. As desigualdades aparentemente injustas são necessárias, a reencarnação é o fiel da balança que justifica cada situação, o monarca de ontem pode ser o mendigo de hoje, e vice-versa. A esposa subalterna de hoje foi o marido algoz no passado. O patrão de hoje

já foi empregado e até escravo no pretérito. Acreditem: a igualdade de sofrimento e felicidade é equitativa para o homem, perante a vida e depois do túmulo.

LEI DE LIBERDADE: A liberdade é direito de todo homem para que ele possa exercer seu livre-arbítrio. O livre-arbítrio é a liberdade de fazer tudo que desejamos, mas nem tudo nos é lícito. Responderemos pelos nossos atos nos planos físico e espiritual. Toda espécie de escravidão é condenável. Cercear a liberdade de um criminoso não o absolve de seu delito, é um ato preventivo para impedir que venha a cometer outros crimes.

LEI DE CONSERVAÇÃO: O homem tem o direito à vida, que nos é dada por DEUS e somente ELE pode retirá-la. Deu-nos também o instinto e a inteligência para encontrarmos os meios necessários à sobrevivência. Devemos fazer tudo ao alcance de nossas possibilidades para manter a vida física. A vida Espiritual é indestrutível.

LEI DE DESTRUIÇÃO: Lei Divina Natural inerente a todos os seres vivos, o corpo físico tem duração limitada, o Espírito continua sua marcha evolutiva através do processo de reencarnação. Todo ato de abreviar a própria vida ou de outrem é condenável, com consequências reparadoras. O homem responderá pelas guerras e todo tipo de morticínio contra seu semelhante. As guerras representam o maior empecilho à evolução da raça humana.

LEI DE SOCIEDADE: O Homem é um ser gregário que, através das relações com seus semelhantes,

esmerila seu caráter e sua personalidade e promove sua evolução. A vida de isolamento não promove crescimento nem permite fazer o bem ao semelhante.

LEI DE REPRODUÇÃO: Lei Natural Divina, o homem necessariamente tem que se reproduzir para garantir a perpetuação da espécie e criar as condições naturais do processo de reencarnação. O controle da natalidade intensivo sistemático é contrário à Lei da Natureza. O casamento é um progresso conquistado pela humanidade. A poligamia é um resquício de civilizações atrasadas. O celibato só é agradável a DEUS quando a pessoa abdica do casamento por amor à humanidade, fora isso é autoflagelação injustificável.

LEI DE JUSTIÇA, AMOR E CARIDADE: A Lei de justiça está impregnada na própria natureza, tanto que uma injustiça nos causa revolta. Aquilo que consideramos inadequado na natureza se dá pelo fato da visão obtusa que temos com referência ao todo. Benevolência para com todos, indulgência com as imperfeições alheias, perdão das ofensas, atitudes que indicam que estamos vivenciando essa Lei Divina. Condições inerentes a todos os seres racionais, independe da posição que ocupamos na sociedade, todos estão submetidos aos mesmos direitos e obrigações. A Caridade é a Lei mais importante, por englobar todas as outras Leis.

PERFEIÇÃO MORAL: Quando o homem terreno conhecer e praticar todas essas Leis Morais, atingirá a Perfeição Moral, não necessitará de nenhuma outra Lei humana, todos viverão sob a égide dessas Leis Perfeitas.

Este é um longo caminho, mas é o caminho que DEUS traçou para Seus filhos. Ofereceu-nos como modelo a ser seguido, seu filho JESUS CRISTO, um Espírito como o nosso que venceu todas as fases evolutivas e atingiu a condição de Perfeição Moral, exatamente o que DEUS espera de nós, para isso concedeu-nos a eternidade.

***Observação:** A definição acima reflete minha interpretação humilde que concebemos para nossa melhora Espiritual e Moral. São ensinamentos profundos capazes de nos proporcionar conscientização de que somos dotados de potencial para entender, melhorar e evoluir, até atingir a longínqua condição de Espíritos Perfeitos. O Livro dos Espíritos está dividido em quatro partes específicas, em que cada uma contempla aspectos importantes de nossa vida corpórea e espiritual. A terceira parte envolve um universo de 305 (trezentas e cinco) perguntas e respostas sobre essas Leis Morais. Considero que conhecer a profundidade e a seriedade dessas informações é algo que não podemos ignorar nesta nossa breve existência.*

02/04/2019

Lembranças Indesejáveis

QUANDO FUI MORAR NA CASA de meu tio Pedro, em Santa Albertina, para cursar a quarta série primária, reconheço que era um menino muito tímido e caipira, chorava com uma facilidade impressionante, levei comigo todo aquele enxoval de simplicidade usado até então. Agora o ambiente era outro, era necessário desfazer-me de velhos hábitos e incorporar novas posturas, e essa mudança leva algum tempo. Todos aqueles recursos que manejava com extrema destreza no ambiente onde nasci e comecei a crescer tinham pouca aplicabilidade no ambiente novo. Senti que era necessário implantar com urgência profunda e radical mudança na minha maneira de ser e principalmente de comunicar-me, se não quisesse me tornar alvo de gozações e pieguices.

Minha prima Rose tinha se mudado pelo menos há dois anos antes. Como tinha enfrentado o mesmo pro-

blema e já superado, considerava estar em posição de corrigir-me a todo momento, principalmente quando conversávamos. Metade das palavras que eu falava era imediatamente censurada. Como tinha consciência de que ela estava com a razão, o melhor que tinha a fazer era falar o menos possível e policiar-me a todo momento, para meu próprio bem.

Do lado da casa de meu tio morava um professor que tinha sido promovido a diretor de escola. Ele tinha um casal de filhos, uma menina dos cabelos ruivos e muito bonita que deveria ter uns sete anos, e seu irmão mais novo que deveria ter seis anos, ambos frequentavam a casa de minha tia. Aqueles dois pentelhos ainda não frequentavam a escola, mas já falavam corretamente. Como ouviam minha prima corrigir-me, também adquiriram o hábito de corrigir-me quando falava com eles.

Sinceramente em nenhum momento me senti discriminado pelos meus colegas de escola, penso que meu jeito matuto de falar incomodava somente minha prima Rose, que sentia ter um pouco de vergonha de mim, e o casal de pentelhos, por influência de minha prima. Meus colegas nunca me corrigiram, principalmente quando perceberam que o professor me tratava com certa deferência. Essa deferência consistia em elogiar-me explicitamente quando eu tinha a resposta correta para uma questão complexa que todos ignoravam, principalmente no campo da matemática, ou quando cometia uma gafe própria de menino da roça que desconhece uma coisa banal, sem importância, de conhecimento comum de toda criança urbana.

Por essas e outras me tornei uma espécie de protegido do professor. Uma espécie de patinho feio que necessitava de proteção. Mas a verdade é que em pouco tempo havia superado a dificuldade inicial, me enturmado e adquirido a sapiência natural dos meninos urbanos, com a vantagem de conhecer um universo de coisas importantes da roça que a maioria ignorava.

A partir de então adotei dois vocabulários, o rural, original, quando estava no sítio com meus irmãos, primos e colegas, porque se usasse o urbano imediatamente era repreendido, diziam que estava ficando metido, que estava falando difícil. Em nenhum momento pensei em corrigir ou mudar alguém, era um problema pessoal que tinha que superar e ponto.

Aconteceu um fato nos primeiros dias que estava morando na casa de meu tio Pedro, do qual nunca me esqueci. Ele levantou bem cedo, colocou água para ferver e foi buscar pão na padaria. Ouvi um barulho estranho na cozinha e me levantei, observei que o barulho procedia de uma jarra cheia de água, cheguei bem perto e descobri que aquela jarra de louça estava conectada por um fio a uma tomada da parede e estava fervendo a água. Nesse momento chega minha prima Rose, eu lhe perguntei:

— Como chama esse troço?

— Isso aí não é nenhum troço, chama-se bulidor.

Pensei um pouco e a corriji, dizendo:

— Então deve se chamar ebulidor.

Ela ficou em dúvida: seria bulidor ou ebulidor? Depois de pensar por sua vez, imagino que considerou que

eu poderia remotamente estar certo. Mesmo assim não admitiu que poderia estar errada. Para provar que eu era um ignorante, disse:

— Coloca o dedo para saber se a água está esquentando!

Na maior inocência, coloquei meu dedo na água da jarra e levei um choque 220 Volts, foi um tranco que quase arrancou meu braço. Ela caiu na risada. Eu lhe disse um palavrão, deve ter sido filha da puta, saí chorando e voltei para minha cama.

Na frente da casa havia uma grade de ferro, na frente do alpendre um portão pequeno que era trancado com um trinco, eu tinha dificuldade para abrir esse portão, por isso preferia saltá-lo quando estava com pressa. Não tinha conhecimento de que poderia abrir facilmente, erguendo-o com uma das mãos e puxando o trinco com a outra. Logo nos primeiros dias que comecei a fazer o curso de admissão à noite, quando terminou a aula, caía uma forte chuva. Como a casa era próxima da escola, saí correndo para não me molhar e, ao saltar o portão no escuro, a perna do short ficou presa na lança de ferro do portão. Ao cair, o short rasgou até a cintura. No outro dia tentava explicar o injustificável para minha tia, de como havia rasgado o short e machucado o joelho. Foi desta forma que me revelaram o segredo do portão.

Outro acontecimento ocorrido nessa época que fui morar na casa de meu tio Pedro ficou registrado em minha lembrança. Meu pai havia adquirido uma cota de sócio-proprietário de uma fábrica de automóveis chamada Fábrica Brasileira de Automóvel Presidente S/A.

Consistia em adquirir uma partilha de ações, que seria paga todos os meses, durante dez anos, espécie de título de capitalização, que fazia do investidor um sócio-proprietário. Quando a fábrica estivesse em plena produção, cada um deles receberia, de acordo com sua participação acionária, um carro da marca Presidente. Quando a indústria estivesse funcionando, os filhos dos sócios poderiam realizar cursos profissionalizantes na própria fábrica e teriam prioridade nas vagas de emprego. As promessas de benesses eram tantas que meu tio Pedro considerou excelente oportunidade de investimento, também adquiriu uma cota. Durante muitos meses, a exemplo de muitos outros investidores, pagaram religiosamente as mensalidades, todos os meses recebiam panfletos com fotografias e propagandas da evolução das obras que estavam sendo realizadas em região industrial da grande cidade de São Paulo, onde estava sendo construída tão importante indústria automobilística. E o número de associados aumentava progressivamente. Eu e a Rose fazíamos planos para estudar e trabalhar em tão importante conglomerado industrial quando fôssemos mais adultos. Eu havia decidido que faria o curso de engenheiro mecânico, a Rose não havia se decidido ainda, mas certamente pensava em fazer um curso para exercer um cargo onde pudesse ser a chefe e mandar em mim.

De repente começou a surgir boatos de que aquele negócio era um golpe milionário orquestrado e executado por uma quadrilha de estelionatários, aplicado em todo o território nacional. Lembro-me de meu pai e

meu tio Pedro discutindo se deviam ou não continuar pagando as mensalidades do enorme carnê. Mas logo tudo foi esclarecido. Decididamente eles haviam caído no conto da fábrica de automóveis, o prejuízo de meu pai foi bem maior por ter pago muitas prestações. Eu e a Rose, igualmente lesados, agora teríamos que rever nossos planos futuros. Não imaginávamos que num futuro não muito distante faríamos o quarto ano do curso de magistério para começarmos nossas profissões como professores primários.

Outro fato indesejável aconteceu na época em que era criança e me marcou muito. Meu pai cultivava, por conta dele, seis mil pés de café. Naquele ano felizmente havíamos realizado uma boa colheita, nossa tulha estava abarrotada de café em coco a granel. Para conseguir essa proeza, toda a família havia se engajado o ano todo na longa e árdua tarefa. Como naquele ano houve excelente produção, o preço do café era desanimador, mesmo assim meu pai resolveu vender toda a produção, para receber posteriormente. Vencido o prazo, meu pai procurou pelo devedor e teve a infeliz notícia de que ele estava falido e não tinha como honrar seus compromissos, que não eram poucos. Uma multidão de credores todos os dias batia o ponto inutilmente à porta do escritório de compras de café. Meu pai entrou em desespero, conseqüentemente toda a família foi envolvida no mesmo drama, pois meu pai falava enfurecido que, se não recebesse, acabaria com a vida do facínora. Diante de tantas ameaças o devedor, para se safar com vida, evadiu-

-se e os credores desesperados disputavam o direito de trucidá-lo. Foram meses de tentativas fracassadas, até que todos se deram por lesados e desistiram da ideia de fazer justiça com as próprias mãos, para o alívio das esposas e dos filhos.

Os pais não imaginam que seus dramas e problemas pessoais atingem os filhos. Minha alegria ou tristeza dependia do estado emocional de meus pais. Se percebesse que um deles estivesse triste ou doente, para mim nada estava bem.

10/02/2019

Uma Fazenda Inesquecível

QUANDO MEU PAI RESOLVEU vender os sítios em Santa Albertina-SP e comprar terras no estado de Minas Gerais, sempre eu ou meu irmão o acompanhava. Saía cedo depois de ter retirado o leite. Nessa época meu pai possuía uma camioneta Chevrolet C-10, a gasolina, atravessávamos o rio Grande às vezes pela balsa, outras vezes pela ponte, quase sempre saíamos com destino predeterminado para olhar algum imóvel que se encontrava à venda. Outras vezes saíamos sem destino, chegávamos às cidadeszinhas e descobríamos o endereço de alguns imóveis à venda. Numa dessas viagens, deveria ser mês de março ou abril, chegamos a Carneirinhos, que na época era distrito de Iturama-MG, e fomos informados da existência de um imóvel à venda, não muito distante dali. Juntamente com o corretor, chegamos a este local por volta de dez horas.

A fazenda possuía cento e quarenta alqueires paulistas, era dividida por um córrego do lado onde se localizava a sede, uma área de quarenta alqueires formada em pastagens, e do outro lado cem alqueires. Esta área toda plana vinha sendo há alguns anos utilizada para se plantar arroz, o terreno tipo massapé de excelente qualidade.

Encontrava-se praticamente abandonada, apenas um funcionário em serviço de vigilância. Primeiro mostrou-nos as instalações, três casas pequenas construídas em linha e próximas umas das outras, um barracão para guardar máquinas e insumos, um trator velho e vários implementos, todos em precário estado de conservação. Um pequeno curral de varas, deixando visível que a principal atividade da propriedade era a agricultura, sendo a pecuária um pequeno complemento. Os quintais das casas eram germinados, havia muitas espécies de frutíferas que alcançavam as margens do lindo ribeirão. Tudo necessitando da presença de pessoas e de cuidados, deixando transparecer um estado de desolação e abandono.

Primeiro percorremos a pé a área de pastagens, o pasto estava alugado a terceiros, ocupado por pequeno rebanho de novilhas, apresentando adiantado estado de degradação, necessitando urgentemente de trabalhos de limpeza e recuperação, as cercas de arame farpado exigindo reparos urgentes.

Retornamos às casas, pegamos a camioneta, seguimos por uma estradinha, atravessamos a ponte privativa da fazenda, até a metade da área de lavoura, deixamos a camioneta sob uma árvore, o que vimos foi uma ima-

gem que impressionava. A área toda plantada em arroz de sequeiro havia se perdido completamente, a estiagem prolongada atingiu a totalidade da lavoura frustrando toda a produção, restando apenas o testemunho de que aquele universo de plantas mortas e ressequidas, meses atrás, era uma promessa de colheita abundante, mas que a ausência de algumas chuvas inviabilizou.

Ficamos sabendo que o proprietário vinha cultivando arroz nesta área havia alguns anos, obtendo sempre produção deficitária, devido à instabilidade climática. Sempre recorrendo ao Banco para obter os recursos necessários para cobrir compromissos e possibilitar a continuidade da atividade, comprometendo sua capacidade de solvência, essa colheita seria sua salvação. Como houve frustração total, o Banco decretou a execução judicial para reaver seus ativos, pois não havia mais margem de garantia para novos créditos. A fazenda estava com data preestabelecida para ser vendida em leilão pela oferta que cobrisse o débito junto à instituição. Então o proprietário tentava vender o imóvel por preço maior, com o objetivo de fazer sobrar alguma coisa para recomeçar a vida.

Para quem sempre trabalhou em fazenda, ou melhor, na roça, poderia perceber facilmente que aquela fazenda oferecia um potencial de oportunidades sem precedentes. Toda aquela área formada em pastagens comportaria um rebanho expressivo, garantindo rentabilidade segura. A região muito bonita, as terras de excelente qualidade, estrutura razoável.

Retornamos decididos a vender os sítios e comprar a fazenda, enxergávamos naquela aquisição uma oportunidade rara. Poderíamos transformar toda aquela área em excelentes pastagens, construir um bom curral e dedicar à pecuária.

Antes que meu pai conseguisse compradores para os sítios a fazenda foi vendida, nosso projeto mais uma vez na estaca zero, mas a busca prosseguiria.

26/10/2018

Operador de NCR ou Nathional

QUANDO ME MUDEI PARA BARRA do Garças, no estado de Mato Grosso, no final do ano de 1976, para iniciar minha profissão de bancário, geralmente o funcionário recém-chegado substituiria algum colega que havia sido transferido e aguardava essa chegada. Durante uma semana ensinava o serviço ao calouro, sendo liberado somente após o colega se encontrar apto a executar o trabalho sozinho. Comigo aconteceu exatamente assim, com um inconveniente: o colega que substituiria se casaria no sábado, e o casamento se daria em uma cidade do interior do estado de Goiás, bem distante da Barra. Como comecei a trabalhar em uma segunda-feira, imaginei que teria cinco dias para aprender o serviço. Na segunda-feira, quando tomei posse no trabalho, meu colega noivo era só alegria e gentilezas comigo. Eu tinha sido sua tábua de salvação, pois, caso não tivesse

chegado, obrigatoriamente seu casamento teria que ser adiado. No final do primeiro dia de trabalho chegou até mim e disse:

— O trabalho é muito fácil, acho que você aprendeu quase tudo, mais dois dias estará pronto. Conversei com o subgerente e ele me disse que, se você der conta do recado, na quinta-feira estarei liberado. Tenho muitas providências relativas ao casamento para regularizar.

Como me disse que havia aprendido quase tudo, que em mais dois dias estaria pronto, não fiz nenhum comentário. Na quarta-feira à noite, quando encerramos o serviço, fui até ele e disse:

— Não vai dar não, ainda não consigo operar a NCR sozinho, são muitas informações para minha cabeça.

— Como? Já comprei até a passagem para amanhã de madrugada.

— Vou falar com o subgerente, sozinho não consigo.

— Pelo amor de Deus, não faz isso comigo não.

Subi as escadas e fui falar com o chefe, recebeu-me muito bem, expliquei a situação dizendo:

— O serviço em si acho que consigo fazer, mas operar a NCR sozinho não.

— Eu avisei o Praxedes que ninguém aprende a operar uma NCR em três dias. Pode ficar tranquilo, que ele vai ficar com você até sexta-feira à noite.

Pegou o interfone e chamou o colega. Assim que entrou na sala foi dizendo:

— Eu avisei que o funcionário novo não conseguiria operar a máquina em três dias. Você vai ficar até

sexta, e reze para ele aprender tudo, senão terá que adiar seu casamento.

O noivo afoito engoliu a ordem sem contestação, descemos as escadas sem dizer palavras. Nos outros dois dias Praxedes era uma pilha energizada com carga máxima, percebi que sua gentileza e amabilidade haviam expirado, tudo que me explicava anotava em um bloco à parte, quando esquecia algum detalhe recorria às anotações. Na sexta-feira, concluído o trabalho, considerei que conseguiria fazer o trabalho sem acompanhamento, agradei pelos ensinamentos e desejei felicidades em seu casamento, retribui os agradecimentos e despediu-se, nunca mais o vi. Sentia que estava seguro o suficiente para executar o trabalho sozinho. Minha dificuldade principal era com a máquina, mas me tranquilizei quando fiquei sabendo que poderia recorrer a outros colegas que também sabiam operar a NCR.

A NCR, nessa época a máquina contábil mais complexa de uma agência bancária, uma máquina de origem americana, movida a eletricidade, toda mecânica, um pequeno motor elétrico potente fazia movimentar uma engrenagem que envolvia a combinação de milhares de peças de metal, simetricamente distribuídas, que obedecia com precisão aos comandos de um teclado que envolvia uma infinidade de funções, apoiada sobre uma estrutura de metal, o conjunto pesava aproximadamente duzentos quilos, sendo necessários quatro homens para movê-la, utilizada para se escrever e realizar todos os tipos de trabalho de contabilidade, de simples escri-

turação contábil, folha de pagamento, à confecção de balancetes e balanços. Executava as quatro operações, mantinha na memória milhares de informações, distribuídas em várias colunas, com diversos recursos de sub e totalização. O computador mecânico mais sofisticado de uma agência bancária naquela época. Nossa Agência possuía três dessas máquinas. Todo mês vinha de Goiânia, no voo da Votec, um profissional especializado para dar manutenção, ou excepcionalmente, quando ocorria algum problema. Essas máquinas foram aposentadas pelo Banco do Brasil no final dos anos oitenta, quando a escrituração contábil foi transferida para os Centros de Processamento de Dados e Serviços – CESECs. Milhares delas foram vendidas aos ferros-velhos como material descartável para desmanche. Daquele universo de tecnologia, sabe-se lá quantos engenheiros e cientistas queimaram seus neurônios para se obter aquele resultado espetacular?! Agora não tinha mais nenhuma utilidade, a única coisa aproveitável seria o reles metal.

Muitas vezes ficava observando o técnico desmontar aquela infinidade de palhetas de metal, colocá-las em ordem sobre uma mesa ou mesmo sobre o assoalho, imaginava como a combinação daquele universo de pequenas peças conseguia realizar cálculos com precisão absoluta. Ficava avaliando o potencial da inteligência do homem em conceber entendimento tão minucioso para criar e dominar tecnologia tão sofisticada. Só não imaginava que tudo aquilo já era tecnologia ultrapassada, que o progresso de países de vanguarda já havia substituído

essas máquinas há muito tempo por outras infinitamente mais eficientes.

Quando me transferi para a Agência de Jales-SP, em 1983, por algum tempo voltei a operar a NCR. Modéstia à parte, com o passar do tempo me tornei em um exímio operador de NCR. A agência tinha em operação três dessas máquinas. Quando os serviços de escrituração contábil foram absorvidos pelo CESEC de São José do Rio Preto, a administração da agência abriu precedente que permitia ao funcionário interessado adquirir uma máquina dessas na mesma condição que seria vendida ao ferro velho. O preço era insignificante. Não mais do equivalente nos dias de hoje a cinquenta reais. Pensei seriamente em adquirir uma, em minha opinião seria uma relíquia de valor inestimável, as novas gerações teriam que conhecer o potencial dessa máquina para avaliar com propriedade a marcha da evolução tecnológica, pois o nível de recursos que possuía, em minha humilde concepção, era extraordinário.

As razões de não ter adquirido foram por avaliar a dificuldade de remoção de um objeto dessa proporção e pelo seu peso descomunal muito complicado. Tanto que nenhum funcionário se habilitou. Mas particularmente carrego comigo profundo arrependimento. Seria um trambolho sem nenhuma utilidade, mas seu valor histórico e sentimental compensaria qualquer sacrifício.

23/10/2018

A Rua de Tijolos de Pedra

N OS DOIS PRIMEIROS ANOS DE Barra do Garças - MT, meu horário de trabalho no Banco era do meio-dia até as vinte horas, espaço de tempo suficiente para execução do trabalho de escrituração da contabilidade, isso quando no fechamento não ocorria nenhuma diferença. As diferenças ocorriam pela displicência operacional da pessoa humana, um valor registrado indevidamente, um papel extraviado e não registrado, um registro feito em duplicidade, uma inversão no valor registrado. Tal fato ocorria na totalização da máquina quando o valor apresentado não correspondia à apuração do valor registrado na contabilidade do movimento do dia, que consistia na soma de todos os papéis de pagamento e recebimento processados pelos caixas. A divergência é o sinalizador de que aconteceu uma ou mais falhas de escrituração, que

necessariamente deveria ser localizada e corrigida. E as investigações se iniciam pelas possibilidades mais prováveis, que são deduzidas pela experiência do exercício da função. Para isso tínhamos a benevolência do restante da noite para procurar. E isso acontecia corriqueiramente.

Pela manhã não tinha horário certo para levantar, dependia muito da hora que tinha chegado para dormir. O compromisso oficial se iniciava às onze horas quando tinha que almoçar para ao meio-dia estar no trabalho novamente. Às vezes almoçava por longo tempo no mesmo lugar. Quando descobria um lugar diferente que oferecia um cardápio melhor ou o preço mais atraente, era conveniente experimentar. Por um longo período almocei em um restaurante localizado em frente ao colégio Antônio Cristino Cortes. Andava umas cinco ou seis quadras, passava em frente à rodoviária, seguia por uma rua calçada de pedras (paralelepípedos) na lateral do colégio e chegava ao restaurante, almoçava rapidamente e retornava fazendo o mesmo percurso, ia até a república onde morava, colocava o uniforme de trabalho que na época era calça social azul-marinho e camisa branca e ia para o Banco. Essa era minha rotina todos os dias.

No meio do quarteirão do outro lado da rua de pedras, paralelo ao colégio, existia a Pensão Santa Terezinha. Era uma casa simples, uma sala espaçosa com algumas mesas e cadeiras onde se serviam as refeições, uma cozinha grande onde existia um eficiente fogão a lenha, onde eram preparados os alimentos servidos do lado da sala e da cozinha, dois ou três quartos de uso

exclusivo da família da dona da casa, nos fundos foram construídos alguns quartos onde se hospedavam alguns mensalistas, ou eram ocupados esporadicamente por algum cliente conhecido.

Quando passava em frente dessa pensão, sentia o cheiro agradável dos alimentos preparados no fogão a lenha, por mais de uma vez pensei em entrar e experimentar o sabor daquela comida que lembrava muito o cheiro da comida que minha mãe preparava no fogão a lenha, nos velhos tempos no sítio. Como meu almoço não poderia ser muito demorado, devido ao horário do trabalho, nunca tive a iniciativa de almoçar nessa pensão.

Nunca imaginei que pertencia a Dona Maria, mãe da Zara, que um dia seria o complemento de minha família. Por quase dez meses passava todos os dias na frente daquela pensão. Lembro-me de ter visto algumas vezes uma mocinha morena, vestida com calça jeans, com os cabelos presos em coque, chegando da escola com alguns cadernos e livros apoiados sobre os braços, como se fosse uma boneca de brinquedo e rapidamente adentrar o pequeno alpendre que ficava na frente da casa. Ou às vezes sair rapidamente pelo mesmo alpendre, com os cabelos soltos em desalinho, armados e esvoaçantes e entrar na casa vizinha. Não me lembro se alguma vez chegou a olhar para mim. Às vezes me parecia engraçado sua maneira de andar muito rápido olhando para o chão.

Depois de muito tempo casualmente nos encontramos em uma festa no clube, sentei por acaso ao seu

lado e conversamos por alguns minutos. Nesta festa não percebi que se tratava da mesma pessoa, estava muito bonita, bem-arrumada, roupa elegante, cabelos soltos penteados com esmero, maquiagem bem-feita, mas discreta. Quando me disse que era tia da Gláucia e tinha apenas dezesseis anos, achei que não estava sendo muito sincera, pareceu-me ser mais adulta. Nem imaginava que seria a menina rapidinha que morava na casa da pensão da rua de pedras.

Descobri quando fui levado pela sua sobrinha Gláucia até o pequeno alpendre da frente da pensão. Nesta noite apareceu vestida com simplicidade, usava um vestido jeans surrado, que lhe caía discretamente, calçava sandália de dedo comum, trazia seus cabelos presos em coque, não usava nenhuma maquiagem. Na primeira impressão revelou ser uma pessoa bem diferente da mocinha elegante que havia conversado na festa no clube, a forma como me recebeu transpareceu uma simplicidade que se misturava naturalmente com sua espontaneidade, falava-me como se fôssemos velhos conhecidos. Conversávamos e nos olhávamos, procurando identificar nas entrelinhas uma reminiscência que não saberíamos reconhecer. Depois de conversarmos sobre alguns assuntos, o tempo havia escoado rapidamente, percebi que já estava tarde, disse que precisava ir embora, me despedi apertando sua mão, mas, à medida que tentava afastar, ela me acompanhava falando coisas engraçadas que me faziam rir. Começou a cantar uma música conhecida que dizia uma coisa muito pessoal, que não vou revelar.

Ela deve se lembrar o que a música dizia. Depois de me acompanhar até próximo à rodoviária parou e ficou me olhando afastar. Fui pensando: quem seria aquela pessoa tão especial? Por que somente agora a tinha encontrado?

Barra do Garças no início deveria ser uma cidadezinha extremamente bonita, pelas ruas calçadas com pedras, detalhe que permite identificar a formação inicial. Nesta época não deveria ter mais que quarenta ou cinquenta quadras, localizada às margens do rio Araguaia, no seu lado leste, por duas enormes serras do lado norte, um cerradinho pelo seu lado sul até as margens do rio Garças, um cerrado mais encorpado com alguns pequenos morros pelo seu lado oeste a perder de vista. A população na época em que a cidade se resumia nas ruas calçadas com pedras não deveria ter mais que dois ou três mil habitantes. Nesse espaço encontrava-se toda a estrutura de que uma boa cidade necessita: cemitério, posto de gasolina, cartório, correios, hospital, igreja, rodoviária, oficinas mecânicas, escola, colégio de padres, colégio de freiras, hotéis, restaurantes, praças, bares, lojas para todo tipo de comércio. Esses estabelecimentos estão em atividade até os dias de hoje, exceto o cemitério e a rodoviária, que foram transmudados para lugares mais estratégicos, para atender à população devido ao crescimento da cidade.

Até então Dona Maria e Senhor Artur, juntamente com sua prole, como ela costumava dizer, possuíam uma propriedade rural denominada fazenda Cacimbinha, localizada próximo à aldeia Meruri, no município

de General Carneiros, habitada por uma tribo indígena da etnia Bororo. As filhas mais velhas frequentavam, juntamente com as crianças indígenas, a mesma escola, que era responsabilidade dos padres salesianos. Como Sr. Artur exercia mais a profissão de garimpeiro que propriamente os trabalhos afetos à lavoura e criação de gado, decidiram vender o imóvel rural que naquela época não deveria valer muito. Com o produto da venda adquiriram uma casa na cidade de Barra do Garças.

Imagino que quando minha sogra, Dona Maria, chegou de mudança no ano de 1964 com seu marido, senhor Artur (que não cheguei a conhecer), sua mãe, Dona Ana Germana (chamada carinhosamente de mãe-zinha por todos da família e pessoas próximas), mais as suas filhas solteiras, pois na época apenas a mais velha, Maria Trindade, havia se casado com Daniel Rodrigues Lima, um dos primeiros mecânicos de Barra do Garças, o filho Albérico, nessa época morava fora, envolvido nos estudos, deve ter encontrado a cidade mais ou menos nessas condições.

Como o senhor Artur continuou trabalhando nos garimpos, Dona Maria percebeu que a cidade oferecia condições favoráveis para se montar um pequeno negócio. Como era excelente cozinheira, decidiu abrir um refeitório, que mais tarde se transformou em pensão.

Entre suas seis filhas solteiras, havia a filha caçula com três anos de idade, Zara Lúcia. Segundo a lenda, o nome teria sido inspirado em uma cigana muito bonita que Dona Maria conheceu no passado, tornaram-se

amigas e ela resolveu homenageá-la colocando seu nome na última das filhas, mas há controvérsias. Segundo outra lenda, o nome foi inspirado em uma outra beldade que possuía este mesmo nome, a miss Poxoréu da época, moça muito bonita, que, segundo informações, vive até hoje. A verdade mesmo não é nenhuma lenda, inspirações e controvérsias à parte, Zara para mim foi e sempre será a mulher mais linda e maravilhosa que conheci.

A partir daí Zara cresceu naquela cidade que passou a ser o seu mundo, brincando e virando cambalhotas nas ruas, nadando nos córregos do peixinho e da voadeira, num local conhecido como Loca, banhando-se nas cachoeiras da usina, subindo e caindo dos pés de manga e caju que existiam em quantidade nos fundos dos quintais, andando nas bicicletas emprestadas dos colegas. Depois começou a frequentar a escola, fez o primeiro ano um, o primeiro ano dois e por último o primeiro ano três, sendo promovida para a segunda série, motivo de seu atraso escolar, segundo ela. Quando ficou mais crescida, ajudava sua mãe com as compras na feira livre, que se localizava a algumas quadras de sua casa, carregando as sacolas pesadas, depois a contragosto ajudava a servir as refeições como garçomete aos fregueses da pensão de sua mãe, depois que chegava da escola.

Enquanto tudo isso acontecia em uma cidadezinha muito bonita que crescia às margens dos rios Garças e Araguaia, no estado de Mato Grosso, numa casa de pensão em uma rua calçada de blocos de pedras, Zara me esperava, e sem saber de mim se escondia. Muito dis-

tante desse lugar, numa pequena cidade do interior do estado de São Paulo chamada Santa Albertina, quando tinha dezesseis anos de idade, começava a longa busca pela pessoa que completaria minha vida. Ainda quando estudante, como tantos outros, nascia em mim o desejo de encontrar um grande amor em minha vida. Muitas foram as tentativas equivocadas, mesmo assim minha busca continuava pelos lugares onde passei e nunca interrompi a procura incessante. Sabia que ela existia e em algum lugar se escondia em cada rosto, em cada olhar eu procurava, só não imaginava que estava assim tão longe.

Naquela noite, enquanto caminhava na direção de meu quartinho de uma casa de república, em minha mente passava um filme, revivia todos os acontecimentos amorosos que havia vivenciado, das muitas namoradas que tive ao longo de seis anos, algumas tinham deixado em mim marcas profundas e boas recordações, outras foram experiências que muito me decepcionaram e machucaram, outras nada representaram. Agora estava na iminência de viver mais um caso de amor, mas alguma coisa me dizia que esta seria diferente, que minha busca havia chegado ao fim. Depois de haver percorrido um longo e demorado caminho, sentia que tinha encontrado a quem procurava, aquela que seria a minha eterna namorada. Naquele momento iniciava uma nova fase em minha vida. Mas essa é outra história, uma longa e linda história de amor como sempre imaginei para mim.

24/10/2018

Trabalhar é Preciso

CONHECI A ZARA NO FINAL DO ano de 1977, fazia uns dois meses que namorávamos, um dia lhe falei que pretendia lecionar para preencher o período da manhã que ficava ocioso em virtude de meu horário de trabalho, que só se iniciava ao meio-dia. Falou-me que no colégio em que estudava existiam duas salas da quarta série, talvez para se aproveitar o espaço físico excedente, não preenchido pelos alunos da quinta à oitava série. Naquele ano de 1978, ela cursaria a oitava série. Antes que começassem as aulas, fui até o colégio, conversei com a diretora, disse-me que estava necessitando de um professor exatamente para uma das salas da quarta série. Acertamos os detalhes e decidimos que eu seria o professor, então solicitou-me a documentação necessária, para iniciar meu trabalho no próximo ano letivo. Nos dois primeiros dias, todos os professores da primeira à quarta série, de todas as escolas da cidade, se reuniram em uma das escolas para fazer o planejamento escolar para todo o ano letivo. As equipes foram

formadas pelos professores da mesma série, em dois períodos da manhã o trabalho estava concluído e aprovado pelo órgão competente.

De posse do planejamento e do material que contemplava o conteúdo a ser trabalhado, iniciaram-se as aulas. As aulas começavam às sete da manhã e encerravam às onze. Tinha exatamente uma hora para almoçar e me apresentar no Banco para o expediente.

Minha sala iniciou com quase quarenta alunos, era uma classe mista, estranhei a faixa etária, era praticamente uma turma de adolescentes que variava entre doze e quinze anos. Acredito que o nível elevado de idade dos alunos se dava pelo alto índice de reprovação e pela falta de comprometimento de alunos e professores com a causa educativa. Iniciei um trabalho sério, tentando recuperar o tempo perdido. Aquele ambiente de alunos e professores me proporcionava uma satisfação que não encontrava no Banco. Os funcionários eram legais, mas o clima de competição prejudicava a convivência, eu tinha apenas dois ou três amigos de verdade em quem podia confiar. Não fazia parte das turminhas que se reuniam nas lanchonetes nos finais de semana para rodadas extravagantes com rompantes de ostentação. Meu mundo era a escola pela manhã, o Banco até altas horas da noite, se o tempo permitia dava uma passadinha na casa da namorada.

Na escola muito raramente conversava com a Zara, pois até os intervalos eram realizados em horários diferentes, os horários das saídas não coincidiam,

geralmente eu saía antes, correndo para almoçar, pois meu tempo era muito restrito.

Nos finais de semana preparava os planos de aula para a semana toda, à noite saía com a minha namorada, íamos à missa, depois até uma lanchonete badalada no centro da cidade, lá encontrava colegas de trabalho e alguns alunos e alunas que já frequentavam esse espaço, que era bastante saudável, ouvíamos músicas da época, tomávamos refrigerantes, às dez da noite estava em casa.

No final daquele ano prestei concurso público estadual para o cargo de professor e fui aprovado. Zara havia concluído a oitava série. Casamos no início de 1979. No Banco fui transferido de setor e de horário, trabalharia das oito da manhã até as cinco da tarde. Fui transferido do Colégio Heronides Araújo para o Colégio Filinto Müller, agora lecionaria das sete da noite até dez e meia, ensinaria ciências para oito salas de quinta a oitava série, sendo duas salas de cada série, ao todo deveriam ter quase trezentos alunos. Minha esposa iniciou o curso colegial também à noite, no Colégio Dom Bosco. Morávamos em uma casinha muito singela e simpática que se localizava na parte intermediária da rampa de um morro, havia construções até na parte alta, as ruas não eram asfaltadas, mas o bairro bem urbanizado, com água encanada e luz elétrica. De nossa casa até o centro da cidade devia ter uns dois quilômetros, que eu ia e voltava três vezes por dia a pé, até quando consegui comprar um fusca, que facilitou muito nossa vida.

Meus finais de semana eram um verdadeiro desafio: preparar aulas para quatro turmas, ou corrigir provas de

quase trezentos alunos, registrar as notas nos respectivos livros de chamadas, fazer compras no supermercado e outras coisinhas mais.

O ano de 1980 iniciou com necessidades de mudança, a Zara interrompeu seu curso, por motivo de gestação, com previsão de parto para final de abril. Na escola, por falta de professor, fui remanejado com consentimento para a área de matemática, ensinaria para quinta e sexta série, diminuiria o número de alunos pela metade, sem prejuízo do número de aulas, conseqüentemente também reduziria o trabalho extra-classe. Havia conquistado a posição que intencionava chegar, poucos alunos e ensinar matemática, a matéria de que gostava e sentia prazer em ensinar, dificilmente abriria mão dessa posição, era efetivo no cargo. No meio do ano fui convocado pelo Banco para fazer o curso para exercer a função de caixa executivo.

Depois de trinta dias em Brasília-DF, retornei na condição de caixa executivo, sem limite de horário na jornada de trabalho. Com muito sacrifício, com a ajuda de um colega de Banco, o Mussolini, conseguimos encerrar o ano letivo, ele na condição de meu substituto na escola, quando por força do trabalho excessivo no Banco era impedido de ir. Passadas as férias escolares de final de ano, antes do início das aulas, ponderei os prós e os contras, não teria condições de exercer as duas funções, meus alunos seriam prejudicados. Conversei com a diretora e assinei meu pedido de exoneração. Meu colega de Banco, o Mussolini, que era um bom professor

de matemática, assumiria as quatro salas até aparecer outro professor definitivo. Assim estava encerrada minha profissão de professor, que acredito ter exercido importância significativa em minha vida.

Muitos anos depois quando viemos morar em Jales (SP), prestei vestibular na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Jales, durante três anos realizei o curso de matemática, um desejo antigo, mas não mais exerci a profissão de professor.

07/11/2018

O Catequista

REPORTANDO-ME AO ANO DE 1978, quando lecionava para uma turma da quarta série, no Colégio Heronides Araújo, certo dia, enquanto explicava determinado conteúdo aos meus alunos, notei na porta de minha sala a presença da diretora da escola e de um padre. Pelas suas fisionomias percebi que queriam dar algum recado, interrompi a explicação. Cumprimentei-os com formalidade e solicitei que adentrassem, atenderam minha solicitação, todos os alunos se levantaram em demonstração de respeito, a diretora agradeceu a atitude e pediu que se sentassem. Ato contínuo, a Diretora tomou a iniciativa e começou dizendo:

— Desculpe-me por interromper a sua aula, professor, mas a visita é rápida, estou acompanhada pelo padre..., que é um dos diretores do Colégio Dom Bosco, da cidade de Cuiabá, que está nos fazendo uma visita e aproveita a oportunidade para propor algo a vocês. Prefiro que ele mesmo explique em detalhes. Por favor, Padre...

Sinceramente não me recordo do nome do padre, era um senhor de idade bem avançada, sorridente e simpático – devido às circunstâncias vamos batizá-lo de padre João. Começou se apresentando e dizendo:

— Sou o padre João, na verdade já me aposentei como padre. Agora colaboro no Colégio Dom Bosco, às vezes como professor, outras como diretor. Estou aqui visitando vocês, mas também estou a trabalho. Todos vocês sabem das dificuldades que a Igreja Católica tem para conseguir voluntários que queiram seguir a carreira religiosa. A carência de padres é uma realidade, tanto que parte dos padres em atividade no Brasil procede de outros países. Nossa diocese tomou a iniciativa de promover uma campanha incentivadora para suprir essa deficiência. Intencionamos montar uma sala de alunos, no Colégio Dom Bosco de Cuiabá, que estudarão da quinta à oitava série, todas as despesas durante esses quatro anos correrão por conta da igreja, os alunos terão alojamento, alimentação, médico, dentista, passagens para visitar os familiares, etc.

A princípio o programa pretende realizar uma sondagem, selecionar jovens do sexo masculino que estejam cursando a quarta série primária, trabalhar esses alunos através de um curso de catequese. Durante quatro meses, todos os domingos depois da missa, os interessados se reunirão em uma sala de aula do Colégio Dom Bosco, aqui de Barra do Garças, estudarão durante uma hora, depois terão a quadra liberada por mais uma hora para jogar futebol, vôlei, basquete, etc. A turma será orien-

tada por um monitor nos estudos em sala de aula e durante as atividades esportivas na quadra, o qual estará investido de autoridade para manter a ordem e a disciplina da turma. Caso não seja obedecido em suas ordens, terá a liberdade de excluir o aluno.

Visitarei pessoalmente todas as salas de quarta série das principais escolas da cidade, fazendo esse mesmo convite. Quem se interessar deverá comparecer à missa neste domingo, depois da missa dirigir-se ao Colégio Dom Bosco, nessa primeira reunião receberão mais informações. Esse trabalho prévio será feito nas principais cidades do estado de Mato Grosso. Desejo uma boa aula a todos, nos veremos no domingo depois da missa. Bom dia a todos!

Quando estava saindo da sala com a diretora, pegou-me pelo braço e me puxou para fora. Paramos no corredor, me disse:

— Professor, o senhor é católico?

— Sou católico, por quê?

— Vou precisar do senhor.

— Como?

— Domingo depois da missa te explicarei. Bom dia e até domingo!

Terminada a missa na igreja Santo Antônio, no domingo pela manhã, na companhia de uns trinta meninos nos dirigimos para o Colégio Dom Bosco. Quando padre João me viu, veio ao meu encontro muito sorridente e me abraçou dizendo:

— Obrigado por ter vindo.

— De nada.

Entramos em uma sala de aula, acomodei-me juntamente com os alunos nas carteiras, enquanto padre João depositava sobre a mesa um calhamaço de papéis trazidos por seu acompanhante. Cumprimentou a todos e agradeceu o comparecimento, dizendo estar surpreso com o número de voluntários. Começou dizendo:

— O que tenho a dizer não é muita coisa, depois poderão ir jogar bola. O professor Antônio, que se encontra sentado ao vosso lado, será o vosso monitor.

— Espere aí, padre João, não lhe disse que poderia ser o monitor.

— Já me informei a seu respeito e não temos pessoa mais qualificada que o senhor para o trabalho, pois é o único professor até a quarta série. Não convidaria uma professora para esse trabalho. O material está todo providenciado e o trabalho aqui deve ser muito bem conduzido. Vão ser apenas quatro meses.

— Durante esses quatro meses vocês vão estudar as lições deste livreto, equivale a um curso de catecismo aprofundado, com noções básicas do ensino religioso. Deverão estudar uma lição a cada domingo e o curso estará concluído. Aquele que não gostar pode abandonar sem nenhum problema, aquele que desobedecer ao monitor deverá ser excluído por ele sumariamente. No final do curso, em uma data que será anunciada, um ônibus exclusivo virá buscá-los, as turmas de todas as cidades escolhidas dentro do estado se reunirão em Cuiabá, nas dependências do Colégio Dom Bosco, onde permanecerão por três dias, serão submetidos a várias avaliações e

devolvidos em suas cidades de origem. Os quarenta primeiros colocados garantirão vaga, caso ocorra alguma desistência entre os selecionados recorreremos à lista classificatória.

Esses quarenta alunos estudarão por quatro anos sem gastar nenhum centavo, receberão ensino de primeira qualidade, acomodação e alimentação decente. Serão observados e avaliados constantemente, aproveitaremos somente aqueles que no decorrer do período demonstrarem aptidão e vocação para a função religiosa, em conformidade com nossos critérios de avaliação, e os demais serão liberados para dar continuidade em suas pretensões pessoais.

Os selecionados serão conduzidos para cursar o segundo grau em colégios especializados, sem prejuízo das regalias anteriores, sujeitos aos mesmos rígidos critérios avaliativos até concluírem seus cursos. Acho que por enquanto é só. Caso alguém queira fazer alguma pergunta, terei prazer em responder.

Como ninguém se manifestou, levantei a mão e disse:

— Padre João, no meu entendimento não considero o que me propôs um convite, e sim uma intimação. Como não é o meu desejo dificultar suas pretensões, por considerar nobre a iniciativa de vossa diocese, aceito a tarefa de monitorar esses meninos em conformidade com o programa idealizado. Pode contar comigo para a execução dessa primeira etapa, só espero não ser necessário fazer uso da autoridade que me delega para manter a ordem e a disciplina. Prefiro que o aluno que não esteja

interessado em aproveitar essa excelente oportunidade de continuar seus estudos desista voluntariamente.

— Eu sabia que o senhor não se omitiria em contribuir com a nossa causa. Deus saberá recompensá-lo, coloco-me à disposição caso surgir algum imprevisto, mas meus colegas padres desta paróquia estão cientes de tudo e acompanharão seu trabalho.

Em seguida realizou a distribuição do material que utilizaríamos durante o curso, que seria reconhecido pelos padres da igreja local como Curso de Primeira Comunhão. A partir de então todos os domingos de manhã comparecíamos à missa, depois nos dirigíamos até as dependências do Colégio Dom Bosco que se localizava a uma quadra da igreja, durante uma hora estudávamos a lição do livreto, depois brincávamos na quadra de esporte do colégio até nos cansarmos. Não me lembro se necessitei excluir algum aluno do curso, mas houve algumas poucas desistências.

Quando foi realizada a cerimônia de Primeira Comunhão, que envolvia outras turmas, eu estava presente. Nessa oportunidade recebi um certificado que me outorgava o título de catequista.

09/11/2018

Um Tio Calabrês

QUANDO MORAVA NA CASA DE meu tio Pedro e minha tia Dolores, aconteceu de começar a sentir uma dor intensa na região do estômago. Tudo que comia, vomitava, aquele mal-estar foi me enfraquecendo, perdi até o ânimo de ir à escola. Passados uns dois dias me encontrava tão debilitado que não mais levantava da cama. Meus tios fizeram tudo o que sabiam para resolver o problema, mas, quando perceberam que meu estado só piorava, avisaram meus pais no sítio. Imediatamente vieram e me levaram ao médico. Como estava muito fraco, o médico deliberou por me internar e iniciar um processo nutricional por via intravenosa. Recebi soro interruptamente durante uns três dias e noites, minha mãe fez companhia no primeiro dia, depois necessitou ir para casa no sítio, meu tio Pedro se ofereceu para substituí-la. Com o tratamento hospitalar minha saúde dava sinais de recuperação. Quando me reidratei, o médico, um clínico geral que se chamava Dr. Joaquim, deu-me alta, e retornei para a casa de meus tios.

Reiniciei a alimentação via oral com comidas leves, tipo canja e sopa, e retornei à escola. No mesmo dia passei mal, voltei para casa antes de terminar a aula, meu estado foi piorando rapidamente, o estômago não retinha nenhum alimento, meus pais foram avisados e retornaram no outro dia pela manhã preocupados. Fui levado por eles até a casa de meu avô Riquêto. Estavam decidindo me levar até um médico especialista em Jales, me encontrava completamente depauperado, sem capacidade de reação. Lembro-me que nesse momento chegou à casa um casal de tios de minha mãe, que moravam em Santa Albertina, até então não os conhecia, pois fazia pouco tempo que lá residiam. Ela se chamava tia Luiza; ele, tio Domingos. Quando me viram naquele estado deplorável, imediatamente me examinaram e diagnosticaram:

— Esse menino está com a espinhela caída.

Espinhela caída para uns, para outros, arca caída. Tia Luiza pediu um barbante ao meu avô, mediu meus braços, meu tórax e comprovou seu diagnóstico.

— É espinhela caída sem dúvida, é só benzer.

Levou-me para os fundos da casa e benzeu-me com ramos de arruda durante uns dez minutos. Quando terminou, pegou o barbante, mediu novamente e disse:

— Já está quase no lugar certo, é só benzer mais duas vezes e estará curado.

Tia Luiza era benzedeira muito bem-conceituada. Ficamos sentados conversando em uma varanda nos fundos da casa por uns dez minutos, onde havia um enorme banco de madeira.

Minha avó Maria chegou convidando:

— Vamos todos almoçar.

Pensei: todos, menos eu. Nesse momento tio Domingos levantou-me pelo braço e disse:

— Agora você já pode almoçar.

— Não, eu vomito.

Tio Domingos disse para minha mãe:

— Pode fazer o prato dele, ele vai comer.

Fazia uma semana que meu estômago não aceitava nada de alimento, nem sólido nem líquido. Comi toda aquela comida naturalmente e não senti nada. Esperei uns dez minutos, percebi que não aconteceria nada de errado, fui até tia Luiza e disse:

— Acho que já estou curado.

— É bom benzer mais duas vezes, para não cair de novo.

Diante daquela recuperação repentina, meu pai e minha mãe retornaram para o sítio. Naquela mesma tarde fui para a escola e não senti mais nada. No outro dia pela manhã fui até a casa deles. Cheguei, tomei a bênção dos dois, disse a tia Luiza:

— Vim para a senhora me benzer novamente, mas já estou bom.

Benzeu-me, mediu-me e disse:

— Sua espinhela agora está no lugar certo.

No outro dia no mesmo horário retornei para a terceira benzedura. A partir desse acontecimento, comecei a frequentar a casa deles, conversávamos sobre vários assuntos, sempre gostei de conversar com pessoas adul-

tas, sentia que aprendia muito com eles, mas também gostava de expor meu ponto de vista. Mesmo quando percebia que minhas ideias não eram recebidas como desejava, sempre recebia alguns retoques, talvez pelo fato de ser um menino, mesmo assim nos tornamos amigos, desenvolvi profundo sentimento de respeito e gratidão por aquele casal, sabia que minha mãe tinha verdadeira veneração por tia Luiza, sentimento que sobreviveu, pois existia desde que era uma menina. Descobri que aquele senhor possuía particularidades que me cativavam. Sentia que gostava de conversar comigo de igual para igual, falar sobre seu passado, contar histórias dos tempos antigos, quando era criança, narrar suas peripécias. Tia Luiza era irmã de meu avô Riquêto e tio Domingos, cunhado. Um dia, quando retornei da casa de tio Domingos, passei na casa de meu avô Riquêto. Perguntou-me de onde estava vindo.

— Da casa de tio Domingos e tia Luiza.

— O que foi fazer lá?

— Gosto de conversar com eles.

Ele me respondeu, enciumado:

— Cuidado, não fia na conversa daquele calabrês, pois ele é muito mentiroso.

— Será?

— É muito contador de vantagens, conversador e mentiroso, metade do que ele fala é invenção.

Saí de lá pensativo. Tudo que me falava era tão possível e inofensivo que não levei a sério aquele comentário desabonador. Também tinha o hábito de ir à casa

de meu avô para conversar, conversava mais com minha avó Maria, nona, como a chamava, sentia que ela gostava de conversar comigo. Eles me chamavam de Tonho, mas meu avô era sistemático, não me dava muita atenção, exceto quando pedia que lhe fizesse alguns cálculos de juros. Buscava uma maletinha que guardava sobre o guarda-roupa onde guardava as notas promissórias de seus devedores, então eu pegava uma a uma, identificava aquelas que estavam próximas do vencimento e fazia o cálculo dos juros. Nesses dias sentia que ficava mais gentil comigo e eu gostava.

Confidências do Tio Calabrês

TIO DOMINGOS ERA BRASILEIRO, mas se dizia calabrês, não se considerava descendente de italianos:

— Essa raça da Luíza e do Riquêto é muito diferente da minha, é um povo mole e preguiçoso, uns comedores de polenta.

Aí entendi de onde vinha a rivalidade deles, os descendentes de italianos têm uma certa implicância com os descendentes de calabreses, e vice-versa. Decidi amenizar as diferenças regionais explicando que a Calábria era uma parte da Itália, logo todos eram brasileiros, descendentes de italianos.

Ele justificava dizendo:

— Não, italiano é uma gente atrasada e preguiçosa, calabrês um povo mais civilizado e trabalhador. É como aqui no Brasil, o caboclo nordestino é atrasado e preguiçoso, já os paulistas são adiantados e trabalhadores.

Eu tentava mediar a situação, dizendo:

— Existem nordestinos inteligentes e trabalhadores, como também paulistas atrasados e preguiçosos.

Aí ele apelava, dizendo:

— Raça ruim mesmo é essa do seu pai e do Veguinha, espanholada metida a brava, teimosa como se eles fossem donos da verdade.

Como ele ouvia minhas ponderações, obtemperava:

— É nada, tio Domingos, todos somos brasileiros, e cada pessoa tem seu jeito próprio de ser.

Ele discordava:

— Você é um menino e não entende dessas coisas, existem raças ruins e raças boas por natureza. Você já ouviu dizer que os alemães quase exterminaram os judeus?

— Isso aconteceu durante a Segunda Guerra Mundial, onde todo mundo matava todo mundo.

— É, mas quem começou toda a encrenca? Justamente os alemães.

Quando resolvia falar de sua infância, começava depreciando as novas gerações:

— Essa molecada de hoje em dia não sabe fazer nada, não obedece nem ajuda aos pais, tem medo de tudo. Vive envolvido com escola e caderno, ou jogando bola o dia inteiro. Quem vai plantar para tantas pessoas comerem no futuro?! Quando tinha oito anos de idade, eu já era praticamente um homem, sabia fazer de tudo, não tinha medo de nada.

E passava a relatar com riqueza de detalhes acontecimentos que, em sua opinião, o projetavam no meu conceito.

— Quando tinha uns oito anos, trabalhávamos em um cafezal, os trilhos da linha de ferro passavam entre os pés de café, parávamos e ficávamos encostados nos cabos das enxadas olhando como bobos o trem passar cheio de passageiros, alguns nos acenavam cumprimentando, outros nos ignoravam, como se não existíssemos. Um dia, quando ouvi o trem apitar, fui até um pé de mamão, apanhei um que estava bem maduro, espireitei atrás de um pé de café, fiquei esperando o trem. Dentro do trem, sentado em uma poltrona do lado da janela que estava com os vidros arriados, um burguês gordo, vestido com um terno marrom e gravata amarela, vinha deleitando a brisa da manhã todo faceiro. Arremessei o mamão que penetrou pela abertura da janela, chocando em cheio com a cara do ilustre. Pena que não consegui ver o restante da história, mas acredito que comeu mamão sem querer. Que menino de hoje teria coragem para fazer isso? – E caiu na risada, como tivesse realizado um grande feito.

Pensei um pouco e respondi:

— Coragem eu teria, mas isso não faria, penso que foi muita maldade.

Ficou me olhando, exigindo uma explicação que justificasse minha opinião. Comecei a relatar:

— Um dia desses estava lá no nosso sítio, no Schmidt, arrancando mandioca para os porcos, quando percebi parar uma perua Kombi na estrada, desceram dois homens, entraram em nossa roça de arroz, onde existiam uns pés de melancias. Enquanto escolhiam as maiores, que ainda não estavam devidamente maduras,

fui por trás do canavial até onde estava a perua com uma pedra e quebrei os dois faróis, os cacos de vidro ficaram na estrada. Escondi-me no canavial para observar quando chegaram com duas melancias cada um, colocaram na perua, entraram e foram embora.

Ficou me olhando e perguntou:

— Você fez isso sozinho?

— Eu fiz.

— Não descobriram quem foi?

— Não, nunca contei essa história para ninguém.

— Fez muito bem, acho que eu faria pior.

E assim nascia entre nós uma cumplicidade comprometedora. Quando ele contava alguma proeza, logo eu me lembrava de alguma que também havia aprontado, ou inventava uma parecida com a dele para não me sentir desprestigiado.

Existia uma pequena varanda na parte dos fundos da casinha singela, havia algumas gaiolas com passarinhos, que eram cuidados por ele com desvelo paternal: um pássaro preto e alguns canários do reino ou belga (não saberia diferenciá-los), sendo o pássaro preto o seu filho predileto. Contava que ao longo de sua vida tinha possuído muitos deles, alguns inesquecíveis, espécimes que naquela época já eram raridade, imagine hoje. Mais de uma vez me relatou a mesma história sobre um curió, era um remorso que lhe pesava na consciência desde os oito anos de idade. Adulto, de certa forma sentia necessidade de desabafar, talvez na intenção de se libertar da culpa.

Quando ele tinha oito anos, contava que seu pai possuía um curió de estimação. Esse passarinho era um grande tesouro, que não venderia por nada. Um dia ele descobriu em uma várzea, que ficava próxima de sua casa, outro curió, que era um tesouro ainda mais valioso. Se conseguisse capturar aquela preciosidade, seria um homem rico. Foi à cidade, comprou um alçapão, com muita conversa conseguiu convencer seu pai a emprestar o curió que serviria como chamariz. Em um domingo pela manhã, pegou a gaiola com o curió do pai, o alçapão e foi para o banhado, que não ficava muito distante de onde morava, com o propósito de capturar a ave. Pendurou a gaiola no galho de uma arvorezinha com o alçapão armado e se escondeu dentro de uma moita bem próxima onde era possível observar tudo. Não demorou muito, os passarinhos se descobriram, iniciando o espetáculo sonoro e a contenda. O curió prisioneiro provocava o liberto e vice-versa. No princípio o curió do banhado estava receoso e não se aproximava da gaiola. À medida que a adrenalina foi subindo, foi perdendo o medo, quando ele viu, estavam se engalfinhando, um do lado de fora e o outro de dentro, e nada de entrar no alçapão. Ficou assistindo à peleja até que o curió do banhado se cansou e foi embora. E assim foram três domingos em tentativas fracassadas, o curió arredio não entrava na armadilha. Seu pai, muito cioso e preocupado, decidiu que não emprestaria mais seu curió. Na opinião dele, a ave já estava muito machucada. Pensou em outra maneira de capturar o curió. Como manejava

o estilingue com extrema precisão, pensou: vou acertá-lo com uma pedra o suficiente para desacordá-lo, depois ele se recuperará. No quarto domingo pela manhã, munido com sua atiradeira de forquilha, postou-se atrás de uma moita, próximo à mesma árvore que costumava pendurar a gaiola e começou a imitar o canto do pássaro. Logo o curió do banhado pousou em um galho, mirou a ave com o estilingue e arremessou, a bolota acertou em cheio o peito do pobrezinho, que foi atirado ao chão exalando seu último suspiro. Quando percebeu que não reagia, sob pranto desesperado tentava ressuscitar o bichinho, mas já era muito tarde. Segundo ele, um dos maiores pecados que cometeu na vida.

Lembrei-me daquela redação fatídica que fiz em meu primeiro dia de aula, no colégio de Santa Albertina, aproveitei a oportunidade, também fiz minha confidência e desabafei:

— Se matar passarinho for pecado, eu estou lascado, já matei muitos. Também carrego esse remorso na consciência – falei pesaroso tentando consolá-lo.

Lembrei-me de um detalhe, excelente oportunidade para provar que minha geração não era inútil como ele avaliara, e fui lhe dizendo:

— Eu teria pegado o curió sem correr o risco de matá-lo.

Ficou me olhando desconfiado cobrando uma explicação convincente.

— Meu pai me ensinou a fazer visgo com o leite da figueira, esquentar o leite em uma latinha no fogo, quan-

do começar a engrossar, enrolar o visgo pegajoso em um arame grosso, fixar bem na gaiola onde está o chamariz. Quando a presa chegar vai pousar no arame, pressionar os dedos e ficar grudada, aí é só chegar, pegá-la com cuidado, desprender seus pés do grude.

— Será que funciona?

— Já peguei muitos, até periquito – menti.

— Vivendo e aprendendo.

Senti que nesse momento fui projetado em seu conceito.

— Menino da roça é mais esperto que esses moleques da cidade, só sabem empinar pipas e jogar bola.

Naquela época não tinha conhecimento dos ensinamentos bíblicos, poderia ter citado outra maneira de capturar o curió, conforme consta em Salmos 91.3. O laço do passarinho, técnica milenar usada para se capturar passarinhos. Anos depois descobri que meus primos do Córrego da Santa Adélia capturavam passarinhos usando esse método, porém nunca tentei usá-lo. Certamente teria galgado alguns degraus a mais em seu elevado conceito, que para mim significava muito, gostava de ser por ele admirado, mesmo se fosse com a ajuda de uma mentirinha inofensiva.

Por essas e outras, decidi que a hora era oportuna para revelar que não era um menino leigo em histórias de passarinho:

— Quando meu pai era um menino de oito anos, também não tinha medo de nada e sabia fazer de tudo um pouco. Contou-nos que meu avô Manoel tinha vários

curiós, que eles conheciam como bicudos ou avinhados, tinha também algumas fêmeas que era para que os machos ficassem excitados e começassem a disputá-las, dizia que a cantoria que eles faziam era o espetáculo mais lindo. Uma vez meu avô recusou trocar seu bicudo de estimação por uma vaca de leite, dizia que vacas existiam muitas, mas passarinho como aquele, só aquele mesmo.

Tio Domingos bebia minhas palavras como um líquido precioso e disse:

— Quando encontrar seu pai vou falar sobre esse assunto para confirmar se foi assim mesmo. O que mais ele contou?

— Contou que aprendeu a capinar e fumar com menos de sete anos de idade, meu avô obrigou todos os filhos a fumar, eram cigarros feitos com fumo de corda fraco, picado e enrolado na palha de milho, para fazer fumaça e espantar os borrachudos.

— Isso acredito, foi desta forma que também aprendi a fumar, pois naquele tempo os pernilongos só faltavam carregar as pessoas.

Tio Domingos me contou muitas histórias de seu passado. Percebia que algumas eram verídicas, outras floreadas com alguns exageros, e muitas delas, inventadas com o propósito de se elevar no meu conceito. Mesmo assim conseguia me cativar cada vez mais. Talvez pelo fato de gostar de contar e ouvir histórias. Contava e se orgulhava muito de ter sido ferroviário por muito tempo. Segundo ele, foi um dos melhores funcionários da ferrovia. Não me lembro bem, mas acho

que era funcionário da Fepasa, até quando conseguiu se aposentar. Um dia perguntei se já tinha dirigido um trem, respondeu-me:

— Meu serviço era outro, mas se precisasse dirigia. Maquinista não é nenhum bicho de sete cabeças, não tem nenhum segredo não.

Lembrei-me dos conselhos de meu avô, mas uma mentirinha não comprometia. Como não havia dirigido o trem, não foi elevado em meu conceito, mas poderia ter dito que era ele quem manobrava os trens para os pá-tios quando precisava de reparos. Teria acreditado sem nenhum problema.

Aquela nossa amizade progredia em qualidade e confiança. Durante uns três meses, frequentei a casa deles pela manhã. Até o dia que ele e tia Luiza se mudaram para Fernandópolis-SP. Foi meu pai quem levou a mudança em nossa camioneta, lembro-me que ajudei a carregar a mudança, que eram poucos móveis, uma cama de casal, um guarda-roupa pequeno, mesa e poucas cadeiras, um fogão a gás e as gaiolas com os passarinhos. Cheguei a implorar ao meu pai para deixar-me ir junto, mas não permitiu quatro pessoas na cabine, pois ficava muito apertado. Não importaria de ir junto com as gaiolas na carroceria. A decisão foi não e ponto final. Despedi-me deles e fui chorando andando pelas ruas ao lado de meu avô Riquêto. Fui para casa de meu tio Pedro, onde morava. Acho que foi a última vez que os vi.

10/10/2018

A Verdade Sempre Aparece

QUANDO EU ERA UMA CRIANÇA de cinco ou seis anos, não sei como aconteceu, mas inexplicavelmente um livrinho de catecismo todo ilustrado, que pertencia a uma de minhas irmãs, chegou até minhas mãos. Ainda não sabia ler, mas já entendia o significado de uma imagem. Naquele livro de muitas páginas havia muitas figuras, mas em seu final uma em especial chamou minha atenção, a imagem do diabo. O corpo era de um homem muito forte, cabeça de animal com chifres, de sua boca cheia de dentes saía uma enorme língua flamejante, suas mãos poderosas seguravam um tridente, onde estava espetada uma mulher toda nua, que se contorcía agonizante, exposta sobre labaredas de uma enorme fogueira, em que estavam queimando muitos outros corpos, de homens e mulheres, todos nus, os quais em

chamas demonstravam estar passando por sofrimentos e aflições indizíveis.

Quando me deparei com aquela imagem estranha, não entendi o que significava, mas depois de observar atentamente necessitava de uma explicação que elucidasse o sentido de tudo aquilo. Chamei minha irmã, começou a explicar detalhadamente que aquele era o retrato do inferno e aquela figura animalesca era o satanás em pessoa, um ser extremamente mau e poderoso, dono daquele lugar, destino de todas as pessoas pecadoras depois da morte. Era exatamente o que acontecia com os pecadores. Nem Deus nem Jesus Cristo podiam fazer mais nada, estavam definitivamente condenados para sempre. Leu-me o texto explicativo, atribuía ao diabo maldades e poderes extremos e confirmava sua informação, pois aquelas palavras escritas revelavam que havia dito a verdade, era uma realidade incontestável.

Fiquei estarrecido com aquela informação que até então não tinha conhecimento. Fui até minha mãe com o livreto nas mãos, mostrei aquela figura monstruosa, confirmou que era exatamente assim, que o inferno estava quase cheio de pecadores e a fogueira cada vez maior e mais quente. Aquelas palavras de minha mãe me convenceram de vez, ratificavam as informações de minha irmã, ela não mentia. Concluí que o mundo era um lugar muito ruim e morrer seria pior ainda. Aquela visão dantesca me acompanhou por muito tempo, principalmente durante a noite e quando fazia alguma coisa errada, como brigar com meus irmãos e minhas irmãs,

ou quando meu pai ou minha mãe me aplicavam alguma surra, por força de um motivo sempre justo. Então me sentia um pecador contumaz, estava irremediavelmente perdido. À medida que crescia, meus pecados aumentavam em quantidade e gravidade, eu estava condenado ao inferno definitivamente.

Quando fui estudar a quarta série em Santa Albertina, o professor nos orientou sobre a necessidade de fazer o curso de catecismo para poder realizar a primeira comunhão. Os alunos que ainda não tinham o curso teriam que comparecer depois da aula na igreja católica, três dias por semana, durante alguns meses, e fazer o curso, exceto os crentes, assim eram conhecidos os evangélicos. Fiquei sabendo que, depois de concluído o curso, estaria apto a confessar todos os pecados ao padre e comungar, que significa receber a eucaristia, ou seja, ingerir a hóstia após assistir à missa. A hóstia é uma massa de trigo sem levedo, no formato circular, parecida com uma moeda, consagrada pelo padre durante a missa. Consagrar é o mesmo que tornar sagrado. Isso depois de cumprir a penitência imposta pelo padre, que é uma espécie de castigo proporcional à quantidade e à gravidade dos pecados confessados. Cumprido todo esse ritual, todos os pecados estariam perdoados definitivamente. Todas essas informações deveriam ter recebido de minha irmã, ou de minha mãe, quando tive conhecimento da existência de satanás e do inferno, teriam me poupado muitas preocupações. Penso que não revelaram propositadamente, seria um freio para se evitar que pe-

casse deliberadamente. Lembrei-me da imagem do livro de catecismo, certamente aquelas pessoas que queimavam desesperadas no inferno não tinham feito o curso de primeira comunhão.

Concluído o curso, no dia da primeira comunhão, em um domingo pela manhã, em minha primeira confissão revelei uma ínfima fração dos pecados que carregava sobre os ombros, pois, se fosse revelar tudo, ficaria o dia todo ajoelhado em frente ao confessor. Quando disse ao padre Walter que tinha matado dois passarinhos deu-me uma bronca, disse que era pecado matar os pobrezinhos, por isso em vez de uma teria que rezar três ave-marias, seria uma para todos os outros pecados, mais uma para cada passarinho assassinado. Depois que saí da igreja, minha consciência estava mais pesada que antes da confissão. Lembrem que quando escrevi aquela redação em meu primeiro dia de aula tinha relatado que havia matado trinta passarinhos?! Na verdade, matei muito mais, então, além de sonegar pecados, cometi mais um, menti para o padre. Ao sair da igreja encontrei meu colega de classe que se chamava Jaime, perguntou qual foi minha penitência, respondi três ave-marias. E a sua? Respondeu-me. Cinco. Ingenuamente tornei a perguntar. Quais foram seus pecados? Respondeu-me sisudo. Isso é segredo, só pode dizer ao padre. Desculpa. Pedi desculpa por formalidade e educação, na verdade conhecia alguns de seus pecados, mais de uma vez contou-me que, quando estava sem dinheiro, costumava surrupiar alguns cruzeiros da gaveta do açougue de seu

pai, acredito ser um pecado mais grave que matar passarinho, cinco ave-marias.

Quando cheguei à casa de meu tio Pedro, adentrei meu quartinho, fechei a porta, ajoelhei no chão e rezei mais trinta e uma ave-marias, uma foi pela mentira ao padre Walter, mais uma para cada passarinho assassinado, que confessei em minha redação para o professor José Camargo. A penitência teria que ser proporcional aos pecados cometidos. No íntimo sentia que deveria passar o restante da vida rezando ave-marias, sabia da intensidade de pecados que havia sonogado, do tipo inconfessável. Embora acreditasse na eficácia da absolvição dos pecados confessados, a insígnia de pecador não me abandonava.

O tempo passava célere e raramente assistia à missa. Meus pecados aumentavam à proporção que o tempo corria, o medo do diabo e do inferno de certa forma foi superado, pelo menos havia um paliativo. Quando me sentisse sobrecarregado ou cometesse um deslize mais grave, era só ir confessar, cumprir a penitência, comunicar e tudo seria perdoado. O mundo não deveria ser assim tão cruel, o curso de primeira comunhão tinha solucionado meus problemas com o inferno, o diabo não me pegaria facilmente.

Mais oito anos decorreram da mesma forma célere, eu havia crescido em tamanho e entendimento. Quando cursava o quarto ano do curso de magistério, em Ribeirão Preto-SP, fui até uma enorme livraria que ficava perto do colégio em que estudava. A quantidade de li-

vros expostos nas prateleiras era um exagero. A capa de um livro em especial me chamou a atenção, seu título era sugestivo, então resolvi comprá-lo. Quando cheguei a minha casa, comecei a ler. Esperava encontrar uma história de amor, com passagens picantes de relacionamentos íntimos, um caso de amor proibido.

O que encontrei foi bem diferente, o conteúdo do livro refletia acontecimentos ocorridos durante os longos e negros anos da Sagrada Inquisição ou Santo Ofício, em que a Igreja Católica, com a conivência do poder político da época, em sua maioria representado pelas monarquias, no período da Idade Média, principalmente nos países europeus, cometeram as maiores atrocidades. Esses religiosos diziam ser outorgados por Deus com poder de vida e morte sobre cidadãos considerados hereges, inimigos públicos da Santa Igreja Católica Apostólica Romana. A radiografia desses acontecimentos revelava arbitrariedades cometidas por esse tribunal eclesiástico, que detinha o poder de julgar, condenar e executar sumariamente qualquer pessoa que se opusesse ou denunciasse as aberrações que ocorriam às escondidas nas entranhas dos conventos e mosteiros em voga na época, como também nos bastidores privados dos cômodos anexos das igrejas públicas – abusos sexuais, abortos, corrupções, expropriações, perseguições, torturas, execuções e toda sorte de autoritarismo e prepotência.

Descobri através dessa fonte que aqueles chefes religiosos cometiam os crimes mais hediondos con-

tra a humanidade. A fogueira, a forca e a guilhotina ceifaram vidas inocentes durante décadas. Essas informações de certa forma abalaram meu conceito de credibilidade, incutindo em minha imaginação a desconfiança e a necessidade de aprofundar minhas pesquisas investigativas. Uma denúncia dessa gravidade carecia de ser apurada. Conversando sobre o assunto com pessoas mais experientes e informadas, descobri que aquelas informações não só eram verdadeiras, como também tinham conseguido abalar os fundamentos da própria Igreja Católica, motivando o surgimento do Protestantismo. Hoje o que restou da igreja de Roma tenta amenizar o erro com escusas, compensando as memórias das vítimas com títulos efêmeros, atribuindo-lhes o status de mártires, que em nada consegue apagar essa página negra que maculou para sempre a prepotência do poder religioso.

Para elucidar o assunto e ter entendimento racional, me ocuparei doravante em explicar tudo que descobri a esse respeito. Caso não acreditem, sugiro que pesquem por conta própria sobre o tema, e perceberão que digo a verdade, não estou a fim de contrair mais um pecado.

Não obstante JESUS citar o nome satanás em suas locuções e passar a ideia da existência de um lugar de muito sofrimento, onde haveria choros e ranger de dentes, a igreja se utilizou dessas figuras alegóricas com a finalidade de impor medo e respeito, para obter obediência e submissão, como também se utilizou de tantas outras informações ditas e exemplificadas desta mesma

forma, para criar seus dogmas e práticas ritualísticas, com a prerrogativa de confundir e não esclarecer. Tentou também pôr em prática outras tantas indulgências com finalidade de expropriação, que eram tão absurdas que foram logo abandonadas. Nessa época que a Inquisição estava em voga, era prática a igreja vender literalmente a salvação da alma de pessoas muito comprometidas. Essas pessoas depois retornaram em espírito e denunciaram que foram enganados pelos padres e bispos, pois em vez do paraíso prometido encontraram as asperezas do umbral. Padres, bispos, cardeais, que em suas trajetórias terrenas se autointitulavam santos e depois de suas mortes foram canonizados, retornaram em espírito e lamentaram profundamente seus equívocos, revelaram suas precárias condições de espíritos sofredores, perambulando em trevas no mundo dos mortos, recordando suas mazelas, conseguiram enganar o mundo, menos as Leis Divinas.

Em outras oportunidades disse que nas Obras Básicas da Doutrina Espírita encontramos respostas racionais para quase todas as perguntas. Quando digo “para quase todas as perguntas”, justifico: a humanidade ainda não se tornou digna de conhecer todas as respostas. À medida que o homem for evoluindo em moralidade e justiça, será revelado gradativamente tudo que necessitamos saber. Quando Allan Kardec e sua equipe questionaram os Espíritos sobre a existência do demônio e do inferno, eis o que responderam:

Questão n. 131 de “O Livro dos Espíritos”: Há demônios, no sentido que se dá a esta palavra?

Resposta: — Se houvesse demônios, seriam obra de Deus. E Deus seria justo e bom se tivesse criado seres eternamente voltados ao mal e à infelicidade? Se há demônios, residem em mundos inferiores como a Terra e em outros semelhantes. São esses homens hipócritas que transformam o Deus justo em um deus mau e vingativo e que acreditam Lhe ser agradáveis pelas abominações que cometem em Seu nome.

Questão n. 1011 de “O Livro dos Espíritos”: Um lugar circunscrito no Universo está destinado às penas e aos gozos dos Espíritos de acordo com seus méritos?

Resposta: — Já respondemos a essa questão. As penas e as venturas são inerentes ao grau de perfeição dos Espíritos. Cada um possui, em si mesmo, o princípio da própria felicidade ou infelicidade; como eles estão por toda a parte, nenhum lugar determinado ou fechado se destina a uns ou a outros. Quanto aos Espíritos encarnados, são proporcionalmente felizes ou infelizes, segundo o grau de evolução do mundo que habitam.

Questão n. 1011 de “O Livro dos Espíritos”: Segundo isso, o inferno e o paraíso não existiriam tal como o homem o representa?

Resposta: — Não são senão figuras: há por toda a parte Espíritos felizes e infelizes. Entretanto, como já dissemos, os Espíritos de uma mesma ordem se reúnem

por simpatia; mas podem se reunir onde querem, quando são perfeitos.

Questão n. 1012 de “O Livro dos Espíritos”: Que se deve entender pelo purgatório?

Resposta: — Dores físicas e morais: é o tempo da expiação. Quase sempre é sobre a Terra que fazeis vosso purgatório e que Deus vos faz expiar vossas faltas.

Observação: Existe um universo de respostas à disposição da humanidade, e à medida que o Espírito humano for evoluindo em conhecimento, moral e justiça, novas revelações nos serão concedidas pelo plano Espiritual. A maioria das religiões é refratária dessas informações espirituais, seus fiéis ignoram esse universo de respostas, preferem continuar com a mesma mentalidade da Idade Média, quando os padres rezavam as missas em latim e ninguém entendia o que eles diziam, continuam pregando que existe um lugar circunscrito de sofrimento extremo permanente, onde a alma pecadora está irremediavelmente condenada às penas eternas. Outras não pecadoras, à espera das benesses de um céu de ociosidade, esperando o dia do juízo final. DEUS não outorga ao homem poder de absorver ou condenar quem quer que seja, todos indistintamente estamos submetidos aos desígnios de Suas Leis Perfeitas e Imutáveis e cada um será julgado pelo tribunal da própria consciência. Conheça a verdade e ela vos libertará (João 8.32). Somos todos Espíritos imperfeitos e DEUS, nosso pai, nos concederá quantas encarnações

forem necessárias para nos despojar de nossas imperfeições e resgatar nossos erros para seguir a trajetória em direção a nossa destinação. Vós sois deuses (João 10.34).

Quando tinha cinco anos, foi fácil convencer-me da existência do demônio, apenas uma figura em um papel, era uma criança inocente e ignorante. Aos dez anos acreditei cegamente que um padre poderia retirar meus pecados, principalmente porque via na fila do confessorário, senhoras, senhores e até velhinhas, que também acreditavam que o padre Walter tinha o poder de absolvê-los.

Deus criou o universo e tudo que nele existe, juntamente com essa obra magnífica criou Leis justas, perfeitas, eternas, imutáveis. Os mundos e tudo que neles existem estão subordinados a essas Leis. Não queiramos modificá-las ou adequá-las para atender nossos interesses e nossas necessidades, pois teremos que reparar tudo que fizermos de errado, não existem subterfúgios, Deus concedeu-nos inteligência, livre arbítrio e a eternidade. Para compreender começemos por “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo” e instruir-nos.

05/10/2018

Quem é o Demônio e Onde se Esconde?

O DEMÔNIO É UMA FIGURA criada pela credice dos povos antigos, que durante muito tempo, como não conseguiam interpretar a causa de certos fenômenos até então inexplicáveis, devido à escassez dos conhecimentos que detinham, foi lhes atribuindo conceitos e importâncias imaginárias, como uma infinidade de outras crenças equivocadas que permaneceram arraigadas na cultura desses povos. Como não encontravam uma explicação lógica para algumas causas que geravam efeitos maléficos, entendiam que só poderia ser provocado por um ser maligno que exercia uma força contrária aos poderes de Deus, capaz de arrebanhar uma parcela de espíritos pecadores que seriam conduzidos ao seu reduto, que denominaram de inferno. Esses espíritos estariam submetidos a penas eternas, onde queimariam indefinidamente. Esse era o entendimento geral das pessoas, que de certa forma até os dias de hoje ainda permanece.

A igreja nascente, em vez de investigar o fenômeno a fundo, descobrir as causas que geravam esses efeitos, esclarecer os fiéis sobre o assunto, prestar socorro às vítimas desses processos obsessivos, se utilizou dessa figura fictícia e a transformou em seu inimigo principal, dirigindo toda sua artilharia contra essa figura inexistente, usando-a como um aliado para atingir seus meios, que durante muito tempo funcionou. Então, grande parcela da população acreditou e ainda acredita cegamente na existência de um Deus do mal, pintado com as cores e os poderes mais cruéis que a imaginação humana possa conceber. As religiões dissidentes utilizaram a mesma figura hipotética para manter sob suas asas a obediência e o domínio de pessoas que jamais suspeitaram que estivessem sendo usadas e enganadas.

Há de se analisar que até os dias de hoje existem pessoas que acreditam em lobisomem, mula sem cabeça, que o sol gira em torno da Terra, fim do mundo, destino, etc. As pessoas acreditam no que ouviram a vida toda, inclusive continuam ensinando às crianças essas mesmas coisas. E vão continuar acreditando. Eu já disse alhures que, quando uma mentira é repetida exaustivamente, passa a ser uma verdade, e os incautos acreditam.

“Conheça a verdade, ela te libertará” (João 8.32). O mundo evoluiu, o homem hodierno não pode continuar se comportando como se estivesse condenado a permanecer na infância dos conhecimentos das coisas de Deus, onde se permite ser conduzido por pregadores que impedem que a verdade seja divulgada. Tudo evolui, necessariamente as re-

ligiões têm que evoluir, o ser humano necessita dilatar seu entendimento sobre as coisas de Deus. A Espiritualidade nos cobra conhecer essas verdades, pois somente quando assimilarmos e praticarmos essas verdades haverá paz na Terra. O homem necessita urgentemente conhecer suas responsabilidades perante a vida. É inadmissível aceitar que existem homens que desconhecem a Deus, Suas Leis, que matam, roubam, enganam. Comece por aceitar o elementar, acreditar em DEUS sobre todas as coisas, criador do universo e de tudo que nele existe. DEUS é a inteligência Suprema, causa primeira de todas as coisas, infinitamente bom, justo, perfeito. Deus é onipotente, onipresente, onisciente. Deus é imaterial, Espírito.

Nós somos espíritos criados por Deus. No princípio éramos simples e ignorantes. Como fomos dotados de inteligência e do livre-arbítrio, através de nossas vivências sucessivas fomos adquirindo conhecimentos, com a liberdade que temos podemos usar nosso conhecimento para o bem ou para o mal. A pessoa que opta por praticar o mal torna-se um espírito mau: rouba, mata, gera ódio, adquire muitos desafetos, é hostilizado, excluído, tem a sua liberdade cerceada, torna-se uma pessoa malquista, se identifica com as pessoas também más. Quando desencarna, seu espírito levará todas essas tendências maléficas para regiões do plano espiritual frequentada por espíritos dessa categoria, regiões de muito sofrimento onde a maldade impera e se formam legiões lideradas pelos espíritos muito cruéis, que passam a perseguir os inimigos nos dois planos.

Quando esses fenômenos se tornaram muito comuns, causando pânico às vítimas dessas perseguições, um grupo de cientistas liderados pelo estudioso Hippolyte Léon Denizard Rivail, nascido em Lyon, na França, no dia 03 de outubro de 1804, que mais tarde assumiria o pseudônimo de Allan Kardec, resolveram investigar esses fenômenos a fundo e descobriram as causas que geravam esses efeitos. Perceberam que os fenômenos ocorriam com mais facilidade na presença de certas pessoas, pessoas dotadas de um dom, a que chamaram mediunidade. Decidiram formar um grupo de médiuns idôneos e respeitados, iniciou-se um minucioso e longo trabalho de investigação. Através da colaboração de uma plêiade de espíritos, lideradas pelo Espírito de Verdade, foram reveladas informações que esclareceram os mais intrigantes mistérios que com o aval das religiões continua confundindo a humanidade. Essas informações foram organizadas em cinco obras que esclarecem, de forma racional, mistérios que o limitado conhecimento humano atribuía a seres sobrenaturais. Tal como centenas de vacinas que erradicaram doenças, como milhares de invenções tecnológicas que facilitaram nossas vidas, como milhares de leis humanas que procuram tornar os direitos dos homens todos iguais. Sabemos que todas essas conquistas têm participação dos dois planos de vida.

Hoje conhecemos essas respostas, que nos permitem afirmar com segurança que a figura hipotética do tão temido satanás, do diabo, nada mais é que todos os homens maus que viveram e vivem sobre a terra

e perseveram em suas maldades, levando para o mundo espiritual todo esse ódio que dificulta os meios que permitem ser socorridos, conscientizados e levados por prepostos para regiões melhores onde começarão a receber ajuda, para que perdoem a si mesmos. Mas todos um dia se cansarão da condição sofredora em que vivem, reconhecerão a existência de Deus e de Suas Leis Imutáveis que regulam todas as coisas de Sua criação, entenderão que nenhuma criatura está condenada definitivamente a penas eternas, terão novas oportunidades de expiar suas faltas e progredir indefinidamente.

Consideramos que a Doutrina Espírita oficialmente atua desde sua codificação, a partir da segunda metade do século XVIII, em muitos países do mundo. Desde então convive com as implicações que envolvem o plano físico e espiritual, prestando o maior trabalho de consolação e esclarecimento aos espíritos dos dois planos. Quando essas vítimas se dirigem a uma sessão espírita em busca de ajuda, o espírito perseguidor se manifesta, as razões são motivadas por motivos diversos, alguns até insignificantes, muitos revelam que desconhecem a condição de espíritos. Os motivos são típicos das pessoas encarnadas, como ciúme, inveja, vingança, picuinhas, às vezes nem imaginam que estão prejudicando. Outros são perseguidores obstinados que querem destruir literalmente o inimigo, identificam-se como sendo entidades conhecidas por diversos nomes, como satanás, Lúcifer, capeta, diabo, etc. Nomes que são sinônimos de maldade, exatamente o que ouviram quando aqui esti-

veram. O tratamento consiste na conscientização das partes reconhecerem seus erros e perdoarem-se com a mudança profunda no modo de agir e pensar.

Deus, que é bondade suprema, não criaria seres destinados a ser maus eternamente, deu-nos a opção de ser bom ou mau. O homem inteligente perceberá que o ódio e a maldade são caminhos de sofrimento. O amor e a bondade, caminho da felicidade. As Leis Divinas permitem que assim seja para que o Espírito evolua.

26/10/2018

Por Que Essa Minha Aversão a Certas Religiões?

R ECONHEÇO MINHA CONDIÇÃO de pecador, como todo mundo, sou mais um ser imperfeito, em lento processo de evolução, com firme propósito de superar pendores que trago arraigado em meu modo de agir, reconheço ser portador de uma infinidade de culpas que contraí na presente existência, minhas quedas mais comprometedoras ocorreram por desconhecer o que elas significavam. Durante minha infância recebi orientação básica inerente às crianças criadas na roça, cometia muitas traquinagens às escondidas, aprendi a armar arapucas para capturar aves, matar passarinhos com estilingue, pescar nos córregos com meus colegas, blasfemar por qualquer motivo (aliás, um velho hábito de família, muito praticado por meu pai), às vezes brigava com meus irmãos e colegas. Todos esses acontecimentos eram aceitos como comportamento

próprio de criança. Nessa época toda a nossa família era católica, a maior parte de minha existência seguiu a religião católica, frequentava as missas aos domingos, na companhia de minha esposa, sou casado na Igreja Católica, os nossos três filhos foram batizados e crismados sob a égide desta mesma Igreja. Posso jurar que durante esse longo período, mais de quarenta anos, em nenhum momento fui sensibilizado com ensinamentos que me fizessem perceber que necessitava mudar meu modo de ser e agir. Em minha opinião e também da própria igreja eu deveria ser um bom católico. Se continuasse o restante da existência como católico, morreria exatamente como nasci e teria perdido literalmente mais uma encarnação. Uma religião que através de seus ensinamentos não tem a capacidade de nos fazer enxergar uma infinidade de imperfeições que carregamos e não nos alerta sobre a necessidade de que delas devemos nos despojar, além de permitir que continuemos chafurdando em erros por nos negligenciar a verdade, uma religião que não nos esclarece e nada acrescenta. Apenas explora e engana.

Foi necessário um processo obsessivo me conduzir até o limite do suportável para despertar-me a necessidade de procurar e encontrar Deus e Jesus Cristo, pois até então não os conhecia. Eu tinha apenas conhecimento de suas existências, mas estavam distantes e inacessíveis. Na Doutrina Espírita conheci Deus através de Suas Leis, descobri que Ele espera muito de nós e nos dá as condições e as informações para que, por nós mesmos, descubramos os seus propósitos e modifiquemos nossa vida.

O diferencial que encontrei na Doutrina dos Espíritos é que as Leis Divinas não podem ser manipuladas para atender as nossas necessidades, pois elas são justas, eternas, imutáveis. Cabe a nós conduzir nossa vida em conformidade com o que preceituam, não existem subterfúgios, respondemos por todos os nossos atos, não encontramos paliativos, é a lei de ação e reação em ação. Somos conscientizados da necessidade de evoluir. Sentimos necessidade e dever de conhecer o máximo possível. Quanto mais compreendermos, mais facilidade encontramos para solucionar nossos problemas. Nossas dificuldades são proporcionais ao fato de as contrariarmos ou delas nos afastarmos. Aprendemos que a vida é algo muito sério e sagrado. Para toda essa responsabilidade Deus nos deu a inteligência e o livre-arbítrio, somos os artífices do nosso destino.

Outra postura das igrejas que me revolta é propagar aos seus fiéis que o Espiritismo é uma seita satânica. Como formar juízo tão descabido se a figura de satanás é invenção de povos que não conseguiam encontrar explicações para fenômenos espirituais. Essas mesmas igrejas, que se julgam detentoras da verdade, não se deram ao trabalho de investigar, optaram por manter a crença popular e se posicionaram contrárias a uma entidade inexistente. O julgamento sem conhecimento de causa é uma irresponsabilidade que as condenará à extinção, pois não se constrói ensinamentos lastreados em mentiras e crendices. Isso se dará à medida que a humanidade perceber que não necessita de falsos intermediários para

encontrar a fé raciocinada, que a religião verdadeira não ludibria, prega com racionalidade o que preceitua as Leis Divinas, que o espírito humano não está condenado a penas eternas, cada espírito por mais malfazejo que seja após reconhecer e reparar suas faltas estará apto a prosseguir sua marcha evolutiva. Deus não outorga a nenhum ser humano, seja ele padre, bispo, cardeal, papa ou pastor, poder para absolver as faltas de quem quer que seja. Todos indistintamente estão submetidos aos desígnios de Suas Leis. A reencarnação é uma realidade que explica e justifica uma intensidade de particularidades inerentes à vida das pessoas. O algoz reconhecerá sua falta e ele escolherá a forma de reparar sua falta, porque descobrirá através do sofrimento e do remorso que só existe um caminho, o caminho da regeneração, a que estamos irremediavelmente destinados.

Em uma Casa Espírita estudamos somente as coisas de Deus, estudamos os ensinamentos de Jesus Cristo, com a ajuda da interpretação cristalina e racional de uma plêiade de Espíritos evoluídos que estiveram no plano físico por inúmeras vezes, foram homens comuns como nós mesmos, vivenciaram toda sorte de experiências, adquiriram e internalizaram conhecimentos intelectuais e morais, e agora se encontram investidos em condições de instruir com a permissão do Plano Superior. A maioria desses espíritos realizaram trabalhos consideráveis em suas últimas experiências físicas, muitos até bem conhecidos, como: São Vicente de Paulo, Santo Agostinho, São Francisco de Assis, São Luís, Apóstolo Paulo.

Muitos outros instrutores como: Fenelon, Delphine de Girardin, François de Geneve, Lacordaire, Adolfo, um bispo de Argel, Vianney, o Cura d'Ars, João, bispo de Bordéus, Lázaro, Pascal, Emmanuel, Elizabeth de França, Lamennais, Jules Olivier, Irmã Rosália, Cáritas, Michel, Cheverus, Cardeal Morlot, Nicolas, Simeão, Henri Heine, Erasto, Jeremias, Luoz. Muitos preferem não assumir a identidade conhecida, se identificam como: Um Espírito Protetor, Um Espírito Familiar, Um Espírito Amigo, Um Guia Protetor, entre outros.

Todos esses Espíritos abnegados, considerados Espíritos de Escol, não mais necessitam de experiências corpóreas nesse nosso mundo de provas e expiações. Por terem conseguido despojar-se de todos os seus pendores, atingiram nível de evolução moral que os capacitaram a colaborar com os labores do Plano Espiritual Divino. Sob a orientação de Esferas Superiores executam diuturnamente trabalho invisível gigantesco, que possibilita a efetivação de todos os desígnios e propósitos de Deus, na sustentação da Ordem Universal e na proteção e orientação a todas as suas criaturas.

A civilização de nosso planeta vivenciou períodos negros da ignorância humana, conviveu por milênios com a presença da escravidão humana, submeteu-se à tirania de imperadores autoritários imputando à sociedade sacrifícios desumanos, guerras fratricidas dizimando parcela expressiva da população inocente, governantes tirânicos insensíveis à ação da fome e das epidemias devastadoras. Convivemos até nossos dias

com práticas do tempo da barbárie, nunca se matou tanto, nunca se roubou tanto, nunca a vida foi considerada tão efêmera e insignificante, nunca as religiões enganaram e enriqueceram tanto.

Particularmente o Planeta Terra está sob a égide do “Espírito de Verdade”, segundo consta é desta forma que se autointitula o Espírito, JESUS CRISTO. Esse Espírito abnegado que um dia viveu entre os homens deixou-nos Seu Corolário de ensinamentos sobre as verdades de DEUS. Foi por nós incompreendido e execrado. Mesmo assim aceitou a missão de ser nosso governador e protetor. Sob a égide deste magnânimo espírito, “Espírito de Verdade”, foi planejada e executada a Codificação da Doutrina dos Espíritos, cujo lema recomenda: ***“Fora da caridade não há salvação.”***

E grande parte das religiões a consideram *“Seita Satânica”*.

Com a permissão do “Espírito de Verdade”, faço minhas Suas palavras:

“Pai, perdoa-lhes, porque eles não sabem o que fazem nem o que dizem”.

12/11/2018

Oscar Julião

QUANDO LECIONAVA EM Carneirinho - MG, no ano de 1976, fiz amizade com um senhor de uns quarenta anos, era um morador de rua, embriagava-se constantemente, esse era seu estado natural, não tenho lembrança se alguma vez o tenha visto sóbrio. Não era um bêbado do tipo pegajoso e inconveniente, por isso sua amizade me aprazia, gostava de conversar com ele e o tratava com naturalidade e muito respeito.

Percebia que mesmo sob o efeito da bebida só dizia coisas coerentes. No início tentei lhe dar uns conselhos alertando-o sobre as complicações que o uso contínuo do álcool poderia ocasionar. Disse-me com muita propriedade que sabia perfeitamente das complicações, beber era uma opção que havia feito aos trinta anos de idade e só pararia no dia em que morresse, decidi também que nunca mais trabalharia. Revelação feita com tanta convicção que não deixou margem para uma contra-argumentação, porque seu testemunho de vida era

uma prova incontestada de que estava sendo fiel a sua resolução. Como era uma pessoa que não importunava ninguém, dificilmente lhe recusavam um prato de comida, mas preferia matar a fome com restos de comida que encontrava nas latas de lixo. Como acontece com essas pessoas, o que nunca faltou foi quem lhe proporcionasse os meios para alimentar o vício.

Um dia, conversando com ele, lembrei-o do que havia me falado. Como havia conquistado sua confiança, perguntei o motivo que o levou a fazer aquela triste opção. Disse-me que não gostava de falar sobre esse assunto, mas qualquer dia que estivesse disposto iria me contar sua vida desde o princípio. Como esse dia nunca chegava, perguntei a seu respeito a algumas pessoas que o conheciam há mais tempo, mas ninguém tinha conhecimento de seu passado, era visto como mais um bêbado desocupado. Vivia pelas ruas de Carneirinho há mais de cinco anos e nunca tinha revelado sua origem a ninguém. Aquela informação fez aumentar meu interesse pela sua história. Quando ele me pedia que lhe pagasse uma bebida, aproveitava para cobrar sua promessa, sempre dizia que seria logo, mas não naquele dia.

Em um sábado pela manhã, estando sentado sozinho em um murinho em frente à escola, ele se aproximou, sentou-se ao meu lado, e disse:

— Quer ouvir minha história agora?

— Se estiver disposto a me contar, estou disposto a ouvir tudo.

Ele começou dizendo mais ou menos o seguinte:

— É uma história sem graça, de um homem fracassado, que está esperando a morte, e acho que ela não me quer. Nasci em Uberaba, estado de Minas, meu nome não é Oscar Julião, me chamo também Antônio, sempre trabalhei na roça com meu pai e meus irmãos, estudei até o quarto ano primário, depois plantávamos roça nas fazendas, gostava de jogar bola aos domingos com meus irmãos e a rapaziada da vizinhança e também de pescar nas represas e nos córregos. Quando fiquei mais rapazi-nho, comecei a frequentar os bailes com meus irmãos e amigos, arrumar umas namoradinhas que também mora-vam no sítio, tomar cachaça de vez em quando.

Certo dia fui à cidade em uma festa, quando co-nheci a Jacira, era morena como eu, mas muito bonita, e começamos a namorar para valer. Eu já tinha mais de vinte anos, ela tinha um pouco menos, nos encontramos algumas vezes na cidade. Arrumei um serviço em uma fazenda grande, deixei meu pai, minha mãe e meus ir-mãos e mudei para esta fazenda para trabalhar. Convidei a Jacira para vir morar comigo, ela topou, passamos a morar nessa fazenda. Não ganhava muito, mas a gen-te tinha tudo e não faltava nada. De vez em quando, a gente visitava a família dela em Uberaba e a minha, que continuava morando em um sítio um pouco longe de onde a gente morava.

A Jacira ficou grávida e ganhou uma menina, quando nossa filha tinha uns dois anos, comecei a ir trabalhar em outra fazenda de meu patrão, que ficava um pouco longe, às vezes ficava trabalhando a semana

toda e depois vinha para casa. Em um desses retornos andei escutando umas conversas. Tinha um vaqueiro da fazenda que era solteiro, se dizia meu amigo, frequentava nossa casa, quando eu estava presente nem desconfiava que também a visitava quando estava ausente. Depois de ouvir essas conversas, comecei a ficar de olho, não demorou muito, flagrei-o com a Jacira. Eu estava armado com um pedaço de pau, ele escapou pela janela e sumiu, bati nela com o pau e machucou bastante. O patrão a levou para o hospital em Uberaba. À noite chegou um carro, era meu sogro que tinha vindo com a polícia, dizendo que ela havia morrido e eu estava preso. Meu sogro levou minha filha para a casa dele, me levaram para a cadeia, onde fiquei preso quase sete anos.

Fez uma pequena pausa, continuei olhando para sua fisionomia inquieta, demonstrava pressa em encerrar aquele monólogo, que de certa forma não lhe fazia nenhum bem, e continuou:

— Quando saí da cadeia não quis procurar ninguém, nem minha família nem ver minha filha que devia ter quase dez anos. Acho que nem me conhecia mais, pois nunca me visitaram na cadeia. Percebi que minha vida havia se acabado, eu estava com trinta anos quando decidi que não trabalharia mais e iria beber até morrer, isso já tem mais de dez anos. Saí de Uberaba, vim passando de cidade em cidade, sempre morando na rua e bebendo tudo que tenho direito. Um dia vinha pela rodovia e encontrei um caminhão parado, o motoris-

ta estava trocando o pneu, perguntei para onde estava indo, disse que ia para o Mato Grosso, perguntei se me levaria, disse que sim. Quando parou aqui para mandar consertar os pneus, resolvi que não seguiria viagem, decidi ficar por aqui até morrer, isso já faz muito tempo, e até hoje não consegui morrer.

Como percebi que estava encerrando sua narrativa e senti que não esclareceria uma informação, perguntei:

— E por que te chamam de Oscar Julião?

— O nome do caminhoneiro que me trouxe até aqui era Oscar Júlio, mas me disse que todo mundo o chamava de Oscar Julião, gostei desse nome. Como me chamavam de Tonhão quando eu trabalhava na fazenda, decidi que aquele Tonhão já devia ter morrido há muito tempo, comecei a dizer para as pessoas daqui que meu nome era Oscar Julião, assim seria até morrer, mas só você sabe meu nome de verdade.

— Posso te chamar de xará de hoje em diante?

— Com uma condição: enquanto for vivo, não contar essa história para ninguém.

— Pode ficar tranquilo, esse vai ser sempre nosso segredo.

— Agora quero que me pague uma cachaça, minha garganta ficou seca de tanto falar.

Às vezes quando cruzava com ele na rua, ou na porta de um bar, lhe dizia:

— Tudo bem, xará?

Ele respondia:

— Tudo bem.

As pessoas observavam aquele tratamento diferenciado, mas nunca me perguntaram nada. Depois fiquei pensando que deveria também ter revelado meu segredo, que na fazenda também me chamavam de Tonhão. Acho que iria gostar de saber e entenderia melhor o motivo que me levou a chamá-lo de xará.

15/05/2018

Uma Longa Noite de Medo

QUANDO TINHA ONZE ANOS de idade, morava na chácara de meu tio Miguel e minha tia Tita. Lembro que em uma noite, quando saía da escola, estava muito escuro e os relâmpagos e trovões indicavam que uma chuva desabaria em breve momento. Pensei em pousar na casa de minha avó, mas calculei que se andasse ligeiro poderia chegar antes da chuva. Quando estava saindo da cidade, a chuva me surpreendeu, em poucos segundos estava completamente encharcado. Num ato de desespero entrei no alpendre de uma casinha abandonada que existia no final da rua e da cidade para me proteger da violência da chuva fria. A chuva acompanhada de ventos fortes me alcançava mesmo encostado na parede do interior do alpendre da casa, tiritando de frio pensava como sair daquela situação. O mais prudente seria esperar a chuva diminuir a intensidade, enfrentar a lama da

estrada e acabar de chegar. O tempo passava e a chuva re-
nitente não diminuía, pelo contrário, aumentava dando
a impressão de que o mundo se alagaria.

Mil pensamentos passavam pela minha cabeça molhada, e nenhuma solução para retirar-me daquele beco sem saída. O medo e o desespero foram me envolvendo, um surto de medo e choro tomou conta de mim. Quanto mais chorava, mais o frio e a chuva aumentavam. Devo ter ficado quase duas horas na solidão daquele alpendre abandonado, ouvindo a chuva que caía aos borbotões do telhado da casinha, os relâmpagos iluminavam o mundo, em seguida o trovão fazia tremer a terra e sacudir as paredes, portas e janelas da frágil tapera.

Meu desejo era logo chegar em casa, retirar aquela roupa encharcada, fazer minhas orações e agradecer a Deus por haver sobrevivido, depois me envolver em uma coberta quentinha e adormecer, era tudo que desejava naquele momento de angústia e desespero, mas a chuva não dava nenhuma trégua, parecia que aumentava à medida que o tempo passava. Quando senti que a chuva não cessaria nem diminuiria, resolvi encarar o lamaçal.

Logo que saí da casinha orientado pelos relâmpagos, caí em um buraco cheio de água que me molhou até a altura da cintura, por sorte não perdi todo o meu material escolar. Quando alcancei a estrada era como a corredeira de um pequeno rio, em alguns pontos a enxurrada alcançava meus joelhos, quando ouvia a água caindo em cachoeira nos buracos, esperava a luz do relâmpago salvador iluminar o precipício, desviava do

perigo, instintivamente na escuridão ia tateando com os pés procurando os lugares menos profundos, mais de uma vez perdi o equilíbrio e caí em poças de água que acabaram me molhando completamente. Costumava fazer o percurso em menos de quinze minutos, mas devo ter demorado quase meia hora para chegar. Graças a Deus nesta noite não encontrei cachorros nem vacas pelo caminho, somente chuva e poças de água. Quando bati à porta de casa, minha tia acendeu a luz do alpendre, abriu a porta quando me viu todo enlameado, começou a rir, eu tinha barro na cara e até na cabeça.

Entrei na sala sem dizer nada e fui em direção ao banheiro, deixando por onde passei um rastro de barro e água suja que desprendia de minhas roupas e sapatos. Retirei com dificuldade aquela roupa suja e encharcada, tomei um banho quente e fui me deitar. No dia seguinte, quando me levantei, recebi uma bronca de minha tia, me repreendendo por ter vindo debaixo de chuva, quando poderia ter pousado na casa de minha avó, sua mãe. Agora teria que lavar e desencardir meu uniforme que estava todo enlameado.

— Prometo que isso não vai acontecer de novo, só Deus sabe o medo que passei – disse me justificando.

05/01/2019

PARTE II

OUTRAS PEQUENAS

HISTÓRIAS



Querer e Poder

A CONTECEU EM UMA ÉPOCA em que certas ocorrências não eram divulgadas nem registradas. Um senhor muito rico, já idoso, vivia sozinho em um espaçoso apartamento, todo o seu império de valores perecíveis foi obtido por herança paterna. Por opção decidiu não constituir família. Apesar da riqueza que ostentava, sentia um vazio muito grande em seu espírito, gostaria de, em vez de tanta riqueza, possuir muitos conhecimentos que lhe atribuiriam a fama de ser também muito sábio. Alimentava também o desejo de ocupar um cargo muito importante entre políticos que administravam aquele congresso, que projetaria seu nome no ambiente das autoridades.

Seus recursos intelectuais bastante limitados impediam que essas pretensões se realizassem, então decidiu consultar um professor jovem reconhecidamente muito inteligente para ouvir dele o que poderia fazer para conseguir seus objetivos. Imediatamente o professor

percebeu que o milionário não tinha a menor capacidade intelectual para conseguir pelas vias normais suas pretensões.

— O senhor possui a principal condição para conseguir tudo que queira realizar nesta vida, o poder do dinheiro. Com dinheiro podemos tudo.

Era exatamente o que o milionário desejava ouvir, usar a seu favor o poderio de sua fortuna para projetá-lo no cenário social, e assim se elevar no conceito das pessoas.

— O que devo fazer para realizar meus sonhos?

O professor pensou e sugeriu:

— Primeiro, contratar-me para assessorá-lo e orientá-lo. Garanto que em breve será uma celebridade em nossa sociedade.

O salário oferecido pelo milionário era desestimulante, mesmo assim o professor aceitou o trabalho, admitindo inclusive a condição de anonimato. Em poucos dias trabalhos literários e outros de cunho político eram publicados nos jornais locais assinados pelo magnata. Rapidamente seu nome e sua fotografia eram de conhecimento público através de um livro com sua biografia escrita pelo professor, publicada e distribuída gratuitamente, inventando a difícil trajetória de estudos e sacrifícios perpetrados em terras distantes pelo ilustre desconhecido.

No primeiro pleito eleitoral seu nome aparecia entre os nomes mais qualificados para uma cadeira no Legislativo. Com os investimentos em propaganda lhe atribuindo uma condição fictícia de homem culto e em-

preendedor honesto, foi eleito com folga. Em pouco tempo era tido como pessoa culta e ilustre na opinião de muitos. Estava feliz e realizado, havia conseguido ludibriar a todos, representar uma personalidade falsa que não correspondia ao que era realmente. O professor sempre conivente, em condições subalternas, o acompanhava fielmente, assessorando-o naquela jornada política e cultural de sucesso.

Após muitos anos, acometido por uma doença, percebeu que aquele seria seu último mandato. Queria deixar algo escrito para ser divulgado em seu funeral, onde relataria toda a sua difícil trajetória de vida política e ascensão social. Pediu ao professor que redigisse seu discurso de despedida onde seria enaltecida toda a dificuldade superada para chegar aonde chegou. Exigiu que esse documento fosse registrado em cartório e publicado nos principais jornais após seu sepultamento.

O professor, acostumado a escrever mentiras, aceitou a tarefa. Como se fosse o próprio político, escreveu:

“Eu fulano de tal, portador do RG xxx, CPF xxx, deputado federal por quatro mandatos, morador da quadra xxx norte, desta capital federal, declaro para todos, e para todos os fins, que sempre fui um homem simples e honesto, nasci no seio de uma família pobre, fui à luta, consegui estudar, trabalhei duro e honestamente, consegui ficar muito rico, depois entrei para a vida política, por quatro mandatos representei com dignidade minha função, nunca corrompi ninguém, também não me permiti ser corrompido, sempre votei de acordo com minha consci-

ência, sempre meus projetos visaram ao atendimento e aos interesses dos menos favorecidos, etc., etc., etc..

Aproveito esta declaração de quase três laudas e faço dela meu testamento para expressar, em conformidade com a legislação vigente, que é meu desejo que todos os meus bens, valores acionários e todos os meus recursos depositados em agências bancárias sejam transferidos, na forma da lei, ao meu assessor político, o professor xxx, portador do RG xxx, CPF xxx, morador da rua xxx, no bairro xxx, da cidade de Taguatinga-DF, em reconhecimento aos seus serviços prestados por mais de vinte anos. Por ser a mais pura expressão da verdade, subscrevo e assino.

Deputado fulano de tal

Quando o professor entregou as três laudas para que o deputado lesse e assinasse, como já conhecia quase todo o teor do documento e tinha confiança absoluta na pessoa do professor, lhe disse:

— Estou cansado, leia para mim.

Então o professor leu toda a declaração de despedida, omitindo apenas o último parágrafo. Assinou e disse:

— Agora mande reconhecer minha assinatura e registrar em cartório competente.

— Sim, senhor.

15/11/2018

A História do Castiçal

UM HOMEM de aproximadamente quarenta anos andava muito insatisfeito e infeliz em seu casamento, sua esposa não lhe oferecia mais nenhum atrativo, vivia malvestida, desleixada consigo mesma, preocupava-se somente com a casa e os filhos, não tinha disposição para sair, passear. Não reclamava da pobreza em que viviam nem do trabalho excessivo que realizava. Não reivindicava nada, muito econômica e compreensiva com todos, inclusive dispensava dedicação e atenção maternal com o sogro que vivia sob o mesmo teto.

Seu marido a analisava, concluía que não valeria a pena continuar com aquele casamento. Gostaria que sua esposa fosse uma pessoa apresentável e bem-cuidada, como eram as esposas de seus amigos e outras mulheres que ele conhecia e conversava na cidade.

Seu pai, um senhor de quase setenta anos, com sua saúde debilitada, percebendo as atitudes grosseiras do filho e a forma indevida como tratava a esposa e os filhos, antevendo o desfecho daquela situação, chamou-o para uma conversa particular. Com bastante jeito foi lhe dizendo:

— Meu filho, tenho observado como você vem se comportando com sua esposa e seus filhos, percebo que não está agindo bem com eles.

O homem sentiu que o pai tocava em um assunto muito particular que envolvia seu modo de agir, se irritou, queria encerrar a conversa. Com total falta de respeito disse ao pai para não se meter em sua vida, estava morando ali de favores, se não quisesse ser expulso daquela casa, seria melhor que não se intrometesse. Era ele que decidia como agir.

O velho sábio e experiente começou a argumentar, tentando fazê-lo enxergar as múltiplas qualidades de sua esposa: se ela não se apresentava mais condizente com suas vontades, a culpa era somente dele, que não lhe proporcionava condições mínimas para que ela se vestisse e se arrumasse devidamente. Era tratada como uma reles serviçal, não lhe dispensava nenhuma consideração. Não lhe dava a mínima atenção, até a ignorava. Como o filho relevava suas ponderações e não demonstrava interesse nem preocupação em aceitar seus argumentos, perguntou:

— Você gostaria de ouvir a história de um castiçal?

Achou estranha aquela pergunta, nunca tinha ouvido nada sobre essa história. Que teria de tão interessante que

pudesse influenciar em seu relacionamento conjugal?! Mais por curiosidade que interesse em se modificar, concordou.

Pacientemente, seu pai a começou a narrar uma história:

— Existia uma aldeia com vários casebres, localizada às margens de uma estrada. Um rei muito rico e sábio certa feita necessitou pernoitar em um desses casebres, devido a uma tempestade. Durante a noite colocou um castiçal sobre o aparador e acendeu uma vela de cera para a iluminação. Na manhã seguinte propositamente deixou o castiçal e seguiu sua viagem, temporariamente muitas famílias habitavam aquelas casas modestas. De tempos em tempos, quando por lá passava o rei com sua comitiva, com o propósito de tomar um copo de água, adentrava o casebre, observava que o velho castiçal envolto em fuligem permanecia esquecido no mesmo lugar que o colocara. Passados muitos anos, ao passar pelo local, o rei notou que a casa estava abandonada, parte de sua estrutura havia desabado. Para espanto de seus súditos, o rei desmontou do cavalo, com cuidado adentrou as ruínas da tapera, depois de muito procurar, percebeu o velho castiçal esquecido entre os entulhos, com dificuldade o retirou e o levou consigo. Chegando numa estalagem onde pernoitariam, diante de seus companheiros, pacientemente o rei começou a polir o castiçal. Todos perceberam que se tratava de uma peça de ouro maciço, a borda interior do precioso objeto estava revestido por dezenas de diamantes raros. Todos tinham conhecimento de que aquela preciosidade permanecera desprotegida, aban-

donada naquele casebre por muito tempo sem que ninguém percebesse seu valor.

Moral da história. Muitas vezes possuímos um tesouro bem diante de nossos olhos, ao alcance de nossas mãos, mas nosso descaso e insensibilidade não permitem que o enxerguemos.

Apesar de ser um homem rude e insensível, entendeu perfeitamente o espírito daquela singela historinha. A partir desse momento passou a observar melhor sua esposa, percebeu nela múltiplas qualidades que possuía, sob aqueles molambos existia ainda uma mulher jovem e muito atraente, conservava todos aqueles atrativos que um dia o conquistaram. A partir desse momento mudou seu modo de agir, modificou seu comportamento perante a esposa e os demais de toda a sua família, percebeu o tempo perdido e quanto estava equivocado. Intimamente ficou agradecido pelo conselho paterno, demonstrando isso através de seu modo de agir.

22/02/2017

Observação: Esta historinha foi transcrita de meu segundo trabalho (Veredas da Alma) por considerá-la pertencente à mesma categoria dessas novas Pequenas Histórias.

A Pérola das Pérolas

EM UMA PRAIA pouco frequentada à beira mar, existia um pequeno povoado de pescadores, alguns deles se dedicavam à pesca de conchas, para retirar delas as pérolas que eram vendidas a um comprador que toda semana visitava o vilarejo com essa finalidade.

Os poucos pescadores de pérolas eram homens traquejados nas lides do mar, que haviam se cansado dos longos estágios em alto mar, não obstante a idade avançada gozavam ainda de boa saúde, homens fortes devido à exigência do trabalho duro que realizavam. O trabalho consistia em ir de canoa além do quebra-mar, mergulhar sem nenhum equipamento de proteção e procurar no fundo do mar as conchas que eram recolhidas em um boral que levavam a tiracolo. Depois de alguns minutos de procura emergia e, apoiado na canoa, recuperava o fôlego e novamente mergulhava. Basicamente essa era a rotina de um pescador ou caçador de conchas, no final do trabalho trazia na canoa o produto de sua coleta, que era colocada

em uma espécie de cesto de bambu ou taquara e levado até sua casa, onde as pérolas eram cuidadosamente retiradas das conchas, limpas e selecionadas. A maior parte delas era descartada por não possuir as qualidades exigidas pelo comprador. O produto do trabalho de toda semana garantia a sobrevivência da pequena família do pescador.

A maior parte daqueles homens mergulhadores possuía uma peculiaridade em comum, deficiências visuais e auditivas, por se submeterem continuamente à pressão que a força da água do mar exerce sobre os tímpanos e as córneas desprotegidos. Senhor Juvenal, um velho lobo do mar, havia passado boa parte de sua vida sobre um saveiro, armando e correndo redes, na laboriosa profissão de pescador, agora havia migrado para a pesca de conchas e estava gostando da nova profissão.

Um dia, ao voltar do trabalho remando sua pequena canoa, percebeu um grupo de crianças nadando contra as ondas que arreventavam perto da praia. De repente ouviu gritos desesperados, levantou-se na canoa e pôde ver uma criança sendo arrastada para dentro do mar pela força da maré e desaparecer subitamente. O marinheiro experientado, instintivamente, direcionou sua pequena embarcação para o local do desaparecimento e mergulhou. Durante alguns minutos vasculhou, localizou o corpo de uma adolescente praticamente desfalecida e emergiu trazendo consigo o corpo sem reação. Colocou-a na canoa, venceu a corrente contrária da maré, chegando à praia. Depois de aplicar devidamente os primeiros socorros, a mocinha, sob um acesso de vômitos e tosse, respirava com dificuldade.

Ato contínuo, foi transportada em um carro até o hospital, na cidade vizinha onde residia.

A menina socorrida, uma adolescente de doze anos, era filha única do juiz de direito da cidade vizinha. Ao tomar conhecimento do ocorrido, os pais da menina ficaram eternamente comovidos e agradecidos pelo salvamento da filha, não sabiam como proceder para agradecer o gesto que nenhum valor deste mundo pagaria. Depois de muito ponderar decidiram ir até o vilarejo para agradecer ao homem que inegavelmente tinha salvado a vida da idolatrada filha. Foram os três até a casa humilde do pescador.

Chegaram e o encontraram fazendo seu trabalho complementar que consistia em abrir as conchas, retirar, lavar e selecionar as pérolas. Abraçaram-se emocionados. A mãe da menina, uma jovem senhora, entre lágrimas, tentava expressar a gratidão que estava sentindo. O pai, emocionado, não encontrava também palavras apropriadas para dizer a grandiosidade que seu proceder havia lhes proporcionado.

Sentaram-se em um banco de madeira sob a sombra de uma árvore do quintal da casa modesta, pacientemente ouviam a história de vida do pescador humilde e sua versão de como o salvamento havia ocorrido se justificando dizendo que tinha agido naturalmente, tinha feito apenas sua obrigação, que por alguns instantes pressentiu que não a encontraria para salvá-la, mas, com a ajuda de Deus, tudo havia terminado bem. Depois de ouvir o pescador, o magistrado, emocionado, com a filha sentada sobre suas pernas, acariciando seus lindos cabelos negros, sentiu necessidade de desabafar tudo que estava sentindo.

— Quero que o senhor saiba que naquele dia realizou a pesca da pérola mais preciosa deste mundo, a pérola que nenhum valor deste mundo poderia substituir. Por isso gostaria que me dissesse, em toda essa sua vida de pescador de pérolas, qual o valor da pérola mais preciosa que o senhor tem conhecimento que foi comercializada nesta comunidade de pescadores?

Depois de refletir por alguns momentos, senhor Juvenal desabafou:

— Vendemos nossas pérolas para um atravessador muito honesto, que repassa para a indústria de joias, recebemos pouco por elas. As melhores são mais valiosas, aqui vendidas no máximo por duzentos reais. Temos a liberdade de vender ou não, mas o preço médio é em torno de dez reais por pérola selecionada.

— Não é minha intenção pagar pela vida de minha filha, como já lhe disse, nenhum valor deste mundo pagaria pela sua vida, mas para que o senhor se considere o pescador que resgatou a pérola mais preciosa do mundo vou gratificá-lo com a importância de dez mil reais, porque para nós ela representa a pérola de todas as pérolas.

Seu Juvenal, emocionado, conseguiu dizer:

— Como esse é o desejo do doutor, seria muito orgulho de minha parte não aceitar sua generosidade, mas eu faria esse trabalho quantas vezes fossem necessárias, sem esperar nenhuma retribuição. Quero que Deus o abençoe e proteja toda a sua família.

27/02/2019

Uma Solução Providencial

TALVEZ ESTE FATO tenha acontecido antes do advento das descobertas do espelho e da máquina fotográfica, há muito tempo atrás, quando o autoritarismo era exercido em sua plenitude. Mesmo naquela remota época as pessoas importantes gostavam de ver suas figuras retratadas em quadros ou esculturas, para que isso fosse possível existiam os pintores e os escultores de ofício.

Nessa época os monarcas possuíam enormes províncias, onde viviam milhares de pessoas sob seus domínios, que tinham poder de vida e morte sobre seus vassalos. O monarca, objeto de nossa singela história, era portador de uma peculiaridade, possuía um nariz desproporcional, mas nunca se deu conta dessa anormalidade. Ai daquele que zombasse de seu narigão! Simplesmente pagava com a vida pela afronta.

Certa feita decidiu mandar reproduzir seu retrato em uma tela, convocou os três melhores pintores de seu con-

dado, recomendou que a reprodução fosse a mais original possível, o melhor trabalho receberia expressiva quantia em dinheiro. O primeiro artista a terminar a encomenda era o mais conceituado, devido à perfeição dos detalhes de sua arte. Ao analisar o retrato a ilustre autoridade não se reconheceu, achou que aquele nariz horrível só poderia ser uma provocação sem limites, incontinentemente destruiu o trabalho e ordenou a execução do artista sem apelação. Aquela notícia causou comoção em toda a população daquele reino, mas a autoridade do monarca era incontestável. O segundo artista, sabendo o que acontecera ao colega e o motivo que causara seu infortúnio, pensou bem e deliberou colocar um nariz bem pequeno que não chamasse atenção. Concluído o trabalho, apresentou-o ao poderoso e autoritário monarca, que olhou o retrato atentamente, percebeu que o nariz pequeno lhe imputava traços femininos, o que considerou uma ofensa sem perdão. Por se achar muito másculo, a mesma ordem de execução foi emitida e sumariamente cumprida.

O terceiro artista, quando ficou sabendo do fim trágico de seus colegas, estava pensando seriamente em debandar, mas foi alertado por terceiros que o poderoso rei tinha meios de perseguir o fugitivo até encontrá-lo. Devido às circunstâncias ele mesmo realizaria a execução com seu arco e flecha, pois era um exímio caçador de veados e gazelas. O jovem pintor decidiu que enfrentaria seu problema, haveria de encontrar uma solução, ou também morreria como seus infortunados colegas. Fechou-se em seu ateliê durante dois dias concentrado

em seu trabalho. Quando terminou a pintura, saiu discretamente e foi direto ao palácio real. Mesmo assim foi percebido por alguns curiosos, que começaram as apostas a respeito do que lhe sucederia. A maioria apostava que seria mais uma vítima da prepotência do monarca. O tempo passava e nenhuma notícia informando o desfecho da história. Daí a longas horas saiu pela porta da frente trazendo em mãos uma bolsa contendo o felpudo pagamento pela realização do trabalho.

Todos o cercaram querendo saber como havia desenhado o nariz. O artista interpelado pela multidão respondeu:

— Simplesmente não desenhei seu nariz.

— Como não desenhou e se encontra vivo com uma bolsa de dinheiro?!

— Como me disseram que o rei era adepto do uso do arco e flecha em caçadas,

desenhei-o em posição de tiro, assim seu braço esquerdo nessa atitude ocultava o narigão. Analisou o retrato minuciosamente por horas e não percebeu nenhuma irregularidade. Inclusive ficou muito feliz por fazer perpetuar no retrato o seu hobby preferido.

16/11/2018

O Poder da Imaginação

CONTA A LENDA QUE EM UM torneio de xadrez, onde estavam reunidos os maiores nomes do cenário nacional, ocorreu um caso bizarro. Estavam todos os competidores hospedados em luxuoso hotel, no centro da cidade. Um hóspede, vendo aquele grupo de enxadristas reunidos, perguntou ao gerente do hotel quem eram aquelas pessoas. O gerente lhe explicou que haveria no próximo dia um campeonato de xadrez na cidade, e aquelas pessoas eram profissionais na arte de jogar xadrez.

O rapaz perguntou-lhe.

— Como se joga xadrez?

O gerente lhe respondeu:

— Sinceramente eu não saberia lhe explicar porque também nada entendo deste jogo, mas dizem ser muito complicado. Pergunta a um desses jogadores, qualquer um poderá lhe explicar corretamente.

Imediatamente o rapaz foi ter com um jogador e perguntou-lhe sobre o jogo. O competidor, muito gentil e atencioso, pegou seu tabuleiro e as trinta e duas peças e foi montando e explicando o nome de cada peça e sua posição no tabuleiro.

— O jogo de xadrez se desenvolve sobre um tabuleiro de sessenta e quatro casas, sendo a metade branca e a outra metade preta; trinta e duas peças, sendo dezesseis brancas e dezesseis pretas. As peças são dispostas da mesma forma: começando pela primeira coluna horizontal, a torre branca ocupa a casa branca do canto, depois o cavalo branco casa preta, depois o bispo casa branca, depois a dama casa preta, depois o rei casa branca, bispo casa preta, cavalo casa branca e torre casa preta no último canto. Na frente de cada peça colocada, coloca-se um peão, preenchendo a segunda coluna horizontal. Nas duas colunas horizontais do lado oposto, monta-se da mesma forma usando as peças pretas.

De forma genérica continuou explicando o movimento de cada peça, peões caminham somente para frente, torres nos sentidos horizontais e verticais em todos os sentidos, cavalos pulando em L da casa branca à casa preta para qualquer lado, bispos nos dois sentidos transversais para frente e para trás, rainha em todos os sentidos, horizontal, vertical e transversal nos dois sentidos, para frente e para trás, o rei avança para todos os lados, mas somente uma casa por lance.

— Para mim é o suficiente, acredito que já posso jogar xadrez.

— Não, as coisas são mais complicadas, existem muitas maneiras de se atacar e se defender, que só entendemos no decorrer do jogo, pois cada jogada requer uma postura preventiva, defensiva e ao mesmo tempo ofensiva. O objetivo é sempre visando capturar o rei adversário, somente com esse lance termina o jogo, o xeque-mate.

— Agradeço a explicação, agora estou me sentindo preparado para jogar.

À tarde apareceu fixado no saguão do hotel um cartaz: o nosso aprendiz desafiava dois competidores. Preferia que fossem os melhores para realizar com ele uma partida simultânea em salas distintas do hotel. Com um adversário jogaria com as peças brancas e com o outro com as peças pretas.

Abriram-se as apostas. Caso ele perdesse, pagaria dois reais para cada real apostado. Caso ele empatasse, o apostador ressarciria apenas um real para cada cinco reais apostados. Caso ele ganhasse, os apostadores nada receberiam. Os registros das apostas e os devidos recolhimentos seriam realizados pelo setor de contabilidade do hotel. A administração do hotel aceitou participar deste tresloucado desafio em virtude da expressiva quantia em dinheiro depositada pelo desafiante, que garantiria cobrir com folga o ônus em caso de dupla derrota.

Não demorou muito e os dois melhores enxadristas aceitaram o desafio. Apostaram todas as economias na certeza de as verem dobradas em poucas horas, a exem-

plo de todos os hóspedes do hotel e centenas de outros apostadores procedentes de todos os lados da cidade, atraídos pela enorme probabilidade.

As regras eram simples, seriam montados os dois tabuleiros em salas distintas, a partida iniciaria pelo oponente n.1 que jogaria com as peças brancas, e o desafiante se deslocaria de uma sala para outra para realizar os lançamentos sem limite de tempo.

A partida se inicia. O jogador das peças brancas coloca o peão do rei na quarta casa, o desafiante observa bem o lance. Levanta e vai para a outra sala. Como jogará com as peças brancas, realiza o mesmo movimento do primeiro oponente e espera até que o adversário faça sua jogada. Depois de observar atentamente a jogada, retorna à primeira sala e repete o jogo efetuado pelo segundo competidor. Aguarda até que faça o segundo movimento, observa, se levanta, vai até a outra sala e realiza o mesmo lançamento do primeiro adversário e aguarda até que o jogador n.2 responda ao seu lance. Observa, retorna à primeira sala e repete a jogada do jogador n.2, aguarda até que o jogador n.1 faça sua jogada. Observa vai a até a sala n.2, faz o mesmo jogo.

Sem conhecimento e nem imaginar o que estava acontecendo, os oponentes, depois de poucos lances, perceberam que o desafiante não era assim tão ingênuo, a astúcia de seus lances refletia raciocínio, prudência e agressividade. A tática do desafiante consistia em não participar do jogo, e sim proporcionar as condições para que a partida se desenrolasse entre os dois profissionais.

Os jogos acirrados não ofereciam facilidades, os jogadores queimavam seus neurônios, e o desafiante fazia seus lances naturalmente sem demonstrar dificuldade alguma. Isso irritava ainda mais os adversários.

Depois de algumas horas de intenso desgaste mental, mais de cem lances sem lograr o êxito desejado e sem vislumbrar forma de derrotar o desafiante, os oponentes propuseram dar por empatada a partida. Não compreendiam como tudo aquilo era possível.

Há de se considerar que esta história só pode ser uma lenda, mas para as pessoas que conhecem o jogo de xadrez não de reconhecer perfeitamente possível isso realizar. Na atualidade, realizam-se partidas de xadrez via telefone entre jogadores de continentes distintos e podem durar meses. O mais incrível são os programas de computadores capazes de realizar jogadas inconcebíveis para as nossas inteligências vulgares.

30/11/2018

O Inventor do Jogo de Xadrez

CONTA-NOS OUTRA LENDA que havia um rei muito rico e poderoso que possuía vastos campos onde se cultivava trigo em abundância. Esse rei sabia que seus celeiros estavam sempre abarrotados de trigo, o suficiente para suprir as necessidades da população de seu reino por dilatado período. Esse mesmo rei não se ocupava com a produção de grãos de trigo, para essa finalidade dispunha de um exército de trabalhadores. Ainda jovem conheceu o jogo de xadrez e desde então se tornou fascinado por esse jogo. Mas sua fascinação não era somente em jogar, desenvolveu através do tempo uma admiração tão profunda pelo inventor desse jogo que chegava a idolatria e sempre se perguntava quem poderia ter inventado um jogo tão inteligente, simples e complicado ao mesmo tempo.

Podemos comparar o jogo de xadrez a um instrumento musical capaz de produzir simples notas musicais

ou combinar essas notas e produzir sons espetaculares. O mesmo com o xadrez, capaz de proporcionar jogadas simples, ingênuas e inocentes, por iniciantes, a jogadas inteligentes e complexas, explorando os limites extremos da inteligência humana.

O rei, objeto de nossa lenda, quanto mais analisava e compreendia os intrincados mecanismos das possibilidades do jogo de xadrez, mais admiração sentia pelo ídolo desconhecido. Conversando com jogadores respeitados que vinham até seu castelo se entreter jogando demoradas e complicadas partidas, comentou que seu maior desejo era ter conhecido a pessoa criadora ou inventora de jogo tão admirável. Ficou sabendo através dessas fontes que o inventor do jogo de xadrez ainda vivia e morava em região não muito distante, era perfeitamente possível ainda conhecê-lo. Não teve a menor dúvida, sairia imediatamente em diligência para ter com essa pessoa desconhecida a quem idolatrava imensamente. Arregimentou uma pequena comitiva com assessores, colaboradores e guias, que conheciam os intrincados caminhos para se chegar ao endereço do dito inventor. Depois de alguns dias de estrada as carruagens reais chegaram finalmente à casa do inventor do xadrez. Tratava-se de um ancião quase centenário, morava na companhia de alguns amigos auxiliares também idosos, em uma casa modesta localizada às margens de um ribeirão, cercada de flores e árvores frutíferas, onde centenas de passarinhos de muitas espécies cantavam formando um emaranhado de sons que resultava em linda sinfonia.

Para recepcionar a chegada da comitiva do rei, saiu da casinha o velhinho anfitrião apoiado em um cajado de madeira, vestindo calça e camisa simples, calçava singelas sandálias de couro cru. O porta-voz do rei aproximou-se do ancião e lhe perguntou pela pessoa que procuravam. O velhinho sorridente disse:

— Então é exatamente a mim que procuram. O que desejam?

O rei informado de que aquele velhinho era o criador de tão importante criação, não acreditou, não era possível pessoa tão singular ter inventado obra tão extraordinária. Deliberou conversar pessoalmente com ele, se fosse um charlatão certamente logo descobriria a verdade. Desceu de sua majestosa carruagem, aproximou-se do velhinho, cumprimentou com formalidade e educação, e lhe perguntou:

— Acabo de saber que o senhor é a pessoa que inventou o jogo de xadrez?

— Sim, Majestade! Quando jovem ainda, com as graças de Deus, tive a felicidade de inventar esse jogo considerado por muitos como sendo interessante.

— E mora aqui isolado neste fim de mundo?

— Não, Majestade, moro com alguns amigos e consideramos morar em um paraíso, cercado de vida e da alegria dos pássaros.

Contra esses fatos o monarca não encontrou argumentos para discordar. Decidiu ir direto ao motivo que o tinha levado até ali:

— Sou praticante do jogo de xadrez há muitos anos, através do tempo compreendi a profundidade dos recur-

— sos desse jogo, fiquei fascinado e passei a idolatrar tanto a criação como também seu criador. Como tive conhecimento de que ainda vivia, imediatamente deliberei vir para conhecê-lo. Gostaria de saber quanto recebeu por tão engenhosa descoberta?

— Nunca recebi nada pela minha descoberta. O reconhecimento de pessoas como Vossa Majestade significa muito para mim.

— Está me dizendo que não patenteou tal invenção e nunca recebeu nada?

— Exatamente, Majestade!

Nesse momento uma ideia pretensiosa e ambiciosa surgiu na cabeça do monarca, resolveu fazer uma proposta ao velhinho.

— Sou um rei muito rico, em meus celeiros descansam milhares de toneladas de grãos de trigo, quantia suficiente para aplacar a fome de uma nação por longo tempo. Seria capaz de abdicar a meu favor da autoria de tal invenção mediante pagamento?

O velhinho fitou o rei com simplicidade e respondeu:

— Estou velho, nunca ganhei nada nem pensei em ganhar dinheiro com essa invenção, mas como Vossa Majestade ambiciona pagar-me pelo direito de sua autoria, eu lhe proponho uma troca.

O rei não acreditava no que acabara de ouvir. O ego do rei considerava ser o homem mais privilegiado do mundo, estava na iminência de adquirir o título que considerava muito precioso, para obtê-lo estava disposto até a abdicar de sua coroa, entregar seu palácio, o reino

e tudo mais que possuía ao velhinho, mas não perderia a oportunidade de adquirir legitimamente, pelos seus meios, o bem mais precioso que julgava existir sobre a terra: ser reconhecido como sendo o criador do jogo de xadrez.

— O que quer em troca para conceder-me o direito da autoria dessa criação?

O velhinho, sem dar-lhe imediatamente a resposta, entrou em sua casinha e voltou trazendo em suas mãos um tabuleiro de xadrez:

— Vossa Majestade é um grande conhecedor e produtor de trigo. Observe que este tabuleiro é um quadrado, composto de 64 quadrados menores. Portanto, sou um conhecedor e produtor de quadrados, troco meu invento por trigo.

O rei começava a pôr em dúvida a racionalidade do ancião, mas decidiu ouvir sua proposta. O velhinho começou dizendo:

— Quero pelo primeiro quadrado apenas um grão de trigo, pelo segundo quadrado dois grãos, pelo terceiro quadrado quatro grãos, pelo quarto quadrado dezesseis grãos de trigo, assim elevando sempre ao quadrado sucessivamente até chegar à última casa, depois somar tudo. Eu quero exatamente o produto da soma dos sessenta e quatro quadrados em grãos de trigo.

O rei não acreditava, compraria a autoria da invenção por uma bagatela de grãos de trigo. Entre os assessores do rei existia um matemático, pessoa de total confiança, responsável por manter o rei sempre bem in-

formado sobre todos os números da vasta produção de seu império. Convocou-o para calcular o número de grãos necessários para pagar a dívida, depois efetuar o pagamento e se apossaria do título que tanto desejava. Imediatamente o matemático começou a trabalhar no cálculo. Depois de fazer alguns cálculos se manifestou dizendo:

— Majestade, vamos embora, essa dívida é impagável, em um século não produziríamos trigo suficiente para pagar uma fração desta dívida.

Humildemente o velhinho que acompanhava a distância, ouvindo a conclusão do calculista se aproxima do rei e diz:

— Majestade, suplico que perdoe a audácia de minha brincadeira. Infelizmente existem coisas que não podem ser compradas e outras não podem ser vendidas, da mesma forma existem coisas que também não podem ser calculadas. Considero-me um homem muito realizado por deixar para humanidade a ciência de um jogo que induz as pessoas a raciocinarem.

O rei, emocionado, desabafou:

— Perdoe-me por pensar no princípio que era um impostor, mas agora reconheço que é verdadeiramente o criador do jogo de xadrez. Foi um gênio na juventude e ao longo do tempo se tornou reconhecidamente um sábio. Estou convencido e honrado em ter tido a felicidade de tê-lo conhecido em pessoa. Eu que devo me desculpar por cobiçar algo que só pode pertencer ao seu criador. Que Deus o conserve e o abençoe para sempre.

E se despediram abraçando demoradamente. O rei estava feliz e tinha certeza absoluta de que aquele velho humilde era o verdadeiro criador do jogo de xadrez. Reconheceu que em sua negociação havia recebido um desconcertante xeque-mate.

25/11/2018

Deus Escreve Certo, Mesmo por Linhas Tortas

UM JOVEM REI QUE HÁ POUCOS meses havia se casado, esporadicamente convidava alguma figura ilustre ou amiga para conhecer a intimidade de seu modesto palácio. Certo dia convidou um senhor, velho conhecido de sua família. Diziam que esse senhor ocasionalmente tinha alguns pressentimentos ou visões e invariavelmente em pouco tempo essas premonições se confirmavam. A visita transcorria na mais perfeita normalidade, após conversarem e tomarem uma xícara de chá na companhia da jovem rainha, o rei convida o visitante para conhecer a intimidade de alguns aposentos da enorme residência, tudo muito bonito e organizado. Ao adentrarem um quarto que estava sendo preparado para acomodar futuramente os herdeiros do rei, o visitante

sente um pequeno lapso dos sentidos. Amparado pelo rei e pela rainha, rapidamente retorna às condições normais. Perguntam o que tinha lhe acontecido, meio sem jeito disse:

— Quando entramos no quarto, minha atenção foi atraída para o berço, alguma coisa me dizia que desse berço sairiam muitos reis e muitas rainhas.

O jovem casal ficou encabulado com aquela revelação espontânea, porque haviam se casado há pouco tempo e nem grávida ainda ela estava.

O tempo passava e a vida do nobre casal transcorria em harmonia e felicidade. Um dia a jovem rainha revela ao rei que estava grávida, lembraram-se da visão do velho conhecido e pensaram: deve ser nosso primeiro monarca que está a caminho. Sorriram e se abraçaram emocionados. Lembraram-se então do velho amigo que tinha se mudado para região bem distante e nunca mais apareceu. A gestação transcorreu em absoluta normalidade. Passado o tempo necessário a rainha entra em trabalho de parto, em poucas horas nasce uma linda menina. O jovem casal entendeu que a previsão do amigo vidente estava se confirmando, ele nunca falhava. Estavam muito felizes com a chegada daquela menina linda e saudável, mas o que mais esperavam era a chegada de um menino.

Passados três anos a rainha novamente entra em trabalho de parto, agora ansiosamente esperavam pela chegada do futuro rei. Para decepção de ambos, nascia novamente uma linda menina perfeita e saudável. E assim sucederam mais cinco gestações, mais cinco lindas

meninas nasceram naquele abençoado lar. O desejo de ver realizado o sonho da chegada do varão que tanto aspiravam infelizmente não acontecia. A rainha estava de certa forma triste, porque pressentia não mais poder ser mãe e essa possibilidade causava certa insatisfação em seu marido.

Depois do sétimo parto, como uma nova gestação poria em risco a vida da rainha, o rei deliberou que não mais teriam filhos. Agora a presença daquele berço o incomodava, infelizmente desta vez a premonição do velho vidente não havia se confirmado. Ordenou aos serviçais do palácio que dessem um sumiço nele, imediatamente descartaram o indesejável móvel. A rotina do palácio retornava à normalidade, A presença de sete encantadoras meninas, que cresciam em graça e beleza, lentamente ofuscava a passageira frustração dos pais. Assim, aquele acontecimento caiu no esquecimento da família real.

Um dia bate à porta do palácio o velho vidente amigo da família real. É bem recebido pelo rei e sua família, acomodados em confortável poltrona começam a conversar, lembrando antigos acontecimentos. Quando percebe somente a presença de meninas e mocinhas andando pela casa, pergunta ao rei e à rainha onde estão os meninos. Meio sem jeito, com cuidado para não ofender o velho amigo, o rei lhe revela:

— Infelizmente a premonição que o amigo teve naquele dia se realizou parcialmente, temos sete lindas meninas e nenhum menino.

O velho vidente não acredita no que ouve e pergunta:

— E o berço?

— Fiquei muito chateado com aquele berço, quando nasceu nossa última filha há seis meses, na impossibilidade de minha esposa ter mais filhos, mandei que sumissem com ele.

O velho vidente nesse momento pareceu desfalecer por alguns instantes, quando recobrou a consciência estava amparado pelo rei e assustou-se.

— O que me aconteceu?

— Sofreu por alguns instantes uma espécie de ausência dos sentidos.

Depois de tomar um pouco de água, disse:

— É necessário que localizemos o berço, somente ele poderá explicar o que aconteceu.

— O berço não existe mais, o melhor que fazemos é esquecer essa história para sempre. Para dizer a verdade, esse episódio ainda me chateia.

— Não, é necessário procurar e encontrar o berço.

Nesse momento uma serviçal que estava próxima, disse:

— Quando colocamos o berço para ser levado pelo serviço de limpeza, vi passar um senhor conhecido e levou-o.

— A senhora sabe onde mora essa pessoa?

— Sim, sei perfeitamente.

Nesse momento o vidente se levanta, toma o rei pelas mãos e suplica à serviçal:

— Pelo amor a Deus, leve-nos até a casa dessa pessoa.

Ato contínuo, foram os três andando em determinada direção, pararam em frente a um casebre, em que no fundo funcionava uma espécie de marcenaria.

Bateram palmas, apareceu um senhor que imediatamente foi reconhecido pela

Serviçal:

— Foi exatamente esse senhor que pegou o berço.

Ao reconhecer o rei de pé em frente a sua humilde casa, o carpinteiro se desespera. O rei calmamente lhe explica:

— Calma, amigo, estamos em paz. Apenas gostaríamos de saber se acaso há uns seis meses encontrou um velho berço jogado em frente ao palácio?

Nesse instante o carpinteiro readquiriu sua paz anterior e disse:

— Sim, encontrei um velho berço. Como estava exposto à coleta pública, entendi que me poderia ser muito útil.

— Que fez dele? – intercedeu o velho vidente.

Passado o susto inicial, o carpinteiro convida os três a entrarem em sua modesta casa. Entraram, sentaram-se em um espaçoso banco de madeira, e o velho carpinteiro começa a explicar:

— Ganho a vida construindo pequenos objetos com pedaços de madeira que encontro pelos caminhos. Quando encontrei o velho berço, percebi imediatamente a excelente qualidade de sua madeira. Como costumo construir peças para jogo de xadrez, aproveitei sua ma-

deira e construí peças suficientes para montar vários tabuleiros. Estão todas aqui neste velho baú, aguardando que encontre a tinta para pintá-las.

Arrastou o velho baú até próximo ao banco onde os três estavam sentados, puderam ver um monte de peças de xadrez artesanalmente construídas, entre peões, torres, cavalos e bispos, as rainhas e as emblemáticas figuras de muitos reis.

Dessa incrível forma, pôde-se confirmar a veracidade da vidência do velho amigo do rei.

“Deus escreve certo, mesmo por linhas tortas.”

26/11/2018

Profissões Ingratas

E SSES FATOS DEVEM TER OCORRIDO em época distante, perdida nas noites dos tempos quando a humanidade sofria as consequências da falta do conhecimento, a ausência de recursos e de leis que permitissem que a vida fosse exercida com o mínimo de dignidade. Porém, no desenrolar dessas historinhas singelas, perceberemos que as criaturas se cansam de conviver com práticas desumanas e por conta própria não se permitem continuar corroborando com esses ásperos costumes, frente aos fatos há de se reconhecer a existência da imprescindível necessidade da Lei do Progresso.

Quando a monarquia era o sistema político mais vigente, existia o Departamento de Administração, espécie de Recursos Humanos, pessoas cansadas de exercer uma profissão se dirigiam para obter autorização para ser transferidas para outra função, ou para ser definitivamente dispensadas da obrigação de prestar serviços ao reino.

Os três casos que iremos discorrer foram os únicos ocorridos naquele dia, nesse importante departamento. O funcionário encarregado pelas autorizações era pessoa habilitada que depois de ouvir as razões do solicitante tinha autonomia para conceder ou não o benefício.

O primeiro a se apresentar, um senhor de sessenta anos, ainda gozando a plenitude de seus recursos físicos, foi dizendo:

— Venho até este departamento pedir o desligamento de minhas funções por- que estou muito cansado.

O funcionário eficiente pergunta:

— Meu amigo, cansado de quê?

— Estou cansado de matar.

— Como assim, se explique.

Então o senhor com voz embargada, disse:

— Sirvo ao rei há quarenta anos, nesse período ininterruptamente exerço a função de carrasco da corte, perdi a conta de quantas pessoas executei nesse período, sinto minhas mãos sujas de sangue, meu coração e minha consciência não suportam que continue nessa função.

— Seu trabalho é um dos melhores, ultimamente raras são as execuções, o senhor ganha um bom salário para fazer praticamente nada.

— Pois é, me sinto cansado e prefiro o desemprego.

— Se esse é seu desejo, o seu pedido será deferido, não faltará candidato jovem para ocupar seu posto.

O senhor despediu-se. Agradecendo pelo bom atendimento prestado, saiu satisfeito.

O segundo a ser ouvido, um senhor com mais de sessenta anos, fisionomia cansada e abatida, disse:

— Venho aqui para solicitar meu desligamento, estou muito cansado.

— Meu senhor, cansado de quê? - pergunta o mesmo atendente.

— Cansado de ver morrer.

— Explique-se melhor, meu senhor – intercedeu o funcionário real.

Então o senhor com voz cansada, disse:

— Sou médico e desde que obtive licença para exercer a profissão sirvo ao rei, há mais de quarenta anos, mas me sinto vencido, a morte venceu-me, estou cansado de assistir às pessoas morrerem e não poder fazer nada, pois não dispomos dos recursos e aparelhos adequados, faltam medicamentos, faltam leitos hospitalares, falta-nos quase tudo, minhas mãos trêmulas, meus olhos cansados, sinto-me impotente, pretendo descansar durante os dias que me restam.

O funcionário experiente reconheceu o merecimento do direito do médico, deliberou:

— Se essa é sua vontade, considere seu pedido atendido.

O médico se despediu satisfeito.

O terceiro e último a ser atendido, um senhor de mais de sessenta anos, apesar de forte, apresentava problemas físicos, mancava ao caminhar, sentou-se na cadeira e disse:

— Estou aqui para solicitar meu desligamento do trabalho que executo há mais de quarenta anos. Estou muito cansado.

— Meu amigo, o senhor se cansou de quê?
— Estou cansado de matar e de ver morrer.
— Gostaria que me explicasse melhor para poder entender qual profissão é a sua.

— Como já disse, há mais de quarenta anos sirvo a coroa na qualidade de soldado do rei, por inúmeras vezes matei no cumprimento do exercício de minha função. Por inúmeras vezes vi morrer em meus braços colegas de trabalho, vítimas de assaltos, vítimas de acidentes, mulheres vítimas de agressões. Estou realmente cansado e estropiado.

O funcionário entendendo que seu trabalho naquele dia havia terminado, mas teria que cumprir integralmente seu horário, disse sem pressa:

— Soldado do rei, considere que sua missão está concluída. Gostaria de saber, o que pretende fazer agora?

— Agora pretendo ir morar com meu filho que reside muito longe daqui, às margens de um enorme rio, possui uma linda canoa e se ocupa em pescar. Quero ajudá-lo.

— Deus o acompanhe e seja feliz.

E saiu mancando de uma perna o soldado do rei, estava feliz por haver conseguido encerrar sua missão.

24/11/2018

O Não Que Ensina

NO FINAL DE TARDE AQUELES dois vizinhos se sentaram em frente as suas casas para aproveitar o frescor da tarde e observar o movimento da rua. Como eram muito amigos, gostavam de conversar e trocar algumas ideias. Falavam sobre os mais variados assuntos, como política, futebol, religião, economia, família, etc. Raramente suas opiniões divergiam. Quando isso acontecia, cada um aceitava o ponto de vista do outro sem problema.

Coincidentemente ambos tinham dois filhos quase da mesma idade, esses quatro jovens ainda não trabalhavam, apenas estudavam. Um dia, conversando sobre seus filhos, um dos pais começou a confidenciar ao amigo as dificuldades que estava encontrando para obter dos filhos o respeito e a compreensão que gostaria de receber e se justificava.

— O amigo sabe que não sou um homem rico, mas nunca deixei de dar aos meus dois filhos tudo que

desejassem, quando criança conseguia com mais facilidade atender suas vontades. Agora a situação é outra, as despesas são mais expressivas, como mensalidade de colégio, roupas e calçados, festinhas que estão começando a frequentar. Quando digo que não tenho dinheiro para realizar todas as suas vontades, me ofendem com seus argumentos desrespeitosos.

Como percebeu que o amigo pronunciou as últimas palavras com certo embargo na voz, revelando sentimento de contrariedade e tristeza, resolveu expor seu ponto de vista a respeito do problema.

— Também tenho dois filhos, como o amigo bem conhece, sempre fui um homem de poucos recursos, e meu ordenado de operário não permite extravagâncias. Desde o início, percebi que não teria condição de atendê-los em suas vontades, então teriam que aceitar essa condição desde pequenos e se acostumarem com ela, pois entendo que comer e vestir são prioridades. Sei que pronunciar a palavra “não” é mais difícil que dizer “sim”, mas a criança aceita as dificuldades com mais facilidade. Hoje meus filhos pouco me pedem, entendem que faço o máximo que posso por eles, já se preocupam em conseguir um emprego para terem seu próprio dinheiro e ajudar-me nas despesas da casa.

Como o amigo não contestou seu modo de criar os filhos, e de certa forma até demonstrava aprovação, continuou:

— Meu avô, um espanhol que sofreu os horrores da guerra, do desemprego e da fome, dizia ao meu pai que a

palavra NÃO é uma palavra divina. Foi inventada e muito usada por Deus. Relembrava as passagens bíblicas, quando Deus disse a Adão e Eva: “Não comerás o fruto da árvore proibida”. Ainda quando grafou a pedra a fogo, a Moisés, no Monte Sinai, onde sete dos Dez Mandamentos começam com a negativa absoluta da palavra não: “Não pronunciarás em vão o nome do Senhor, teu Deus. Não matarás. Não cometerás adultério. Não furtarás. Não levantarás falso testemunho. Não desejarás a mulher do próximo. Não cobiçarás as coisas alheias”.

— Quando era jovem e às vezes pedia alguma coisa ao meu pai, ele reprisava essa velha historinha, que acredito ser muito antiga, e meus filhos conhecem bem seus fundamentos.

Observou o semblante do vizinho, seu rosto denotava estar em profunda reflexão, talvez procurando nos escaninhos de sua imaginação, com base nos ensinamentos que acabara de ouvir, um argumento convincente para sensibilizar os filhos que os fizessem também refletir, exatamente o que DEUS queria que SEUS filhos fizessem quando fez SUAS salutares recomendações.

31/01/2019

O Mendigo Indigno

NÃO ME RECORDO SE CONHEÇO esta história de ter lido em algum lugar ou de ter ouvido de alguma pessoa que tem o hábito de realizar viagens internacionais, mas deve ter ocorrido em um país onde o mendigo desfruta de certas regalias da lei.

Um turista passeava por uma praça bastante movimentada, na região central de uma famosa capital de um país de primeiro mundo, quando observou um mendigo sentado em um banco pedindo, o que era uma cena rara. Então, resolveu colaborar depositando uma moeda em seu recipiente. Ao perceber que se tratava de turista, o mendigo chamou sua atenção para confidenciar alguma coisa:

— Caro estrangeiro, para que seu donativo tenha mais eficácia, gostaria que me castigasse com essa bengala, dando-me algumas pancadas leves nas costas.

O turista achou estranho aquele pedido, mesmo assim resolveu atender seu desejo. Tomou do bastão

do mendigo e começou a bater levemente em suas costas, o pedinte começou a gritar desesperado pedindo por socorro, um guarda que estava próximo viu a cena e veio socorrer. O turista tentava argumentar o que tinha acontecido, mas se encontrava detido por agressão, em flagrante delito.

Chegando à delegacia pôde contar a história com riqueza de detalhes ao delegado, porque tinha percebido que havia caído em uma armadilha. O que ouviu foi o seguinte:

— Aqui existe uma lei doméstica que penaliza agressores de mendigo. Quando acontece o flagrante como ocorreu com o senhor, obrigatoriamente o agressor deverá ser trazido à delegacia e obrigado a recolher uma tarifa de cem dólares para ser liberado. Cinquenta dólares serão recolhidos aos cofres do estado como tributo, e os outros cinquenta serão entregues ao mendigo a título de indenização.

O turista não acreditava no que estava ouvindo, aquela era a parceria mais ultrajante e desleal para surrupiar um turista desinformado. Pensava consigo mesmo, caso encontrasse outro mendigo que lhe fizesse a mesma proposta, atenderia novamente, mas dessa vez aplicaria as bengaladas para valer.

17/11/2018

Direito de Propriedade

EXISTIA EM UMA REGIÃO CENTRAL de uma grande cidade um reduto onde se aglomeravam, no final de cada dia, uns dez mendigos que de forma dispersa perambulavam por toda a cidade na árdua tarefa de angariar esmolas que garantissem sua sobrevivência. Ao final de cada expediente se reuniam e faziam o balanço do resultado da coleta do dia. Ali imperava extremo e rigoroso sentimento de egoísmo. Ninguém partilhava nada, era cada um para si e Deus por todos. Comportamento atípico praticado nessa categoria de trabalhadores, pois o normal é existir um ambiente de fraternidade e cooperação. Cada um tinha seu próprio enxoval: para dormir, um colchonete e coberta; para cozinhar, uma caçarola, prato, faca e garfo. Protegiam-se sob a marquise de um prédio abandonado onde dormiam e preparavam suas refeições. Aquele que conseguia algum alimento ali mesmo improvisava um fogareiro e cozia os alimentos.

Existia um mendigo ainda moço que era uma espécie de líder e muito respeitado pelos demais, devido a sua superioridade física. Uma tarde o jovem mendigo cozinhava uns miúdos de carne de gado que havia comprado. Do caldeirão fumegante exalava delicioso aroma de carne cozida. Um velhinho, seu colega, observava aquele cenário que lhe estimulava ainda mais a fome que o corroía, resolveu colocar dois pães duros que seriam seu jantar para que absorvessem e se umedecessem daquele delicioso vapor que fumegava do caldeirão alheio, para que se tornassem mais digeríveis. Flagrado em tal atitude pelo proprietário do caldeirão, foi severamente advertido alegando ser aquele ato uma invasão e um desrespeito à propriedade alheia, que só não lhe aplicava um corretivo em respeito à idade avançada. O velhinho, surpreendido com a repreensão do colega, tentava inutilmente argumentar que sua atitude em nada prejudicava a qualidade do conteúdo do caldeirão.

Aquela pequena discussão provocou certa comoção e constrangimento em todo o grupo, ninguém se manifestou, mas intimamente cada um tinha formado juízo próprio sobre o episódio, uns se posicionando a favor do proprietário do cozido e outros tomado partido em favor do usurpador do vapor alheio. O velhinho humilhado sentou-se em um banco improvisado e com dificuldade comia aquele pão que se tornou ainda mais indigesto. O mendigo moço de cócoras acompanhava in loco o cozimento de seu precioso jantar, aspirando com privacidade aquele vapor delicioso que por direito

lhe pertencia. Nesse momento entra em cena um terceiro mendigo, que havia assistido ao triste episódio, esse também de idade bem avançada. Aproxima do moço de cócoras e lhe pergunta em alto e bom som, para que todos ouvissem:

— O nobre colega permite que acenda em seu fogareiro meu cigarro de palha?

18/11/2018

Entre a Avaréza e o Orgulho

UM HOMEM MUITO AVARENTO e rico deixou por esquecimento sua bolsa recheada de dinheiro debaixo do banco da praça. Ao chegar a sua casa, para seu espanto, percebeu que inexplicavelmente havia perdido a preciosa bolsa. No momento ficou desesperado, puxou pela memória, fez um retrospecto do trajeto percorrido e se lembrou que poderia ter ficado debaixo do banco da praça, onde havia sentado para observar o movimento das pessoas. Imediatamente retornou à praça e sob o banco não havia mais nenhuma bolsa, perguntava-se como aquilo poderia ter lhe acontecido. Seu desespero consistia na expressiva soma de dinheiro que estava dentro da bolsa. Sabia com absoluta certeza que levava na bolsa exatamente um mil e duzentos reais. Não poderia suportar prejuízo tão grande. Resolveu anunciar o sumiço da bolsa nos meios de comunicação, anunciou no jornal e através de emissora de rádio, alegando ser uma

pessoa doente que necessitava do dinheiro para tratamento e remédios. Estava disposto a dar em forma de gratificação duzentos reais para quem devolvesse o bem. Fornecia seu endereço para que a pessoa o localizasse, fizesse a devolução e recebesse a gratificação.

Passados uns quinze dias, o senhor que havia encontrado a bolsa leu o anúncio no jornal, se comoveu e deliberou devolver, conferiu o numerário e constatou a existência de um mil e duzentos reais. Pensou consigo: se for pessoa necessitada e doente abrirei mão da gratificação, afinal foi sorte encontrá-la debaixo do banco da praça. Chegando ao endereço informado, pela imponência do imóvel percebeu que não se tratava de pessoa assim tão carente. Foi atendido pelo dono da casa, percebeu também que não se tratava de pessoa que estava doente. Informou-lhe o motivo de sua presença e imediatamente entregou a bolsa. Ato contínuo, o dono da casa passou a conferir o dinheiro, conferiu duas ou três vezes e disse:

— O senhor já retirou sua gratificação.

— Não – respondeu o visitante –, a bolsa está exatamente como encontrei.

— Não, quando a esqueci sob o banco da praça havia um mil e quatrocentos reais, portanto estão faltando duzentos.

— O senhor está insinuando que me apropriei de seu dinheiro.

— Não diria insinuando, e sim afirmando.

Assim iniciou uma pequena contenda entre as partes, que evoluiu a ponto de o avaro atribuir ao seu

benfeitor o título de ladrão desonesto. Para não chegar ao ponto de se agredirem mutuamente, o visitante sensato se retirou completamente arrasado. Não por ter deixado de receber a gratificação, mas por ter sido profundamente ofendido em sua honestidade.

A acusação de apropriação indébita não saía da cabeça do ofendido. Conversando com o delegado de polícia, seu amigo, com a intenção de se libertar daquela lembrança malfazeja, narrou em detalhes todo o desenrolar do acontecimento. O delegado, sujeito prático e determinado, especialista em questiúnculas, sugeriu:

- Vamos até lá agora e resolver essa pendenga.
- Não é necessário não, deixa para lá.
- Você não está com a verdade?
- Estou falando exatamente a pura verdade.
- Então o que temer?

Em poucos minutos os dois adentravam as dependências da luxuosa residência, apertaram a campainha e foram recepcionados pelo proprietário. Quando o rico reconheceu o delegado que se fazia acompanhado pelo benfeitor humilhado, perdeu completamente o controle emocional. O delegado, com sua competência profissional e com educação, sem deixar de lado a tática, começou dizendo:

— Estou aqui com esse senhor que encontrou sob um banco de praça uma bolsa com dinheiro contendo um mil e duzentos reais. Informado por um anúncio de jornal esteve nesta casa há poucos dias e lhe entregou o objeto achado, agora convive com um drama de consciência

que lhe acusa de ter devolvido o pertence à pessoa errada. Qual era o valor existente na bolsa que perdeu?

O homem submetido entre a verdade e a mentira, entre a ganância e o orgulho, tinha que se manifestar imediatamente. Sem capacidade de discernir a resposta que menos estrago faria aos seus interesses, respondeu:

— A bolsa que perdi continha um mil e quatrocentos reais.

O delegado, com a diplomacia que lhe era natural, continuou:

— Como o conteúdo da bolsa perdida não corresponde ao conteúdo da bolsa encontrada, convenhamos que não se trata do mesmo objeto, por isso gostaria que fizesse o obséquio de devolver a quem de direito, que assumirá a condição de fiel depositário até que apareça o verdadeiro dono.

Restou ao avarento somente a alternativa de devolver a bolsa e assistir ao fiel depositário conferir seu conteúdo. O delegado, com a civilidade que lhe era peculiar, agradeceu sua gentileza, desejando-lhe um bom dia.

No trajeto de volta, o fiel depositário pediu ao amigo que passasse em uma Instituição de Caridade reconhecidamente séria e idônea e, com a anuência do delegado, fez a doação integral do valor. Disse ao delegado que somente assim o caso estava definitivamente encerrado.

19/11/2018

O Livro da Vida

EXISTIA UM MENDIGO MALTRAPILHO que vivia da comiseração alheia, sempre de mau humor vivia blasfemando contra si e contra o mundo, maldizendo sua infeliz condição. Costumava conversar consigo mesmo e nesses colóquios se condenava dizendo que poderia ser o homem mais rico e feliz do mundo, mas por sua imprevidência merecia viver naquela situação humilhante. As pessoas o consideravam ser um doente mental por dizer coisas sem nexos. Seu comportamento sempre o mesmo se condenando sistematicamente. O que teria feito ou lhe acontecido para admitir ser culpado de sua desdita, teria alguma verdade por trás daquela insatisfação e revolta? Alguém decidiu investigar e descobrir o motivo daquele comportamento atípico, ao admitir que a culpa era somente sua. Que teria ele feito para se martirizar a esse ponto, ou seria realmente um caso de demência?! Nosso detetive, conhecedor da psicologia humana, sabia que o primeiro passo seria conquistar sua amizade e confiança, somente através de uma relação sadia lhe arrancaria a confissão da verdade.

Iniciou um lento processo de aproximação e demonstração de amizade. Quando sentiu que havia conquistado a confiança do mendigo infeliz, começou a argumentar que ele não devia blasfemar tanto, a vida é assim mesmo, uns têm sorte e outros têm a vida mais difícil, ele não era a única pessoa malsucedida no mundo, nunca é tarde para mudança de postura. No entanto, o mendigo insistia em dizer que Deus lhe havia dado a chance, mas não soube aproveitar. Limitava-se a lamentar que somente ele era o culpado por estar naquela difícil situação. O amigo o ajudava com argumentos consoladores.

Certo dia, inesperadamente, começou a relatar uma estranha história que, apesar de improvável, trazia verdades incontestáveis:

— Quando era jovem, talvez por falta de um amigo de verdade ou de orientação paterna, havia cometido muitos desatinos. Devido ao meu comportamento estouvado e inconsequente, tinha conquistado muitos desafetos, contraído muitas dívidas, credores me perseguiram, amigos me abandonaram, minha própria família me expulsou de casa.

Roguei a Deus, pedi apenas uma chance para mudar minha vida. Inexplicavelmente em um sonho apareceu-me uma espécie de anjo e disse-me: — “Existe em algum lugar o Livro da Vida, cada pessoa tem uma página exclusiva neste Livro, onde constam todas as coisas boas e más que te acontecerão. Eu te darei esta borracha e esta pena, em outros sonhos procurará pelo Livro, localizará sua página e poderá apagar os coisas ruins e

escrever no lugar tudo que desejar”. Nesse momento acordei e percebi ao meu lado uma borracha e uma pena deixadas pelo anjo.

Depois desse sonho comecei a mudar minha vida, passei a fugir dos meus desafetos. Em meus sonhos procurava pelo Livro, até que finalmente consegui encontrá-lo. O mesmo anjo do primeiro sonho era o guardião do Livro. Quando me viu, disse: “Terá pouco tempo para mudar seu destino, avie-se”.

Ao abrir o Livro, decidi procurar as páginas de meus perseguidores, apaguei os registros das coisas boas, deixei somente os coisas ruins. Quando estava apagando os registros do último desafeto, percebi que a capacidade de apagar da borracha havia se expirado. Nesse momento o anjo anunciou que meu tempo também havia se acabado. Nesse instante voltei de meu sonho, não estavam mais comigo a borracha e a pena.

Portanto, sou o único responsável pela condição miserável em que vivo, pois, em vez de utilizar o pouco tempo que tinha para desfazer-me de minhas mazelas, utilizei-o para destruir as poucas coisas boas que aliviariam o sofrimento de meus supostos inimigos, por isso a partir deste último sonho estou me sentindo infinitamente culpado. Poderia ter aproveitado a oportunidade para apagar meus erros pretéritos e solicitado as condições para quitar as dívidas presentes com todos meus credores.

O detetive, também conhecedor das Leis Divinas, havia compreendido que aquele espírito inconformado começou a entender o funcionamento dos desígnios do Alto.

— Nada está perdido, Deus sempre nos dará nova oportunidade, para isso temos a eternidade para nos redimir de nossas faltas, os recalcitrantes demorarão e sofrerão mais, porém um dia conseguirão entender e se libertarão.

Nesse momento o mendigo foi acometido de uma intensa crise de choro, depois de muito chorar perguntou:

— Por onde devo iniciar minha reforma?

E o investigador de almas, um médium espírita, disse-lhe:

— Pare de blasfemar, aprenda a orar, comece a trabalhar, reconcilie-se com sua família, pague seus credores, instrua-se sobre as verdades de Deus, e comece a ser feliz.

20/11/2018



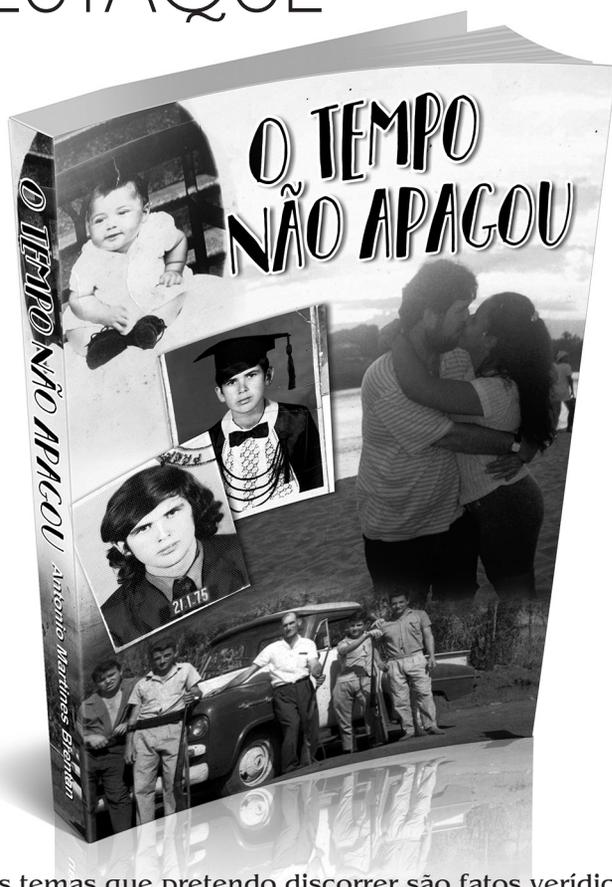
Quadrado Triabólico de 900 Casas

465 420 405 390 375 360 345 330 310 300 285 270 255 240 225 240 225 900 885 840 210 870 795 779 137 150 169 193 198 684
436 479 406 391 376 361 346 331 316 301 286 271 256 241 226 887 872 857 854 839 812 809 791 778 135 152 113 182 196 200
437 422 493 392 377 362 347 332 317 302 287 272 260 245 227 898 221 868 853 838 824 883 794 767 146 91 179 190 128 748
453 423 408 507 378 363 348 333 318 303 288 273 258 252 239 897 882 867 850 835 822 796 792 777 211 164 38 194 209 22
439 424 409 400 521 364 349 334 319 213 289 281 262 307 232 896 881 866 851 836 821 806 783 787 136 161 172 187 108 66
440 469 410 395 380 555 350 335 320 305 290 275 257 242 228 895 825 810 852 837 818 803 781 772 139 153 171 180 202 11
441 426 491 396 381 366 549 336 321 306 605 276 261 246 231 894 879 864 849 834 819 805 789 141 142 156 173 191 207 125
448 425 412 397 382 367 340 322 249 292 277 259 304 237 893 878 862 842 833 823 804 780 776 99 158 170 189 201 129
443 428 413 419 383 368 353 338 326 308 293 278 263 248 233 892 876 863 848 832 807 802 793 773 144 163 178 188 203 44
444 429 414 399 384 369 354 339 324 312 294 279 264 243 234 891 875 861 846 831 811 801 786 771 143 157 175 183 199 88
445 430 415 370 385 355 394 563 325 315 291 280 265 250 235 890 880 865 845 830 815 147 790 687 677 160 174 184 205 33
446 431 416 401 386 371 356 341 577 311 296 618 266 251 236 889 874 859 844 829 814 799 784 121 148 159 176 185 206 110
456 433 417 402 387 372 357 342 327 591 298 283 634 254 230 888 873 858 841 828 816 101 785 770 145 162 177 192 204 77
217 471 418 403 514 373 358 343 328 313 297 282 268 647 666 899 884 869 847 827 595 797 782 138 149 154 166 186 197 112
449 434 398 404 512 374 359 557 329 309 295 284 269 247 238 826 871 856 843 886 813 704 788 100 140 155 181 127 697 55
586 466 481 496 511 526 541 556 571 451 601 616 631 646 661 14 218 29 59 74 79 104 111 134 759 736 732 718 703 690
452 467 482 497 519 527 542 559 572 587 602 617 632 253 665 10 19 41 50 69 115 70 116 768 681 739 755 711 695 688
438 468 483 499 388 529 544 344 574 589 798 630 267 659 675 12 18 60 57 25 219 103 114 721 682 742 769 709 701 683
454 432 484 498 513 528 543 558 573 599 603 274 644 649 664 9 26 39 56 72 84 92 106 766 686 738 723 715 694 678
455 470 485 500 515 530 545 560 575 590 299 620 635 651 673 71 130 42 58 86 224 168 118 167 680 763 731 710 698 751
447 475 552 501 516 531 546 561 576 314 606 525 640 652 229 13 27 43 53 73 442 216 109 222 725 760 757 727 817 745
457 472 487 502 517 532 547 562 323 592 607 622 637 650 662 8 23 36 24 68 122 604 120 54 676 737 734 708 691 726
458 473 488 503 518 533 548 337 578 593 608 623 638 653 668 7 223 37 52 67 83 97 80 133 877 746 730 707 692 750
490 474 489 504 389 534 393 564 579 654 609 624 639 594 669 5 21 96 85 81 89 215 119 774 705 741 724 706 214 720
460 427 459 505 520 365 550 565 580 820 610 621 636 655 670 6 30 20 51 65 95 208 102 126 693 764 756 728 696 717
461 476 551 506 379 536 411 566 581 596 611 626 641 656 671 4 131 34 49 64 87 132 220 151 689 743 758 752 702 716
462 477 486 351 522 537 492 567 582 597 612 627 642 660 672 3 117 35 48 63 78 94 93 195 761 747 733 719 753 775
463 478 244 508 583 538 553 568 588 598 614 628 643 657 663 2 16 32 47 62 76 407 107 123 679 740 722 713 699 749
523 421 509 554 464 539 613 569 584 524 494 629 633 648 667 1 28 31 45 61 212 98 82 124 762 744 729 712 700 800
435 480 495 510 525 535 615 570 585 658 540 619 645 600 674 0 17 40 46 15 75 165 90 105 754 765 735 714 685 808

Observação: A soma dos trinta valores das colunas horizontais, verticais e transversais são equivalentes. A exemplo dos quadrados mágicos apresentados em meu primeiro livro, e ao quadrado diabólico, apresentado em meu segundo livro, o quadrado acima foi batizado com o nome de triabólico. Faço oportuno comunicar que já está concluído meu quadrado tetrabólico de mil e seiscentas casas. Lamento comunicar que esse último não será possível publicar, só seria possível através de caracteres tão minúsculos que somente poderiam ser lidos com o auxílio de uma lupa. Aproveito para dizer que montar um quadrado desses é uma excelente terapia, exige somente tempo e paciência. Estou cogitando construir um último quadrado, cujo nome seria pentabólico, teria duas mil e quinhentas casas, para isso imagino que terei que comprar no mínimo dez calculadoras para suportar as incontáveis simulações.

20/03/2018

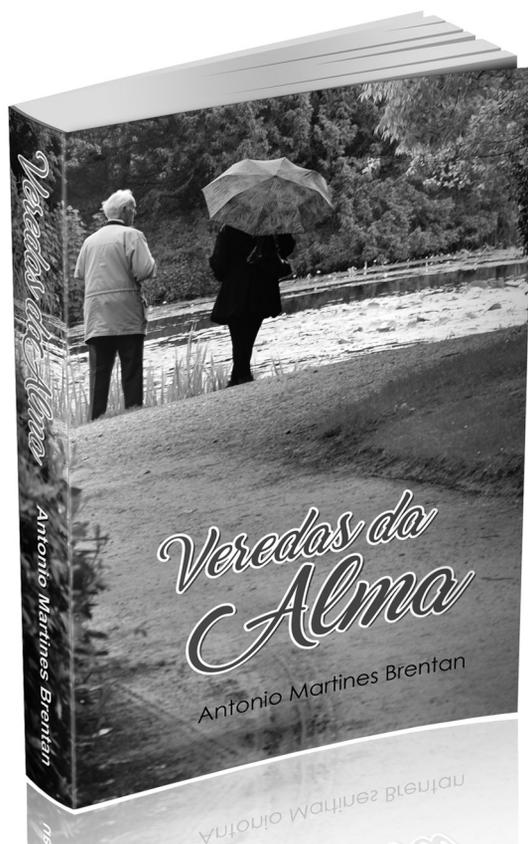
DESTAQUE



Os temas que pretendo discorrer são fatos verídicos, comuns na vida de qualquer pessoa, mais o que mais me emociona é que eles de certa forma envolveram pessoas muito queridas e que muitas delas já não se encontram junto de nós para testemunhar os ocorridos, graças a Deus à maioria ainda se encontram no caminho, e poderão recordar com saudades, caso suas mentes não deixaram apagar, como sempre nos acontece.

Esses fatos aconteceram no período de minha infância e adolescência, envolvendo principalmente nossos familiares e colegas de escola, não são nada extraordinários, mais de certa forma marcaram indelevelmente minha memória, e no fundo ensinou-me muito.

DESTAQUE



O conteúdo desses relatos tem como finalidade tornar pública uma série de acontecimentos e experiências que começaram a surgir em minha vida após a cirurgia cerebral a qual fui submetido no dia 13 de agosto de 1991. Posso dizer que esse procedimento, sem nenhuma dúvida, permitiu que eu continuasse vivendo e, com a graça de Deus, pude, ao lado de minha esposa, acompanhar o crescimento e o desenvolvimento de nossos três filhos: Maurício, Clarissa e Fernando, que hoje muito nos orgulham. Posso dizer ainda que esse fato foi um divisor de águas, que proporcionou a minha vida duas fases distintas, antes e depois.





Impressão e Acabamento:



viena
*gráfica &
editora*

VIENA GRÁFICA & EDITORA.
Av. Dr. Pedro Camarinha, 31
Santa Cruz do Rio Pardo-SP
T: (14) 3332.1155
www.viena.ind.br